Monografia do Movimento Associativo do Município da Moita

I

Baixa da Banheira
Vale da Amoreira

Câmara Municipal da Moita

Ficha Técnica:

Título:
Monografia do Movimento Associativo do Município da Moita,
I volume, Baixa da Banheira e Vale da Amoreira
(título da edição de 1998: Monografia do Movimento Associativo Banheirense)
Autor:
José Rosa Figueiredo
(actualização e revisão: **Vitor Pereira Mendes**)
Capa:
Vitor Moinhos
Arranjo gráfico:
Belgráfica, Lda.
Edição:
Câmara Municipal da Moita
Departamento de Acção Sócio-Cultural
Exemplares:
1000
Impressão:
Belgráfica, Lda.
Depósito Legal 171854/01
Distribuição Gratuita

Monografia do Movimento Associativo do Município da Moita

I
Baixa da Banheira
Vale da Amoreira

Câmara Municipal da Moita
2001

Preâmbulo

Promotor de múltiplas actividades culturais, recreativas e sociais, temos tido, ao longo dos anos, no Movimento Associativo, a nossa força congregadora das vontades populares, fiel parceiro na prossecução do desenvolvimento que o Município da Moita conseguiu já atingir.

É, pois, com inteira justiça que se vê a necessidade de deixar na memória de todos muitas das suas realidades que, no desenrolar dos anos, foram sendo implantadas, passo a passo, amigo a amigo, sócio com sócio, com muita perseverança e dedicação, por grupos de homens e mulheres que tiveram a perspicácia de perceber que a vida em comunidade é sempre necessária.

Hoje, não menos que ontem, com outras dificuldades que o quotidiano nos impõe, é a vontade dos associativistas que fará com que este grande "Movimento" tenha sempre um futuro continuado.

E de tudo isto se trata nesta Monografia do Movimento Associativo, com este 1º volume renovado e dedicado às freguesias da Baixa da Banheira e Vale da Amoreira, com revisão do nosso técnico, antropólogo Vitor Mendes, que recolheu, junto das respectivas colectividades as histórias que aqui tão bem conseguiu apresentar.

Em representação da cultura, do desporto, da educação, da saúde e da acção social da Câmara Municipal da Moita, quero deixar expressos os meus sinceros agradecimentos a todos que, mostrando a sua disponibilidade, contribuiram com os seus conhecimentos ou documentação para a obra que aqui vos apresentamos. Estes agradecimentos estendem-se também ao nosso artista Vitor Moinhos que mais uma vez se disponibilizou para nos oferecer a maravilhosa capa deste volume – já o tinha feito no 2º e 3º volumes – e ainda à equipa técnica do Departamento de Acção Sócio Cultural que contribuiram para a sua realização.

Nesta última fase de mandato e deste meu 3º e último ciclo de vida autárquica que de 4 em 4 anos é avaliada pelas populações, deixo ainda o meu regozijo por ver reforçada a maravilhosa história do Movimento Associativo do Município da Moita com a certeza de que a envolvência com os Organismos Populares de Base foi uma essência da minha passagem como eleito na Câmara Municipal da Moita.

Para todos os Associativistas.

Com Saudação.

Vereador

José Manuel Lopes Fernandes

Preâmbulo da 1ª edição

Com o desenvolvimento progressivo do Município da Moita, muitas têm sido as realidades sócio-culturais que a Câmara Municipal tem promovido para o enriquecimento das suas populações. Desenvolvimento que se procura harmonioso e envolvente, crescente e criativo. Para o conseguirmos, muito têm contribuído as Associações Populares que temos a felicidade de ver implantadas na nossa terra.

O Movimento Associativo, escolas vivas da democracia popular, tem sido, e são, um

baluarte sócio-cultural que teremos sempre de preservar. Enaltecê-lo é uma obrigação e é nesse sentido que aqui lançamos a Monografia do Movimento Associativo no Município da Moita. Neste primeiro volume, da autoria de José Rosa Figueiredo, estão registadas as Associações da Vila da Baixa da Banheira. É o início de um trabalho que anualmente terá de ser continuado, até que nele estejam incluídas todas as existentes neste maravilhoso Concelho da Moita, à beira Tejo implantado e onde dá gosto viver.

Vereador

José Manuel Lopes Fernandes

Bibliografia de José Rosa Figueiredo

José Rosa Figueiredo nasceu no Barreiro em 26 de Novembro de 1922, tendo-se radicado na Baixa da Banheira em 1939 onde constituiu família.

Foi operário metalúrgico na extinta Companhia União Fabril, para onde entrou em 1936, tendo sido uma das vítimas das greves, nesta empresa, em Julho de 1943, pois esteve preso no forte de Caxias cerca de um ano e despedido, da mesma, logo após a sua libertação em 1944.

Trabalhou então como metalúrgico em diversas oficinas em Lisboa e, como escriturário nos Serviços Municipalizados da Câmara Municipal do Barreiro, vindo a fixar-se, em 1959, na Siderurgia Nacional onde, durante 25 anos, desempenhou funções de Fiscal de Montagem das estruturas metálicas e, depois, Inspector de Segurança do Trabalho e Técnico de Formação na mesma especialidade.

Graças à sua dedicação às letras foi coordenador do boletim "CONVÍVIO" do Clube de Pessoal da Siderurgia Nacional onde desempenhou também o cargo de Vice-Presidente da Direcção para as actividades culturais.

Principiou, em 1938, a colaborar, em prosa e em verso, na imprensa, nos periódicos Jornal O Barreiro, Jornal do Barreiro, A Voz do Barreiro, Gazeta do Sul, A Província, Setubalense e Distrito de Setúbal. Foi também correspondente, nesta Vila, dos diários O Século e a Capital.

Ainda na imprensa, dirigiu os jornais (números únicos) "BANHEIRENSE", Maio de 1954 – comemorativo do 5º Aniversário do Clube União Banheirense; A BAIXA DA BANHEIRA, Junho de 1959 – comemorativo da Festa em Honra de S. José Operário da Baixa da Banheira; "O GINÁSIO", Junho de 1966 – comemorativo do 28º Aniversário do Ginásio Atlético Clube; "A BAIXA DA BANHEIRA", Maio de 1967 – comemorativo da criação da Freguesia da Baixa da Banheira; "BAIXA DA BANHEIRA", Abril de 1981 – comemorativo do 7º Aniversário da Revolução de 25 de Abril (edição da Junta de Freguesia) e editor de o "CONDE BARÃO", Maio de 1957 – comemorativo dos 25 anos da Garagem Conde Barão, de Lisboa.

Como corolário de tudo isto foi, durante 10 anos, director do primeiro jornal periódico que se publicou na Vila da Baixa da Banheira: "A VOZ DA VILA", de

Junho de 1986, data em que se iniciou a sua actividade, até Maio de 1996, em que suspendeu a sua publicação. É também director, logo a partir do nº3 do periódico "JORNAL DA VILA" que sucederia áquele, nesta localidade. Para além da actividade jornalística é também autor de vários livros dos quais se destacam em verso: POEMAS DAS ALGEMAS QUEBRADAS e POEMAS DA MADRUGADA que são gritos à repressão fascista no nosso País e, em prosa, A ENCRUZILHADA SOCIAL DO PROLETARIADO e a obra de ficção, AS GRADES E A EVOLUÇÃO. Relatou também a luta do Povo desta Vila contra o regime salazarista em CONTRIBUTOS PARA A HISTÓRIA DA LUTA ANTI-FASCISTA, na Baixa da Banheira e PÓLENS DA LIBERDADE, análise sucinta de algumas revoltas dos oprimidos na História do Mundo. Publicou ainda dezasseis biografias a que deu o nome de CELEBRIDADES QUE O TEMPO NÃO APAGA, VERDADES SOBE A SEGURANÇA DO TRABALHO e COTOVELADAS, obra em verso e prosa que são transcrições de trabalhos dispersos por vários periódicos, em defesa da Baixa da Banheira. Na Siderurgia Nacional editou cerca de trinta opúsculos sobre a segurança do trabalho. Porém os seus trabalhos de maior profundidade foram a monografia "A BAIXA DA BANHEIRA ATÉ AOS NOSSOS DIAS" e "70 ANOS DE VIDA DO FUTEBOL CLUBE BARREIRENSE", relato da vida do mais prestigioso clube desportivo do Barreiro. José Rosa Figueiredo cuja descendência é banheirense, é um defensor dos valores desta terra que viu nascer, tendo pugnado por ela, não só na imprensa como também em diversas comissões que junto das autoridades competentes exigiram os melhoramentos indispensáveis para esta terra. Em 1959 foi um dos mais entusiastas organizadores do Núcleo Amigos da Baixa da Banheira de que foi seu presidente. Foi ainda presidente do Conselho Municipal enquanto aquele orgão existiu no nosso município.

Associativista dedicadíssimo, fez parte dos corpos gerentes de algumas colectividades desde vogal a presidente da assembleia geral, foi também bibliotecário da Sociedade Democrática Barreirense "Os Franceses" no Barreiro, em 1938, fundador da biblioteca do Ginásio Atlético Clube, em 1940, da biblioteca do Clube União Banheirense O Chinquilho, em 1952 e bibliotecário na Associação Portugal Povos Socialistas (Núcleo da Moita).

Revelando o seu amor à cultura, foi, de parceria com João Mouzinho, Francisco Varela e outros, criador dos Cursos Liceais do Ginásio Atlético Clube que funcionou, naquela colectividade antes do 25 de Abril de 1974.

Prólogo

Disse Aristóteles, filósofo grego 383-322 AC "QUEM SE ISOLA OU É DEUS OU É FERA".

Desta maneira, como o homem não é Deus nem fera, justificando o adágio de Aristóteles, manifestou-se, desde sempre, um ser gregário, sendo o associativismo a prova bastante de quem o homem não pode viver isolado.

A Baixa da Banheira é uma terra recente. Nasceu, como aglomerado populacional, em meados de 1935 e, portanto, o seu associativismo é contemporâneo, contudo riquíssimo em todos os aspectos, sobretudo em número e dedicação dos seus associados.

É pois sobre as colectividades banheirenses que, neste volume nos iremos debruçar, mas apenas sobre as de Cultura, Recreio e Desporto, deixando as demais para um outro volume a publicar posteriormente.

Não se trata propriamente de um livro de pesquisa mas mais memoralista, estendal de casos e peripécias dignas de menção, algumas das quais vivi, fluido de impressões e de ocorrências arrancadas adentro das nossas colectividades, sonhos de tantos obreiros que, sem o saberem, se notabilizaram ao erigi-las com o seu trabalho e dedicação. Todos eles fizeram ou fazem ainda parte do nosso quotidiano, muitos

vivos ainda, outros pertencendo já ao passado mas que deixaram nas nossas colectividades um rasto tão vivo e tão intenso que os vindouros jamais se esquecerão. Infelizmente omitirei aqui o nome de alguns o que é perfeitamente natural pois não se trata de uma recolha meticulosa e as informações recolhidas são por vezes insuficientes.

Porém a verdade será sempre indiscutível porque o que é claro explica-se por si próprio e só o escuro carece de clareza embora por vezes se enrede de tal maneira o que é fictício e o real que acabe por confundir o que é histórico e o que é ficção.

Assim as minhas felicitações à Câmara Municipal da Moita e particularmente ao Departamento de Acção Sócio-Cultural que em tão boa hora mandou escrever a história das colectividades moitenses a que chamou "Monografia Associativa do Nosso Concelho", sendo este o seu primeiro volume.

A terminar, aqui deixo a minha modesta achega na história das colectividades da Vila da Baixa da Banheira, lamentando que a minha insuficiência me não permitisse ilustrá-la como é o seu merecimento.

José Rosa Figueiredo

Freguesia
de
Baixa da Banheira

Salto.

ASSOCIAÇÃO DE PARAQUEDISTAS DO SUL

Embora se proponha a desenvolver outras actividades desportivas e culturais, a Associação de Paraquedistas do Sul, foi fundada em 25 de Fevereiro de 1987, com os seguintes fins, segundo o artº 2º do Regulamento Interno: "...o desenvolvimento de actividades culturais, desportivas e recreativas, tendo como principal a prática do paraquedismo, contribuindo assim, para a sua maior expansão". A Associação de Paraquedistas do Sul é uma instituição específica e invulgar pois a sua primordial função é o paraquedismo a que se tem dedicado de maneira admirável tendo, durante os seus mais de 10 anos de existência, formado já mais de duas centenas de paraquedistas, de ambos os sexos, sobretudo nos escalões jovens, causando a maior admiração entre os banheirenses, quando participa na nossa vila em demonstrações de paraquedismo, tendo-o feito também por todo o país.

Em 1988 foi-lhe concedido autorização pela Direcção Geral da Aviação Civil, para a criação de uma Escola de Paraquedismo Desportivo, única reconhecida no Distrito de Setúbal.

Esta Associação é membro fundador da Federação de Paraquedismo, entidade que detém actualmente todos os poderes administrativos da modalidade.

Esforçando-se por se fazer representar

Cartazes das provas organizadas pela Associação de Paraqueditas do Sul.

em quase todas as provas e torneios nacionais da especialidade, tem levado o nome da Baixa da Banheira pelo país fora. Para além da sua principal actividade desportiva, pratica outras modalidades, nomeadamente o tiro ao alvo (carabina de ar) e tem colaborado desde a sua formação com as autarquias locais, sobretudo nas comemorações do 25 de Abril, onde além de saltos promove passeios de helicóptero, exposições, demonstrações, pinturas infantis, actividades de animação e provas desportivas.

Presentemente a sua sede é no nº4 da rua Padre José Feliciano 1º Fr. em instalações cedidas pela Associação Iury Gagarine.

Foi o ex-paraquedista militar Macedo, quem teve a iniciativa da formação da

Equipa da Associação de Paraquedistas do Sul.

Associação. Após bastantes contactos pessoais e algumas reuniões, organizou-se o 1º Encontro de Ex-Paraquedistas em Paio Pires, no dia 5-3-85. Neste convívio organizou-se também um encontro de futebol de salão, no Pavilhão da Siderurgia Nacional, e foi um extraordinário passo onde se fizeram contactos importantes para formar uma Comissão Provisória que conduziria à criação da Associação.

Essa Comissão, passou a reunir nas instalações da Cooperativa de Consumo, numa sala cedida para o efeito, na rua António Sérgio, Nº82, 2º na Baixa da Banheira.

Aqui foi decidido construir finalmente a Associação de Paraquedistas do Sul a exemplo da Associação de Paraquedistas do Norte já sediada na Cidade do Porto. Contactada a Aeronáutica Civil, entidade oficial responsável por esta actividade, esta veio a indeferir o pedido e portanto a atrasar a sua formação.

No entanto, fazendo jus ao lema dos paraquedistas, "Que nunca por vencidos se conheçam" Jacinto Macedo foi incumbido de contactar a Associação de Paraquedistas do Norte para estudarem a possibilidade de criarem aqui, a Associação de Paraquedistas do Sul. Nesses contactos, admitiu-se criar na Baixa da Banheira uma delegação da Associação de Paraquedistas do Norte que aquela Asso-

Salto.

Aterragem.

Prova de precisão.

ciação aprovou em reunião, conforme está exarada na sua acta nº 31.

A 30-11-85, realizaram-se eleições para os orgão directivos da Delegação do Sul da Associação dos Paraquedistas do Norte que ficou assim constituída: Presidente da Direcção – Jacinto Macedo Vice-Presidente – Vitor Reinaldo Secretário – Vitor Tábuas Secretário – Silvério Faustino Tesoureiro – Luís Santos Vogais – José Bucho, António Peres, José Pereira, Armando Contente, Flávio Ladeira, António Casaleiro, Fernando Pinho, Carlos Cabanas.

Deste acto foi dado conhecimento às seguintes entidades oficiais: Câmara Municipal da Moita, Câmara Municipal do Barreiro, Corpo de Tropas Paraquedistas e Estado Maior das Forças Armadas. De seguida, organizou-se um almoço-convívio de ex-paraquedistas, na ex-cordoaria do Nicola, no Barreiro, onde compareceram cerca de 300 pessoas. Logo a seguir realizou-se a primeira exposição estática aérea e terrestre, sobre paraquedismo, no salão da Cooperativa de Consumo e com apoio do Corpo das Tropas Paraquedistas.

Mais tarde realizou-se o 1º Torneio de Tiro ao Alvo (carabina de ar) nas instalações da Sociedade Recreativa União Alen-

tejana da Baixa da Banheira e com todo este movimento, considerou-se que era a altura para legalizar a Associação para o que foram mandatados Jacinto Macedo, Vitor Reinaldo e Silvério Faustino que, em 25-2-87, conseguiram o registo notarial no Cartório da Moita e finalmente a sua publicação em Diário da República.

A sua bandeira, em pano com um fundo azul celeste com um círculo em amarelo, sendo o seu interior em azul forte e celeste com meia águia e meio paraquedas em branco e letras a preto, tendo como divisa "Louvar dos nossos a glória".

Após feita a escritura e a publicação em D.R., foram realizadas eleições para os novos corpos gerentes para o biénio de 87/90, que ficou assim constituído: Direcção – Jacinto Macedo, Vitor Reinaldo, Luís Santos e Flávio Ladeira. Assembleia Geral – Vitor Tábuas, António Peres, Cabanas Lebre. Conselho Fiscal – Vitor Grazina, António Casaleiro, Pinto.

Esta direcção procedeu então à apresentação da sua actividade às mais diversas entidades, recolhendo de todas elas manifestações de muita amizade e alegria. Participou na organização da 1ª Corrida Pedestre Carregueira – Tancos e no Rali Paper dos Serviços Sociais da Câmara do

Dobragem dos paraquedas.

Animação em dia de paraquedismo. No Parque Zeca Afonso.

Barreiro onde arrecadou os seus primeiros troféus.

Em 1988, promoveu um almoço no restaurante "Acordeon" na Fonte do Feto, comemorativa do 1º Aniversário da Associação e para o qual convidou: Junta de Freguesia da Baixa da Banheira, Cooperativa de Consumo, Sr. Brigadeiro Armindo Vieira, jornalista Fernando Pessa, Associação de Paraquedistas do Norte e Corpo de Tropas Paraquedistas.

Este almoço culminou com um torneio de tiro ao alvo e mais tarde foi realizada uma exposição estática sobre paraquedismo em Alcácer do Sal, cujo êxito levou a que se iniciassem os contactos para a criação de uma Escola de Paraquedismo, que se veio a concretizar, sob a direcção do sargento paraquedista, no activo, Fernando Lavos.

Cerca do final do ano, realizou-se a 2ª experiência estática nas instalações da Cooperativa e criou-se a 14-12-88 a delegação de Évora desta Associação, conforme acta Nº 13 da mesma data, que ficou assim constituída: Presidente – Manuel Carvalho Vice-Presidente – Manuel Geada Secretário – Jerónimo de Jesus Secretário – Manuel Garcia Tesoureiro – Joaquim Bilro.

No ano seguinte, comemorou-se o 2º aniversário no restaurante Maelma no Vale da Amoreira, onde participaram além das autarquias locais, o Brigadeiro Paraquedista Armindo Vieira, o Tenente Coronel Araújo e Sá, Associação de Paraquedistas do Norte, António Bilro, presidente da Delegação do Sul, Srª Isabel Rilvas. Durante o decorrer do almoço, que teve cerca de 250 pessoas, foi feita a entrega de brevets do primeiro curso de paraquedismo onde pela primeira vez uma mulher banheirense (Vanda Pereira) foi formada. Claro que também se realizou a tradicional prova de tiro ao alvo, onde participaram algumas mulheres, Belizanda, Sandra Margalho, Anabela, Sonia Marinho. De realçar que a equipa masculina composta por Carlos Cabanas, Vitor Reinaldo, Manuel Carreto, Floriano Santos, Mário Santos, António Mendes, veio a obter o 3º lugar no Campeonato Nacional por equipas na modalidade.

Depois de muitas manifestações do género, participou na festa dos trabalhadores dos transportes urbanos do Barreiro, Aveiro, Braga, Bragança, Portalegre, Porto e Coimbra com um conjunto de saltos no

Salto.

Aterragem.

Estádio Alfredo da Silva em 10-06-89.

Para o Triénio 90/93 foram eleitos os seguintes directores: Direcção Jacinto Macedo, Vitor reinaldo, Vitor Tabuas, Silvério Faustino, Luís Santos, José Bucho, António Peres, José Pereira, Armando Pereira, Flávio Ladeira, António Casaleiro, Fernando Pinto e Carlos Cabanas. Assembleia Geral: António Peres, Cabanas e Manuel Carmo. Conselho Fiscal: Vitor Grazina, Vitor Reinaldo e Afonso Morais.

Mais uma vez foi promovido no restaurante Maelma, desta vez, não só com a prova de tiro mas também com saltos de demonstração em vários locais. Por esta altura a cooperativa de consumo encetou obras na sua sede social e então a Associação passou a funcionar nas instalações do Ginásio Atlético Clube, na rua de S. José e Príncipe, Nº 74, gentilmente cedidas por aquela colectividade. Foram continuando a realização de vários cursos e os sócios da associação, Bilro, Franco, Vaza, Kurgue, Lavos e Floriano Santos organizaram na herdade do Conde de Cabral, em Alcochete, várias iniciativas: Saltos, Tiro, Garraiada, etc., que se tornaram numa boa jornada de convívio.

O 4º aniversário comemorou-se em Benavente onde mais uma vez estiveram presentes as autarquias locais, Sr. Brigadeiro do Corpo de Tropas Páraquedistas, Tenente Coronel Oliveira, Ginásio AC. Neste ano foi criada a 2ª delegação da Associação de Paraquedistas do Sul, no lugar da Lombardeira, Freguesia de Maxine, Concelho de Torres Novas que ficou assim composta: Presidente – Tenente Coronel João Albuquerque Vice-presidente – Agostinho Ferreira Secretários – Henrique Clemente e Francisco Paulino Tesoureiro – João Ricardo.

Em 1992 realizou-se a 1ª corrida de toiros dos paraquedistas na praça de touros do Montijo, onde foram entregues prémios aos toureiros e a uma equipa de pegadores todos ex-paraquedistas. No Ginásio A.C.. Realizou-se a eleição dos corpos gerentes para o triénio 93/96 que ficou com a seguinte constituição: Direcção – Jorge Rosário, Vitor Reinaldo, António Melo, Pedro Pimentel, Manuel Carvalho, António Franco, Aníbal Alves, Manuel Carreto, António Casaleiro, António Franco, Carlos Batista, Carlos Gonçalves. Assembleia Geral – António Santos, José Vaza e Manuel Silva. Conselho Fiscal – Mário Santos, António Casaleiro e Carlos Batista.

Neste ano a Associação volta a classificar-se em 3º lugar no campeonato nacional de tiro ao alvo em carabina de ar e o sr. Francisco Silva passa a ser o novo instrutor de paraquedismo em substituição de Fernando Lavos.

Mais uma vez se comemora o aniversário da Associação, o 6º, em Rio Frio, com a presença das autarquias, Tenente Coronel Almeida Martins, e presidentes das associações de paraquedistas de Setúbal, Seixal, Almada e Loures, representantes do Rádio C. Da Moita e Correio da Manhã. Novamente se realizou o torneio de tiro que teve a participação de uma equipa da PSP, além de saltos, asas delta, etc.

Também neste ano se realizou a 2ª corrida de touros dos paraquedistas em Setúbal, e foi feita a cerimónia da prova de "rancho" pelo Tenente Coronel Paraquedista Almeida Martins, recordando os tempos da vida militar e foi feito uma homenagem aos paraquedistas mortos.

No 7º aniversário, promovido em Alcochete, estiveram mais uma vez presentes as autarquias, o Tenente Coronel Parquedista Saraiva, que decorreu em ambiente de alguma tristeza pela morte recente do ex-presidente da Associação, sr. Jorge Rosário, falecido num salto de paraquedas, ao qual também foi prestada uma homenagem póstuma.

Após alguns contactos com o presidente da Junta de Freguesia da Baixa da Banheira, presidente da Câmara de Alcochete e outra entidade para a obtenção de

uma sede social, preparou-se o 8º aniversário que teve como é hábito a presença das mesmas entidades além do Ten. Cor. Paraq. Avelar de Sousa e onde foram agraciados com a condecoração especial o associado mais velho (Cabanas), o associado Franco pelos relevantes serviços prestados à Associação, além da entrega de brevets aos novos paraquedistas. No final do ano foi realizado o maior curso de paraquedismo da Associação de onde se destacou António Melo, de 53 anos de idade, que completou o respectivo curso e recebeu o brevet.

O 9º, 10º e 11º aniversário foram realizados nas instalações da Associação de Reformados "Norte" da Baixa da Banheira em ambiente muito festivo e com os convivas habituais.

Entre as diversas iniciativas da Associação Paraquedismo do Sul conta-se a organização da Taça de Portugal – Precisão de Aterragem, que habitualmente decorre no Parque José Afonso, Baixa da Banheira. Prova que desde há três anos já integra o calendário nacional da modalidade.

Os actuais corpos gerentes, triénio 1999/2002, são constituídos por António Alves dos Santos (presidente da Assembleia Geral), José Victor dos Santos Tábuas (vice-presidente), António Augusto Alves Carvalho (secretário), José Coelho Coisinhas (presidente da Direcção), António Adriano Barradas Ventura (vice-presidente), João Paulo Santos Teles Mendes (tesoureiro), António Joaquim Guerreiro Melo (secretário), Jacinto Augusto Oliveira Silva Macedo (vogal), António José Oliveira Franco, Manuel Agostinho Branco Carvalho (vogais), Mário Rodrigues Santos (presidente do Conselho Fiscal), António Nogueira Felício (secretário) e António Augusto Carmelo Grazina (relator).

Sede.

BANHEIRENSE FUTEBOL CLUBE

A juventude esteve quase sempre na origem da criação dos clubes de futebol mas, desta vez, vamo-nos referir a uma juventude bastante tenra pois alguns deles ainda não teriam atingido os quinze anos de idade e fundaram um clubezito de bola trapeira que muito mais tarde viria a honrar de sobremaneira a nossa vila.

Entre estes jovens destacavam-se Adelino Ribeiro Chula, Armindo Correia Sequeira, José António Sequeira, José Campante Ortiz e António dos Santos Sequeira Martins, que deram ao seu clube o nome de "Rua 6 futebol clube" (hoje rua de Angola).

Ao entusiasmo dos mais novos, aderiram outros de maior idade, alguns irmãos mais velhos daqueles, Joaquim Ortiz, Luis Ribeiro Chula, Diogo Ferrer Calado, José Vieira Carruna, Adamastor Pereira Ramos e ainda outros, mudando-lhe o nome para Futebol Clube Banheirense.

Por essa altura, criara-se também, em iguais condições uma outra associação para a prática do futebol, com o nome Desportivo Sul do Tejo e cedo as duas colectividades viriam a reconhecer que seria muito mais produtivo juntarem os seus esforços e foi assim que, em 6 de Abril de 1954, surgia já devidamente legalizado o Banheirense Futebol Clube, que muito cedo se viria a revelar bastante dignificante

Equipa de Ciclismo, 1988.

no campo do desporto. Foi , assim, fundado o clube, em 6 de Abril de mil novecentos e cinquenta e quatro, com o seguinte fim, conforme o art.2º dos estatutos "... tem por fim a promoção cultural, desportiva e recreativa dos seus associados, visando a sua formação humana integral".

Jamais praticou futebol competitivo embora se tivesse inscrito na Associação de Futebol de Setúbal e fomentasse o futebol juvenil, dedicando-se quase exclusivamente ao ciclismo com o maior êxito e difundindo o nome da Baixa da Banheira, ainda pouco conhecido, nas localidades onde os seus valorosos ciclistas corriam e tantas vezes venciam.

Organizou cerca de uma dezena de vezes o "Grande Prémio da Baixa da Banheira", que nos dias em que se realizava, enchia a estrada nacional de forasteiros e de movimento.

De princípio a sua sede foi no nº29 da estrada nacional, numa cave, mudando-se depois para o nº27 da mesma EN, prédio que o Banheirense Futebol Clube viria a adquirir em 1980, pelo valor de 300 contos, era então presidente da Direcção Valdemiro Fernando da Encarnação Roma, que assinou conjuntamente com Henrique Manuel Lopes Amado (tesoureiro) a escritura de compra e venda do imóvel. Foram, depois, introduzidos melhoramentos que muito a valorizaram mercê de um grande esforço de dirigentes a associados anónimos e pode-se hoje afirmar que possui uma sede digna, dispondo de um

amplo bar, muito frequentado, uma sala de troféus onde se podem admirar mais de 400 peças de inestimável valor, pois foram vencidos pelos seus atletas nas muitas provas em que participam, uma sala de bilhar, também bastante ampla, gabinetes para a direcção e secções e outras instalações indispensáveis à vida associativa, razoavelmente equipados.

O Banheirense possui cerca de 528 associados, cuja dedicação e apoio o clube tem contado sempre. Manteve durante alguns anos a maior actividade desportiva puramente amadora, mormente participando activamente nos Jogos Juvenis do Barreiro e Moita, em diversas modalidades.

Para além disso praticou atletismo, futebol de 11 (amador) e futebol para veteranos e sobretudo o ciclismo, em que ainda está federado e em cuja equipa se revelaram grandes valores do ciclismo nacional como Serafim Vieira, Luis Sequeira, Lúcio Sequeira, Vital Fitas e Luís Farófia entre outros de igual valor mas que, por razões várias, abandonaram o desporto.

O Banheirense, em virtude da grandiosa obra a que meteu ombros, foi forçada a suspender toda actividade desportiva. Impunha-se a remodelação e restauração das instalações com vista à criação de condições óptimas para as práticas desportivas e convívio de sócios. Com a conclu-

Equipa de Veteranos.

Almoço de confraternização entre a Direcção e a equipa de ciclismo.

são dos trabalhos o Banheirense Futebol Clube arranca para uma nova dinâmica reatando algumas modalidades e criando novas secções: futebol juvenil, ciclismo, jogos inter-sócios. A comemoração de datas evocativas como a da fundação do clube, passagem do ano, festas de Natal para os filhos dos sócios, entre outros, também marcaram a actividade do Banheirense Futebol Clube. Jogos inter-sócios, com efusivos momentos de confraternização também são uma realidade regular no clube. Na entrada para o novo milénio o clube estrutura o que denominou como Projecto de Desenvolvimento Desportivo e Cultural, visando relançar e organizar actividades desportivas, culturais e sociais, "tendo como objectivo principal a ocupação dos tempos livres dos jovens e demais população e associados do clube", que inclui: ginástica manutenção senhoras e homens; ginástica infantil 3/5 anos, a funcionar com 30 crianças; setas, que se encontra actualmente a disputar a 3ª Divisão Nacional, participando o clube com 14 atletas; ciclismo; xadrez, com cerca de 15 praticantes, aguardando ainda filiação na Federação Portuguesa de Xadrez e ténis de mesa.

O Banheirense Futebol Clube é filiado

Equipa de futebol de jovens.

na Associação de Ciclismo de Setúbal e Associação de Setas de Lisboa.

A constituição dos actuais corpos gerentes, biénio 2001-2002, é a seguinte: José Augusto Valadas Borracho (presidente da Mesa da Assembleia Geral), Mariano Miguel (vice-presidente), Claudio Manuel Lima do Nascimento (1º secretário), João Manuel Falardo Carvalho (2º secretário), António Manuel da Rosa Pereira Dâmaso (presidente da Direcção), João Pedro Enes Correia (vice-presidente), Humberto Daniel Mendes Silva (Vice-presidente desportivo), José dos Santos Castanheira (1ºsecretário), Vitor Manuel Correia Alves (2º secretário), Agostinho Alexandre Esteves Pires (tesoureiro), Luís Custódio Monteiro Cabanas (tesoureiro adjunto), Jaime da Conceição Rosa (1º vogal), Gertrudes do Carmo Cabaço Moita Moreno (2º vogal), João Manuel da Silva Bica (3º vogal), Nelson Filipe Pacheco (4º vogal), Pedro da Conceição Oliveira (5º vogal) e António Pedro Enes Correia (6º vogal), João Manuel Martins Coelho (presidente do Conselho Fiscal), Luís António Bicas (1º secretário) e Manuel José Gois Risso (relator).

Sede.

CASA DO BENFICA DA BAIXA DA BANHEIRA

Criada por um grupo de apoiantes e associados do Sport Lisboa e Benfica aqui radicados, a que não foi estranho o banheirense Alfredo Manuel Paiva Floriano, foi fundada em 23 de Março de 1998, a Casa do Benfica da Baixa da Banheira, que abriu a sua sede na rua Alexandre Herculano Nº39A. A Comissão Instaladora que lhe deu primeiramente corpo foi composta por: Carlos Alberto dos Santos Cardoso (presidente), José Francisco Osório (vice-presidente) Fausto Rodrigues Marques (director administrativo), Adelino M. Pereira Marques (director financeiro), Joaquim Rendeiro Gomes (director act. Cult.) e Miguel Baião dos Santos (director act. sociais e desportivas).

Em 27 de Março de 1998, foi registado no cartório Notarial da Baixa da Banheira, tendo como subscritores, Carlos Alberto dos Santos Cardoso, Adelino Manuel Pereira Marques, Miguel Baião dos Santos e José Francisco Osório. No art.3º dos estatutos refere os seus fins: "...tem por objectivo a divulgação, promoção, prática, organização e direcção de actividades recreativas, sociais, culturais e desportivas. No âmbito da ligação emblemática ao Sport Lisboa e Benfica são objectivos da Casa do Benfica da Baixa da Banheira, conforme o art.4º: "1º Promover a defesa do bom nome, prestígio

Visita do Presidente do Sport Lisboa e Benfica.

e interesse do Sport Lisboa e Benfica; 2º Contribuir localmente para as boas relações do Sport Lisboa e Benfica com outros clubes desportivos e demais entidades; 3º Fomentar o benfiquismo, inclusivamente no âmbito da captação de sócios para o Sport Lisboa e Benfica; 4º Manter a mais estreita colaboração e solidariedade com o Sport Lisboa e Benfica, com respeito pelos estatutos, regulamentos e deliberações pertinentes."

Adoptou como símbolo o emblema do Sport Lisboa e Benfica, mas porque se trata de uma associação totalmente independente daquele clube não necessita que os seus dirigentes sejam ratificados por qualquer dos orgãos do SLB.

Apesar da sua recente formação a Casa do Benfica da Baixa da Banheira já mantém uma actividade cultural e desportiva notória, com relevo para a patinagem. A modalidade que abriu a actividade desportiva na associação foi o futebol de salão, vocacionado para as camadas jovens, ainda em tempos da comissão instaladora. Com a legalização do clube foi criada a secção de futebol, que integrou toda a prática futebolística. Inscritos na Federação Portuguesa de Futebol de Salão disputam o campeonato nacional na

época 1999/2001. No ano seguinte, alcançam um sexto lugar e ascendem à 1ª divisão nacional. A modalidade seguinte foi a pesca desportiva, através da realização do Concurso de Pesca Desportiva da Casa do Benfica, na Avenida da Praia, Barreiro. Aberto a todos os participantes, o Concurso já vai na 3ª edição.

O hóquei em patins nasceu com a deslocação de cerca de 10 atletas da Quimigal que encontraram algum acolhimento na Casa do Benfica. A fundação da Escola de Patinagem e Hóquei em Patins da Casa do Benfica da Baixa da Banheira data de 5 de Julho de 1999 com a finalidade de implementar a modalidade do Hóquei em Patins no Concelho da Moita, uma vez os seus fundadores verificarem que a maioria dos jovens atletas que constituiam as outras equipas serem jovens nascidos e residentes no nosso Concelho. Daí a fundação desta Escola para cativar estes jovens a praticarem a modalidade no seu Concelho e representá-lo. Actualmente, são mais de 200 jovens entre classes de infantis, iniciados e juvenis, dos 3 aos 16 anos de idade, na Escola de Patinagem e Hóquei. Sem espaço próprio, treinam na Escola D. João II, Baixa da Banheira. Os jogos referentes aos campeonatos associativos e nacionais de hóquei em patins são disputados no Pavi-

Equipa de Futebol Salão Sénior.

Equipa de Futebol Veteranos.

lhão Municipal do Seixal Futebol Clube. Recentemente, a equipa de hóquei em patins de iniciados venceu o Torneio Internacional de Castro Verde. Ao sucesso do colectivo do hóquei da Casa do Benfica da Baixa da Banheira não foi alheio o seleccionador regional da Associação de Patinagem de Setúbal que convocou o atleta Rúben Santos, patinador na categoria de Infantil-B.

Desde 1999 dinamizam o futebol em veteranos. Em 2001 deram início ao futebol de salão, com a criação de duas equipas do escalão feminino. A apresentação das equipas decorreu no Torneio Quadrangular Feminino, organizado pela Casa do Benfica da B. Banheira, Grupo Desportivo Quinta do Facho e Centro Comunitário "A Paragem", integrado nas comemorações do 25 de Abril, 2001.

Participaram na Assembleia dos Organismos Populares de Base, em 1997, e assiduamente, desde a fundação, nas comemorações do 25 de Abril, com iniciativas várias. Em 2001 organizaram um espectáculo musical, no Forum Cultural, com Francisco Naia, Orfeão do Sport Lisboa e Benfica e os Pimpolhos do CRIVA. Outra das iniciativas de sucesso da Casa do Benfica foi o 1º Encontro de Organistas e Acordeonistas, que decorreu na cave da igreja da Baixa da Banheira, em Novembro de 2000, com a participação de 39 artistas, oriundos desde o Minho

ao Algarve. Por altura dos santos populares levam a efeito, com muito sucesso, bailes na praceta Karl Marx. Nas comemorações do aniversário do clube têm organizado para os sócios mais jovens concursos de desenho e gincana de bicicleta, frente à sede.

A organização de excursões, em autocarro, para acompanhar o percurso desportivo do Sport Lisboa e Benfica, é outra das iniciativas reveladoras da implantação com sucesso da Casa do Benfica da Baixa da Banheira.

Os actuais corpos gerentes da Casa do Benfica da Baixa da Banheira – nº102, são constituídos por Fausto Marques (presidente da Assembleia Geral); Joaquim Arroteia (vice-presid.), Edgar Marques (1º secretário), Carlos Cardoso (presidente da Direcção), Rui Monteiro (vice-pres.), Carlos Soares (director Administ.), Joaquim Silva (dir. Inst. Equip.), Carlos Adalberto (direct. Desportivo), Abílio C. Pereira (direct. Cultural), Manuel Santos (direct. Suplent.), Manuel Paixão (presid. Conselho Fiscal), José Osório (vice-pres.), Cátia Morais (relator) e José Madeira (secretário).

Equipa de Pesca Desportiva.

Sede.

CENTRO DE ATLETISMO DA BAIXA DA BANHEIRA

O Centro de Atletismo da Baixa da Banheira foi fundado em 15 de Setembro de 1990. A realização da escritura pública ocorreu no Cartório Notarial da Baixa da Banheira, em 8 de Agosto de 1991, na qual compareceram Rui Guerreiro e Adriano Encarnação. No artigo 1º dos estatutos estão consignados os seguintes fins: "Tem por fim fomentar a prática do desporto entre os seus associados e a população em geral, em especial o atletismo."

A não existência de clubes na Baixa da Banheira com actividade exclusiva de atletismo levou a que um grupo de atletas sentisse a necessidade da criação de um clube com estas características. O Centro de Atletismo da Baixa da Banheira surgiu, assim, como reflexo do desenvolvimento do atletismo na vila, já praticado em algumas colectividades mas sem alcançar contudo o nível da especialização. Natural foi, portanto, a agregação de alguns atletas no projecto de criação de uma associação local onde o atletismo fosse prática exclusiva. E foi assim que no final do Verão de 1990 começa a tomar forma a criação do Centro de Atletismo da Baixa da Banheira. A primeira reunião conducente ao Centro realizou-se em 15 de Setembro, na cave de Adriano da Encarnação, que acabou por ficar a ser a sede provisória. Actualmente funcionam nas

Uma das primeiras equipas em frente à sede (1991).

instalações da Associação Portuguesa de Amizade Iuri Gagarine, Praceta de Portugal. Foram fundadores: Adriano Encarnação, Amândio Frias, Adelino Botas, Paulo Soldado, Reginaldo Cruz, Sérgio Cruz, Lucínio Cruz, Jorge Pena, Rui Guerreiro, Carlos Farinha, João Fernandes, Serafim Rodrigues e Nuno Grilo.

Como directrizes prioritárias, estabeleceram a angariação de atletas e sócios e financiamentos para iniciar actividades. A primeira participação aconteceu numa prova no Barreiro. Os resultados foram imediatos, obtendo o clube alguns títulos regionais. Uma das apostas claras do Centro de Atletismo da Baixa da Banheira foi a formação de atletas, como filosofia desportiva mas, também, de modo a assegurar a progressão do atletismo no clube. Com os sucessos que se seguiram conseguiu de vez implantar-se como referência no atletismo do Concelho bem como tornar-se o clube mais representativo da margem Sul, apesar dos diminutos orçamentos. De referir que muitas das despesas com a modalidade são pagas pelos próprios atletas. Os restantes patrocínios para levar a colectividade para a frente não

são muitos, mas as ajudas da Junta local e da Câmara Municipal da Moita, além das provas organizadas como a Milha Urbana, sempre contribuem para desafogar a tesouraria. Uma das características particulares do Centro de Atletismo da Baixa da Banheira revela-se no facto de os atletas serem também dirigentes.

A sua actividade, embora de tão recente existência, pode considerar-se positiva, meritória até, pois já foi, em 1993, Campeão Nacional de Clubes (pista) III divisão, campeão regional absoluto em pista, campeão regional de corta mato em iniciados, juvenis e juniores, recordista nacional de marcha, vencedor em vários campeonatos nacionais de marcha e barreiras, masculinos e femininos.

Possui cem associados e setenta atletas em todos os escalões (60 masculinos e 10 femininos). A sua principal actividade é o atletismo mas promove também colóquios sobre vários temas, nomeadamente os problemas que envolvem o desporto: "Projecto Falar de Desporto", "A Alta Competição e o Condicionalismo do Treino", "O Doping", "Relação Orgãos do Poder Local/colectividades", "O Jornalismo Regional", "A Marcha Atlética". Exposições também foram várias e nos

Colóquio Imprensa Regional.

Representação na I Divisão Pista Coberta (1999).

últimos anos, sempre uma feira do livro por ocasião do 25 de Abril.

Em Novembro de 1994 sai o primeiro número de "O Atleta", boletim informativo do Centro de Atletismo da Baixa da Banheira, dirigido por Luís Bonixe e com a colaboração permanente de Rui Guerreiro, Jorge Pena, Adriano Encarnação, Nuno Lopes. Concebido com o objectivo de aproximar os associados ao clube através da informação o "O Atleta", incluindo artigos sobre a evolução e resultados dos atletas, artigos de opinião, didácticos e entrevistas, assumia-se ainda como veículo de divulgação generalizada do atletismo.

Nos corpos gerentes, desde a fundação, têm-se destacado: como presidentes da Direcção, Amândio Frias (não oficial) 1990, Paulo Solnado 1990/91, Paulo Solnado 1991/92, Amândio Frias 1992/93, Adelino Botas 1993/94, Rui Guerreiro 1994/1995, Jorge Pena 1995/96, Serafim Rodrigues 1996/97, Rui Guerreiro 1997/2000, Amândio Frias 2000/2001; como presidentes do Conselho Fiscal, António Costa 1990/91, Jorge Marques 1991/92, Serafim Rodrigues 1992/93, Amândio

Frias 1993/94, Sérgio Cruz 1994/95, Jorge Marques 1995/96, Carlos Nunes 1996/97, Serafim Rodrigues 1997/2001; como presidentes da Assembleia Geral, Carlos Farinha 1990/91, Serafim Rodrigues 1991/92, Paulo Solnado 1992/93, Rui Guerreiro 1993/94, Carlos Farinha 1994/95, Rui Guerreiro 1995/96, Paulo Soldado 1996/97, Paulo Soldado 1997/2000, Rui Guerreiro 2000/2001.

No que se refere a títulos alcançados, destacam-se: Campeão Nacional de Clubes III Divisão, 1993, Campeão Nacional de Clubes III Divisão, 1997, Vice Campeão Nacional de Clubes III Divisão – 1994, 4º lugar nacional de clubes III divisão – 1998, 3º lugar nacional de Clubes III divisão – 1998; Campeão Regional de Pista (absolutos) – 1993, Campeão Regional de Pista (absolutos) – 1996, Vice-Campeão Regional de Pista (absolutos) – 1997, Campeão Regional de Pista (juniores) – 1996, Vice-Campeão Regional de Corta-Mato (absolutos) – 1996, Vice-Campeão Regional de Corta-Mato (absolutos) – 1997, Campeão Regional de Corta-Mato (juniores) – 1996, Campeão Regional de Corta-Mato (juniores) – 1991, Campeão Regional de Corta-Mato (juniores) – 1992, Campeão Regional de Corta-Mato (juvenis) – 1995, Cam-

Participação no Campeonato Nacional de Juniores.

Acácio Diogo, Campeão Nacional Juniores – Marcha Atlética.

peão Regional de Corta-Mato (iniciados) – 1993, Vice- Campeão Regional de Corta-Mato (juniores) – 1998; Cross Internacional de Matos Velhos 3º lugar juvenis – 1991, Cross Internacional de Matos Velhos 3º lugar juvenis – 1992, 1º lugar XIV Estafeta da Liberdade – Moita, 1º lugar XV Estafeta da Liberdade – Moita, 1º lugar na Corrida Ribeirinha – Moita, 4º lugar S. Silvestre Olivais, 5º lugar S. Silvestre de Évora, 3º lugar Festas S. José Operário, 4º lugar Corta Mato Laranjeiro. No capítulo de recordes, sobressaem: Acácio Diogo – Nacional/Regional, Paulo Gaspar – Regional, Edivaldo Monteiro – Regional, António Perpétuo – Regional, Alexandre Silva – Regional, Manuel Miguel – Regional. Em representações: Nacionais: Paulo Gaspar, Reginaldo Cruz; Inter-Associações: Acácio Diogo, Reginaldo Cruz, Paulo Gaspar, Lucinio Cruz, Augusto Ramos, Manuel Miguel, António Perpétuo, José Santos, Carlos Coelho, Virgílio Gonçalves, José Liz, Edivaldo Monteiro, Jorge Pena. São, pois, inúmeros os títulos que os atletas do Centro de Atletismo da Baixa da Banheira conquistaram, sem estruturas próprias e treinando na pista do

Paulo Gaspar – 1ª Divisão em Pista Coberta.

Estádio Universitário, na pista do estádio da Quimigal e no pavilhão da Escola Álvaro Velho, no Barreiro. Em competições de pista já chegaram a ter perto de 30 atletas e marcaram presença, a nível de representação nacional, em jogos olímpicos, campeonatos europeus e campeonatos do mundo.

Participam habitualmente no projecto de preenchimento de tempos livres da juventude "JUVE". Dinamizam ainda o xadrez e jogos tradicionais

O Centro de Ateltismo da Baixa da Banheira é filiado na Associação de Atletismo de Setúbal desde da época 1990/ 1991.

Sede.

CLUBE NÁUTICO DA BARRA A BARRA

O Clube Náutico da Barra a Barra Foi fundado em 11 de Novembro de 1995. A escritura da constituição da associação foi realizada no Cartório Notarial de Palmela, em 1 de Fevereiro de 1996, tendo comparecido José dos Santos Loureiro, Eliseu Carlos Guerreiro da Silva, Henrique Fernando da Graça Beatriz, Domingos Fernando dos Santos Oliveira, Manuel Pedro Mexa e Maria da Conceição da Silva Abreu, e publicada no Diário da República III Série, de 15 de Abril de 1996.

Nos estatutos, aprovados pela comissão fundadora, em 11 de Novembro de 1995, constam os seguintes fins, conforme art. 3.º : " O Clube Náutico da Barra a Barra, é uma associação de desporto e recreio e tem por finalidade fomentar e desenvolver actividades desportivas, de convívio, lazer, ambientais, utilizando preferencialmente a zona do rio Tejo. Para a realização dos seus fins e segundo os seus recursos, esta Associação promoverá e apoiará: a prática do Remo, Vela, Canoagem, Windsurf, Motonáutica e Pesca Desportiva, entre outras; assim como actividades de cultura, recreio e lazer dos seus associados.".

O Clube Náutico da Barra a Barra começou como começam habitualmente das as associações náuticas: o gosto pelo rio e pelos barcos. A princípio eram só uns

Concurso de Pesca Desportiva.

barquitos de apoio mas com o florescimento de urbanizações no local generalizou-se um sentimento de perda dum espaço já essencial. A reacção natural foi a congregação de esforços, designadamente com vista à criação de uma associação que defendesse os interesses de todos, da qual resultou a criação do Clube Náutico da Barra a Barra. As primeiras reuniões foram nas barracas, assentes sobre estacas, onde ainda hoje se localiza a sede. Actualmente fazem do café Beira – Mar ponto de encontro. Entre as iniciativas do Clube Náutico Barra a Barra destaca-se o concurso de pesca desportiva de embarcação, que se realiza ao largo da Ilha do Rato, e o almoço de convívio entre sócios, na sede. Têm em perspectiva a dinamização de uma escola de vela.

Tem a sua sede social na rua do café nº1 – Quinta do Serradinho (Barra a Barra) Baixa da Banheira.

Tem mantido regulares contactos com as autarquias desde a sua formação e participou na 6ª Assembleia dos Organismos Populares.

É todavia uma colectividade com um enorme potencial e a ser útil num futuro próximo, sobretudo no desenvolvimento do nosso parque ribeirinho.

Convívio de sócios.

Entrega de troféus.

Os corpos gerentes eleitos para o biénio 2000/2001 são constituídos por: Agostinho Rodrigues Luis (presidente da Mesa da Assembleia Geral), Domingos Fernando Santos Oliveira (vice-presidente), Manuel João Cândido Martins (1º secretário), João Paulo Batista Gonçalves P. Ferreira (presidente da Direcção), Fernando Silva da Fonte (vice-presidente), Jorge Manuel Pires Martins Reis (tesoureiro), Eliseu Carlos Guerreiro da Silva (1º secretário), Carlos Alberto Leandro Pacheco (2º secretário), João Miguel de Jesus Casaca (1º vogal), Jorge Manuel Ricardo Iria (2º vogal), Humberto Augusto Martins Nascimento (presidente do Conselho Fiscal), Jaime da Silva Aboim Ferreira Rufino (secretário) e José de Jesus Martins (relator).

Sede.

CLUBE UNIÃO BANHEIRENSE "O CHINQUILHO"

Em meados dos anos quarenta, numa taberna que existiu na rua Luís de Camões, pertencente a Serafim Cortês, um grupo de seus frequentadores, de que faziam parte Manuel Martins, Manuel Serafim, João Monteiro, Carlos Costa Gabão, Manuel Barreiras, Virgílio Daniel, João Monteiro Feijão, António Geada, João Pinheiro, David Gago, António Augusto, José Piedade Gonçalves e o proprietário do citado estabelecimento, fundou o Clube de Chinquilho Banheirense, para a prática do tradicional "jogo da malha", tendo instalado sede no quintal da dita taberna, onde também possuíam os campos de jogos e disputaram vários torneios da especialidade com outras equipas da região. Os três primeiros associados foram Manuel Martins, Francisco Clemente Piçarra e António Milheiro. No jornal "O Banheirense", de Maio de 1954, propriedade do Clube União Banheirense foi publicada uma entrevista a Manuel Martins que expõe com clareza a génese da colectividade:

"– Queira explicar-nos como foi fundado o «Chinquilho» para assim dar-mos a conhecer aos nossos associados a sua fundação?

– Porque não! Tomem nota: Foi uma simples brincadeira...

– Brincadeira? – interrompemos

Esplanada.

– Sim! Eu e um amigo meu, o Serafim Cortez, comprámos dois tabuleiros e principiamos os dois a jogar. Na mesma semana apelamos para vários amigos e arranjámos 12 sócios.

– E mantiveram-se assim por muito tempo?

– Não, num espaço de 3 meses arranjamos 50 e um ano depois, tinhamos 100.

– E qual foi a vossa intenção?

– Fazer do «Chinquilho» uma grande colectividade, na qual contei sempre com grandes amigos dos quais distingo o malogrado José Teixeira, o meu mais directo colaborador."

Muitos outros se juntariam posteriormente àquele grupo e entre eles o ferroviário Amadeu da Silva Valente, dinâmico associativista que cedo viria a ser eleito presidente da Direcção do Clube de Chinquilho e logo encetou as devidas diligências para a legalização do Clube e, quando da elaboração dos estatutos, foi aconselhado a alterar o nome daquele para Clube União Banheirense, pois, desta maneira, poderia praticar, para além do chinquilho, todas as modalidades desportivas achadas convenientes e difundir a Cultura e o Recreio.

A sugestão é aceite e assim, em 11 de Maio de 1949, nascia o Clube União

Banheirense (Chinquilho) que teve como 1º presidente Manuel Martins e muito viria a prestigiar a Baixa da Banheira. Pouco tempo depois um número de jovens em que figurava Eduardo Gonçalves Martins, José Bilé, João Mouzinho, João Laranjeira e Sândalo Veiga Nunes, organizou uma comissão de melhoramentos a que se juntou depois Firmino de Almeida, Joaquim Antunes Roberto, Acácio Melo Coelho, Eduardo Milheiro, José Parreira, João Luís dos Santos, António Mendes Semião e Aníbal Nunes de Sousa. Com esta insuflação de sangue jovem, principiou uma nova vida no Clube U. Banheirense. O Chinquilho passou a funcionar no seu seio como uma secção e, se bem que não morresse, foi preterido pela excelente actividade da juventude que talvez na ânsia de mostrar à colectividade de onde grande parte tinha saído, a sua ousada vontade de trabalhar fez de uma humilde agremiação votada essencialmente ao "jogo da malha", uma admirável associação de recreio e cultura, onde o desporto também não foi totalmente esquecido, pois também viria a praticar basquetebol, ténis-de-mesa, Andebol, voleibol e atletismo.

Teatro.

Escola do Chinquilho.

O seu património

Saída do nada esta prestimosa associação cedo adquiriu um património bastante razoável. Graças à tal comissão de melhoramentos comprou uma parcela de terreno na rua Luís de Camões que foi paga, na totalidade, pela maioria dos seus associados.

Aqui foi construído um acolhedor recinto de diversões, uma esplanada coberta com um enorme toldo de lona, com cúpula em jeito de dum circo, onde durante alguns anos realizou as sua festas no Verão e alugou um edifício, a Francisco Ribeiro Moreira da Silva, na rua António Sérgio, nº 58, propriedade que anos depois viria a adquirir e onde ainda hoje funciona a sua sede social, tendo-lhe introduzido substanciais melhoramentos que a tornou muito mais funcional e confortável.

Uma nova urbanização a Sul desta Vila, levou o presidente da Câmara Municipal da Moita a condicioná-la com a "doação" ao Chinquilho de cerca de dois mil metros quadrados de terreno situados numa rua em projecto a que mais tarde foi dado o nome de Clube União Banheirense, o que lhe viria a aumentar substancialmente o património que, como acontecera com o terreno da rua Luís de Camões, viria a ser vendido pela direcção do Clube União Banheirense para suportar os custos da

Marchas Populares.

magnifica casa que hoje dispõe.

Relativamente à esplanada do Clube União Banheirense convém recordar a participação do sócio honorário Dr. Jorge de Mello com a oferta do toldo que cobria a mesma, assim como ajuda na aquisição do mobiliário. Referenciar ainda que o mesmo participou também em actos de solidariedade levados a cabo pela colectividade ao nível dos donativos. Actos de solidariedade consubstanciados em festas natalícias, com distribuição aos mais carenciados de roupas, brinquedos, géneros alimentícios, complementados com espectáculos para os mais novos.

A solidariedade e apoio social sempre foram preocupações muito vincadas no CUB e em muitas das iniciativas os produtos angariados eram canalizados para as instituições de caridade do Concelho. Os banhos nos balneários da colectividade foram abertos ao público a 1$00 e posteriormente a 2$00. Em 1965 com o objectivo de angariar donativos organizam o "Natal dos pobres", espectáculo de beneficência, com cinema.

A sua actividade cultural também viria a ser notória, muito particularmente na difusão do teatro amador ensaiado por José António Junior e mais tarde pelos profis-

sionais de teatro e cinema, Mário Santos e sua esposa Dina Stichini. José António Junior foi o responsável pela actividade de um grupo cénico em meados dos anos cinquenta, contando com um vasto rol de colaboradores, entre os quais se destacam Renato Marques, Guilhermino José da Costa, Victor Hugo, Manuel de Sousa, José Carlos Marques, Lina da Conceição, Maria Cesaltina, Ema da Costa e Maria Emília.

Mário Santos e Dina Stichini, além de outras realizações meritórias de caracter cultural e recreativo, levaram à cena, no palco do União Banheirense, a peça "Letras Trocadas", com a colaboração de Maria Emília e José R. Figueiredo. Tal precedente levou a direcção do clube, mais particularmente o seu secretário, João Luís dos Santos, a instar junto de Mário Santos e Dinah Stichini para que durante as suas férias ensaiassem um grupo de amadores teatrais associados do União Banheirense e como estes acederam a Baixa da Banheira passou a assistir, lá de onde em onde, a um teatro amador diferente, a um teatro a que não estava habituado pela sua elevada craveira artística, teatro até aí jamais alcançado entre nós, em que cola-

Equipa de Futebol Salão Feminina.

Equipa de Veteranos.

boraram, além daqueles dois talentosos artistas profissionais, os valorosos amadores Maria da Graça, Arlinda Guadalupe, Maria Domingos, Ventura Maria Coelho, Maria Ester da Encarnação, António Luís Vicente, Miguel Silva Mendes, João Luís dos Santos e António Manuel Fernandes. Referir ainda que em 1964, Romeu Correia interpretou no CUB a peça clássica "Amor de Perdição", de Camilo Castelo Branco.

Anteriormente a este acontecimento, inédito no nosso associativismo, já o amador teatral José António Junior ensaiara um grupo cénico em que figuravam Renato Marques, Guilhermino José da Costa, José R. Figueiredo, Victor Hugo Tostão, Manuel de Sousa, José Carlos Marques, Lina da Conceição, Maria Cesaltina, Ema da Costa e Maria Emília. De mencionar também o trabalho do ensaiador António José Cordeiro, a todos os níveis meritório na envolvência da juventude, também pelo êxito extraordinário da peça "A Morte Civil". João Esteves e Freitas que se destacaram no teatro infantil.

Por altura do seu 5º aniversário, o Clube União Banheirense editou um jornal comemorativo do evento, que teve por director José Rosa Figueiredo e editor Firmino António de Almeida. Foi o primeiro jornal na história da Baixa da Banheira.

Sessão solene.

Em 1975, volta a editar um orgão informativo, o "Divulgação", boletim que em 1979 marcava 3$00 como "preço de apoio". Constava este boletim de entrevistas, passatempos, poesia, artigos de reflexão e vida social do clube. Em 1980, toma as rédeas da informação o Núcleo de Acção Cultural, entretanto criado, resultante da fusão de algumas secções que existiam no Clube União Banheirense. Como estratégia, a estreita colaboração entre as secções de cultura, ensino, teatro e canto popular, e levar a todos os associados informação geral dos acontecimentos internos da associação. Em 1983 o "Divulgação" passa a "Informação".

Nos anos 50 funcionou uma biblioteca no Clube União Banheirense, gerida por uma comissão biliotecária, que conheceu bastante actividade, obrigada a elaboração de mapas de movimento a enviar ao Instituto Nacional de Estatística. Em 1995 foi reactivada novamente a biblioteca dentro do Chinquilho, graças a uma comissão presidida por José Rosa Figueiredo coadjuvado por Décio Fernandes, António Joaquim, Manuel Pessanha, Manuel Nene Bicho e Guilhermino José da Costa, a qual

Sessão solene.

no ano seguinte possuía já para cima de dois mil volumes.

Enquanto a terra não teve escolas, o Chinquilho levou para a frente a educação dos mais jovens criando espaços de ensino, escolas primárias e pré-primárias, que actualmente ainda funcionam. Decorreram no CUB, logo a seguir ao 25 de Abril, cursos de alfabetização pelos sócios, "tentando contribuir para pôr fim ao analfabetismo no nosso país". Funcionaram também aulas de cultura geral, incluindo história da arte e pintura.

Promoveu também uma apreciável quantidade de palestras e colóquios sobre vários temas como a saúde e a assistência social, teatro e leitura, alguns deles por iniciativa do então pároco de Alhos Vedros, Padre José Feliciano Rodrigues Pereira.

Ficaram célebres os "Bailes da Pinha", anualmente organizados pelo CUB onde eram recitados verdadeiros monólogos poéticos dedicados ao evento e aos seus participantes, em versos escritos por alguns dos seus associados mais bafejados pelas musas e tantas outras festas recreativas onde actuaram as mais conceituadas orquestras ligeiras da época e consagrados artistas da rádio (na altura ainda não

existia TV no nosso país) tais como António Calvário, António Mourão, Luís Piçarra, Alberto Ribeiro, Eugénia Lima, Maria Fernanda Boa Ventura, Tila Pedroso, Guanita Alvarez, Anita Guerreiro, Simone de Oliveira, Madalena Iglésias, Iola e Paulo, Trio Odemira, Comboio das Seis e Meia (direcção de Igrejas Caeiro) e tantos outros artistas de grande renome. Proporcionaram estes bailes de salão todo o desenvolvimento de uma extraordinária relação entre o clube e o comércio local, permitindo a angariação, no caso da "Pinhata", das prendas para os reis e sua corte.

Tão vasta actividade cultural e recreativa soou, como não poderia deixar de ser, fora da Baixa da Banheira e tão notoriamente que, em 20 de Dezembro de 1956, a Federação das Colectividades de Cultura e Recreio agraciou o Clube União banheirense O Chinquilho com o honroso Diploma da Medalha de Instrução e Arte, que lhe foi entregue numa significativa festa, justíssimo galardão que até essa data ainda não tinha sido conferido a outra colectividade do nosso Concelho não obstante a relevante actividade que algumas delas desenvolviam, galardão justíssimo o que muito honrou a Baixa da Banheira.

Esta distinção levou o semanário setubalense "O Distrito de Setúbal" de 24 de Agosto de 1957 a entrevistar o presidente da Direcção do Clube União Banhei-

Equipa de Kick-Boxing.

Treino.

rense, na altura João Luís Santos, que entre outras considerações tecidas à sua colectividade afirmou:

"Toda a obra realizada é, apesar de já vasta, simplesmente o alicerce de todo um edifício que não ousamos apresentar sequer nas suas linhas gerais".

Trabalhou-se! Trabalha-se e trabalhar-se-á para a consumação do nosso sonho maior: ver a Baixa da Banheira erguer-se plena de orgulho, de aos seus filhos dever, não o que é, mas o que decerto será.

Que este esboço da nossa colectividade e das nossa actividades leve ao espírito bairrista da nossa gente a consoladora certeza da nossa presença.".

Cabe ainda acrescentar que a Baixa da Banheira só muito tardiamente viria a beneficiar de luz eléctrica e que foi esta colectividade, graças a um trabalho ingente de Eduardo Gonçalves Martins, que transformou um velho motor a gasóleo num gerador, a primeira instituição nesta terra a possuir luz eléctrica nas sua instalações. Eduardo Martins merece ainda um lugar de destaque pelo trabalho que desenvolveu à frente da Comissão de Melhoramentos e Pró-Aparelhagem, formada em 1 de Janeiro de 1953, responsável pela gestão da quotização voluntária mensal dos associados e outros expedientes que culminaram na electrificação do recinto e

Equipa de Veteranos.

salão de festas (3.000$00), aparelhagem sonora Philips (9.200$00) e vários discos (1.000$00). A Comissão de Melhoramentos e Pró-Aparelhagem era ainda constituída por João Luís dos Santos, José Bilé Batata, João Mouzinho, Anibal Nunes de Sousa, Firmino António de Almeida, Eduardo Milheiro, Joaquim Antunes, Acácio Melo Coelho e António Mendes Semião. O televisor de projecção foi outra das inovações do CUB que fez a delícia do povo banheirense nos anos 60, a cujo acesso correspondia a compra de um pacote de pevides ou cinco tostões de tremoços.

Nos finais dos anos sessenta, o Clube União Banheirense O Chinquilho, organizou , por alturas dos Santos Populares, uma marcha infantil que, naqueles dias percorreram as principais ruas da Baixa da Banheira, dando-lhes uma desusada alegria e colorido. Cerca de 30 crianças desfilaram segurando vistosos arcos engalanados com motivos vários e trajando picturalmente, experiência que veio a repetir nos anos 80 e que agora vemos com satisfação ressurgir.

Afamado foi também o bufete do Clube União Banheirense, e excelente fonte de receitas. Tachos e panelas, devido à sua dimensão eram constantemente pedidos para as festanças dos consócios e particulares. Festa de casamento foram inúmeras e em muitas vezes os mesmos eram marcados em função da disponibilidade do salão da colectividade. Ficaram também

célebres as bifanas e sandes de molho.

Tal como acontece em todas as colectividades congéneres, o Clube União Banheirense não tem hoje condições económicas suficientes para promover actualmente grandes actividades culturais dado os seus elevados custos mas não deixa por isso de sempre que lhe é possível realizar valorosas actividades culturais e recreativas, nomeadamente no seu aniversário.

O Clube União Banheirense O Chinquilho foi possuidor de uma boa biblioteca de que resta ainda uma parte, que foi também perdendo a sua importância com o rodar dos tempos, o mesmo acontecendo com o teatro e a escola de música que manteve durante alguns anos.

No desporto para além do chinquilho notabilizou-se no boxe, onde pontuaram alguns bons praticantes, nomeadamente os banheirenses João Rosa e Alberto Chapa. Chegou também a evidenciar-se no andebol, masculino e feminino, igualmente no atletismo em competições populares. Tiro aos pratos, voleibol, bilhar e ténis de mesa, também passaram pelo Clube União Banheirense.

Viria no campo desportivo a distinguir-se ainda com a sua prestação em número

Baile da Pinha.

"Escolinha" actual.

de atletas e modalidades praticadas em todos os Jogos Juvenis do Barreiro e da Moita de onde arrecadou importantes trofeus, e organizado, noi decurso deste último, uma feira do livro.

Foi em Maio de 1996 que se iniciaram as danças de salão no Clube União Banheirense O Chinquiho, com os professores João Pintado e Sara Pintado. Tanto professores como os alunos são filiados na Associação Portuguesa de Professores de Danças de Salão Internacional, participam em campeonatos e sujeitam-se a exames de avaliação, por técnicos internacionais, para obtenção de medalhas e apurar o grau de evolução. As danças de salão do CUB concorrem em vários escalões, obtendo bons resultados, inclusive detendo já pares campeões nacionais: Soraia Quirino/ Manuel Silva e Joana Reia/Miguel Silva. Esta modalidade é abrangida pelo protocolo de valorização artística da CMMoita. O Chinquilho tem presentemente 25 praticantes nas danças de salão.

Actualmente dinamiza ainda a prática de ginástica infantil, pré-desportiva e de manutenção, aeróbica, step-slid, que envolve perto de 400 praticantes, dos quais metade são crianças. kick-boxing e futebol para veteranos. Mantém a existência da escola pré-primária, agora com 25 alunos.

Em 1999 o Clube União Banheirense recebeu da Federação Portuguesa das Colectividades de Cultura e Recreio o

diploma de Mérito Associativo 50 Anos.

Em 1975 organizaram o I Torneio de Futebol 5 e participaram em torneios de damas e xadrez e provas de atletismo, ciclismo e ténis de mesa.

Jogos entre solteiros e casados foram uma constante, até por ocasião da comemoração do "Dia da Mãe".

No campo estritamente recreativo realizaram-se piqueniques, excursões, passagens de modelos, exposições de pintura, entre outros.

O salão do Clube União Banheirense é um dos símbolos da colectividade, reflexo da sua grandiosidade. No salão decorreram inspecções de mancebos para o serviço militar (1970), teve lugar a primeira reunião de Câmara na Freguesia da Baixa da Banheira. Em 2001, decorreu no salão a apresentação do Programa Integrado de Qualificação das Áreas Suburbanas da Área Metropolitana de Lisboa (PROQUAL), com a presença da ministra do Planeamento, ministro do Trabalho e da Solidariedade, além de outras entidades.

Salvo pequenos episódios o Clube União Banheirense O Chinquilho antes e depois é alheio a políticas partidárias. O espírito colectivista é muito forte, até a nível formal a aceitação do novel associado a ficar registado como tendo "...entrado para a família...". No capítulo da dedicação e voluntariado convém distinguir o sócio Armelim Alves da Silva, que entre 1960 e 1994 ocupou por 23 vezes cargos

Ginástica para senhoras.

Danças de Salão

Marchas Populares.

nos corpos gerentes.

Os actuais corpos gerentes são constituidos por Francico Pereira Pacheco (presidente da Assembleia Geral), Jacinto José Guereiro (vice-presidente), Elmano Lopes Garcia (secretário), Diamantino Lopes Nogueira (presidente da Direcção), José Gomes Cavaco Rosa (vice-presidente), Adelino Saraiva dos Reis (tesoureiro), Pedro Lopes Garcia (secretário geral), António Álvaro Teixeira (1º secretário), paulo Jorge Reia, José Rui Monteiro, Joaquina Sequeira (actividades culturais), Joaquim António Pinto, Rui Nobre Lança (actividades desportivas), António Besugo, Luís Tomás (património), António Marques Semedo (presidente do Conselho Fiscal), Fernando Augusto Pereira (vice-presidente) e Helder Agostinho Luís (relator).

Sede.

GINÁSIO ATLÉTICO CLUBE

Em 1936, com o recente nascimento da Baixa da Banheira, os seus pioneiros, confirmando que o Homem tem toda a tendência para viver em sociedade, criaram um clubezito de futebol que denominaram Futebol Clube Banheirense.

Tratava-se de um grupo de jovens onde, entre outros, se distinguiram José Grilo, Joaquim Viegas, Joaquim Esteves Lopo, Alfredo Castelo, Luís de Melo, Manuel Gomes, Augusto Damásio, António Rodrigues, José Carvalhinho, José Milheiro, António dos Santos, Manuel Azambuja e José Santos (Zé da Ana), que praticavam o genuíno "futebol de baliza às costas".

Jamais filiaram a colectividade que criaram que não tinha estatutos nem campo nem sede social, praticando futebol onde calhava e sempre que participavam em torneios faziam-no em campo alheio o que não impedia que obtivessem promissores resultados, singrando graças à muita dedicação dos seus associados e aquela plêiade de fundadores que o dirigiam e, na maioria, compunha a equipa de futebol.

Contudo o pequenino burgo ia-se dilatando vertiginosamente e foi então a altura dos mais idosos pensarem numa colectividade a sério que aglutinasse desporto, cultura e recreio e por isso uns quantos veteranos iniciaram as necessárias

Alguns dos fundadores do GAC.

A caso onde o Ginásio nasceu.

diligências para esse fim. Mas o novel bairro compunha-se de gente humilde, de parcos recursos e, por isso, não conseguiram o número de sócios suficiente para dar vida à projectada colectividade.

No entanto presidia aquela comissão um "velho" associativista barreirense, José Pedro Nunes (Sândalo), coadjuvado por Alberto Mendonça, Pedro do Couto, Carlos Riacho e Joaquim Santiago, a quem não faltava vontade de servirem a terra que ajudaram a nascer. Então o Sândalo teve a feliz iniciativa reunir com os jovens do Futebol Clube Banheirense, propondo-lhes

Trabalho voluntário

Aspecto das primeiras obras da edificação da sede.

uma união de esforços para que se criasse na Baixa da Banheira um Clube digno de quanto a terra prometia e foi tal o entusiasmo que pôs nas suas palavras que conseguiu contagiar os jovens e assim, em assembleia geral, realizada em 1 de Junho de 1938, nasceu o Ginásio Atlético Clube cujos primeiros corpos gerentes ficaram assim constituídos:

Direcção: José Pedro Nunes (Sândalo), Alberto Mendonça, Alfredo Saraiva, Joaquim Lopo, Carlos Riacho, Bento Tomaz e José Encarnação.

Assembleia Geral: Mário de Oliveira, Joaquim Viegas, Luciano Ladeira e Cândido Tavares.

Conselho Fiscal: Pedro Couto, José Valente e Manuel Soares.

Desde a criação da sua primeira sede social, na estrada nacional, que a sua actividade foi uma autêntica explosão que culminou com a construção em edifício próprio, na antiga rua 10 (hoje rua do Ginásio) da sua actual sede, que viria a ser aberta em 1961, mercê do empenhamento e do esforço gigantesco de muitos dos seus associados e dirigentes, dos quais destacamos: José Pedro Nunes, Gabriel de Sousa e Manuel Garcia Ferreira.

Todo este esforço viria a ser compensado, pelas autoridades competentes com a declaração de Utilidade Pública em

Voluntários do combóio da pedra.

Fevereiro de 1985.

A cultura, o recreio e o desporto (100% amador) tiveram e têm hoje ainda no Ginásio, uma actividade altamente dignificante.

Com o seu nascimento, foi imediatamente criada uma escola pré-primária e logo uma outra primária, já que na altura não existia no burgo qualquer escola oficial. Escola que conseguiu que a maioria absoluta dos seus alunos tivessem aproveitamento escolar.

A sua biblioteca, valiosíssima, criada em 1939 por José Rosa Figueiredo, Joaquim Esteves Lopo, Agostinho Pires, José Valente e Augusto Damásio, chegou

Esplanada do GAC.

Direcção do Ginásio, 1954.

a ser uma das mais importantes do Distrito de Setúbal e por amiúdes visitas ao GAC a ia expurgando das obras consideradas "perigosas" para o regime. Hoje, com o decorrer dos tempos, encontra-se infelizmente encerrada apesar das muitas obras ainda existentes.

Porém, uma das mais expressivas realizações desta colectividade, foi a criação dos Cursos Liceais que ficaram conhecidos simplesmente pela "Escola do Ginásio" onde os alunos nada pagavam e os professores nada recebiam, solidariedade emotiva e de grande alcance social, onde uma enorme quantidade de jovens banheirenses conseguiram tirar o antigo Curso dos Liceus.

Nos anos lectivos de 1984 a 1988, funcionou gratuitamente nas instalações da sede, um Centro de Educação e Formação Psico-Motora, conduzida por professores, psicólogos, médicos e educadores de infância que diariamente apoiaram 120 crianças com vários graus de deficiência.

No ano lectivo de 1989/90, através de um protocolo estabelecido com o Ministério da Educação, funcionaram cinco turmas do ensino secundário que comportavam 150 alunos do regime escolar.

Durante vários anos e através da actual Direcção Regional Escolar, teve a funcionar uma escola de alfabetização de adultos, com bastante êxito de aproveitamento. Na década de 80, e durante mais de cinco anos, teve a funcionar também um atelier de tapeçaria de Arraiolos que produziu belos e valiosos trabalhos um dos quais foi oferecido, pela Junta de Freguesia, à Câmara de Plaisir.

Ainda em 1939, organizou uma Marcha Popular, à semelhança das de Lisboa, a qual levou com o maior êxito, o nome da terra nascente e do Ginásio, às muitas terras que visitou. Criou também uma Escola de Solfejo, de onde saíram valorosos executantes, e organizou um Grupo de Teatro Amador.

Pelos palcos do Ginásio, para além de muitas conferências e colóquios, desfilaram os melhores agrupamentos musicais da época e muitos artistas do musical português da melhor qualidade, que têm proporcionado aos associados e aos banheirenses em geral, as mais variadas festas que vão desde os tradicionais bailes e festejos populares até ao teatro de revista.

Mais recentemente, o Ginásio teve, numa demonstração de grande vitalidade, uma Escola de Ballet que aglutinou muitos jovens, alguns dos quais prosseguiram os estatutos no Conservatório Nacional.

Presentemente ensaia mais uma interessante experiência, desta vez com uma Escola de Danças de Salão, já a despertar alguma curiosidade e valor.

No desporto, embora a equipa de futebol, herdada do Futebol Clube Banheirense, jamais tivesse atingido qualquer grau de relevo, e, por isso, cedo morresse, o Ginásio pode considerar-se gigante noutras modalidades desportivas.

Mantém ainda hoje a funcionar uma secção de campismo, iniciada praticamente nos primeiros anos da sua vida.

Pratica halterofilismo desde 1970, tendo-se já sagrado campeão nacional e forjado excelentes atletas de craveira internacional.

Mantém desde 1966 ininterruptamente a prática das lutas amadoras (caso único no país) especialidade onde igualmente obteve os maiores êxitos desportivos.

Valiosa tem sido também a sua escola de ginástica que, em algumas especialidades, trampolins e tumbling já produziu campeões nacionais e atletas com os mínimos para os campeonatos mundiais.

Praticou atletismo que muito o dignificou pois, além da participação em três voltas a Portugal, teve mesmo um dos seus ciclistas em provas internacionais.

A sua participação nos Jogos Juvenis do Barreiro e da Moita foi relevante e ainda hoje marcam muitos jovens banheirenses que por lá passaram.

Espaçadamente, o Ginásio foi sempre ensaiando outras modalidades como o ténis de mesa, xadrez, patins, futebol feminino, voleibol, tiro ao alvo (carabina de ar), andebol de 5, badmington e até artes marciais.

Esta colectividade é e tem sido sempre um baluarte do associativismo da Baixa da Banheira, honrando-a sobremaneira. Presentemente e com carácter permanente tem as seguintes actividades: jardim de infância, pré-primária e apoio escolar, danças de salão, campismo e caravanismo, ginástica nas modalidades de formação, manutenção, aeróbica, step, iniciação e competição em trampolins/tumbling, halterofilismo, luta greco-romana, luta livre olímpica, karate e mini-basquetebol.

Conta com um quadro de pessoal de 13 pessoas efectivas, o que diz bem do seu movimento e importância social assentando a sua actividade nos 2600 associados e dos sempre poucos subsídios das entidades oficiais e particulares.

Nomes a destacar? Existem concerteza! Ao sabor dos acontecimentos narrados nestas páginas surgirão alguns deles

Inauguração do salão de festas, 1961.

mas estamos conscientes de que muitos, com igual merecimento, serão omitidos (involuntariamente) tantos foram os que nunca lhe regatearam sacrifícios.

A "infância" desta colectividade foi bastante difícil. O mundo envolvera-se, quase todo, numa sangrenta guerra que se prolongou até 1945 e, como é natural, os clubes de menos alicerces enfrentaram dificuldades incalculáveis na luta pela sobrevivência e por isso os seus timoneiros de então merecem ser recordados aqui: José Pedro Nunes (Sândalo) foi, durante estes anos, a figura número um do Ginásio. Foi um guia que durante os negros anos de guerra o soube conduzir com lucidez e sentido realista. Mas é justo salientar que beneficiou de um pleiade de bons colaboradores que não poderemos dissociar da sua acção. Estão, neste caso, Alberto Mendonça, Joaquim Viegas, Carlos Riacho, José Dias, Joaquim Esteves Lopo, Manuel Mira Barreiros, Mário de Oliveira, António Espinheira, Henrique Amado, Joaquim Manha, João da Cruz, Luciano Ladeira, Augusto Ladeira, Maximino Silva, Jaime Godinho, António dos Santos, Pedro do Couto, António de Jesus, Carlos Correia, Leandro dos Santos, Adão Cantante, Augusto Damásio, Teófilo Cor-

Equipa de Fox-Boll, anos 50.

deiro, José Carvalhinho, Ernesto Janeiro, Raul Marques Joaquim, Manuel Gomes, Vital de Almeida, António Guerreiro.

Outras gerações se sucederam e outros indivíduos se radicaram na Baixa da Banheira que lhes não foram menos dedicados, citaremos José António de Oliveira, David Simão Salvador, António Gaudêncio, Raul Cândido, Jaime Vieira, Alexandre Pires, Fernando da Veiga Nunes, Manuel Garcia, José Carruma, Gabriel Fernandes de Sousa, Manuel de Sousa, Joaquim Sousa, Brás Augusto Ortiz, Félix Oliveira, Luis P. Gonçalves, Dionisio Cerqueira, Virgílio S. Pereira, Ilidio P. Matias, Joaquim Mira, António da Conceição Coelho, Ventura Rosa Faisca, António José de Almeida, Joaquim Marques Adriano, Fernando Beato, José Vicente, Joaquim Correia, Laurentino Cardoso, Dionisio Leitão, Adamastor Pereira Ramos, António Manuel Rodrigues, Joaquim Campante Ortiz, Camilo de Jesus, Carlos Augusto dos Santos, Pedro Caroça Nunes, Manuel Pereira, Guilhermino Lopes Garcia, Mário Alecrim Carvalheira, Francisco Floriano Júnior, José Rodrigues da Assunção, Victor Hugo Mota, António Ruivo, Augusto Clavo, Sândalo Veiga Nunes, João Veiga Nunes, António Nobre, Amaro Dias, Diamantino Dias, e tantos mais ainda que, como anteriormente se disse, irão surgir

nas páginas seguintes mas, também será difícil recordar todos. Tantos foram eles quantos por aqui passaram e que por conveniência sua ou porque as tribulações da vida a isso o obrigassem, se afastaram para longe embora aqui deixando um pouco de si próprios.

Quantos que a morte escondeu já, aqui deixaram rasto pela sua presença notável. Quantas mães teriam encorajado os filhos no amor pelo Ginásio que viram nascer e onde teriam escolhido aquele que viria a ser o seu par para toda a vida. Quantos envelheceram entre as paredes desta colectividade, onde consumiram o que lhes restava da juventude, dedicando-lhe todos os seus momentos disponíveis e depois se afastaram porque outras gerações os vieram render e numa lógica independência de princípios, renovaram velhos sistemas de trabalho.

Equipa de pares de perseguição no Estádio José Alvalade.

Primeira orquestra do GAC, 1938.

É com o maior sincero reconhecimento que aqui recordamos os anónimos neste trecho que lhes é consagrado.

"Todos fomos cultivados numa sociedade onde o Homem e as coisas valem em comum pela sua utilidade. Por outro lado, deveremos reconhecer que os anos na sua passagem inexorável, nos retiram a pujança da mocidade, quebrando-nos o ardor outrora posto na luta e pondo-nos indecisões nos passos. Assim, a acção dinâmica da mocidade, para que nada pare ou se perca, é sempre benéfica o que não quer dizer que a colaboração subalterna dos mais idosos lhe não seja útil também.

O Ginásio Atlético Clube, alheio a todos os egos, caminha numa esteira de mais de meio século, vernáculo testemunho da frutuosa acção destes sucessores porque tudo o que está feito fala implicitamente de todos que por aqui passaram, mortos, ausentes e presentes...

As páginas seguintes, se mais não conseguiram atingir, que sejam, pelo menos, uma exaltação a todos eles, a mesma que levou Eduardo Costa, numa festa do

Festa de final dos Cursos Liceais.

Ginásio, realizado nos anos cinquenta, a dedicar-lhe esta admirável quadra que tão bem se acasala com o seu todo.

Este Ginásio que expande
Alegria no viver
É tão grande, quanto é grande
Quem o faz assim crescer

As mais expressivas secções do Ginásio

Manda a justiça e a boa lógica que as mais expressivas secções do Ginásio sejam tratadas mais pormenorizadamente.

Concerteza que não se pretende, com isto, distinguir mais esta colectividade mas sim relevar iniciativas e actividade inéditas, porque transcendem a própria associação e passaram, elas também, a fazer parte do património cultural, desportivo e social, da nossa vila e o Ginásio que pode dizer-se nasceu com ela, está numa posição privilegiada.

Daí a razão destas notas de referência.

A escola pré-primária

Uma das cláusulas consignadas nos Estatutos do "Ginásio" foi o funcionamento duma escola primária para crianças. Tudo leva a crer que esta medida se teria ficado a dever à inexistência de escolas primárias oficiais nesta localidade aquando do nascimento do GAC e também como maneira de adquirir associados (mais tarde copiada por outras colectividade já que os estabelecimentos oficiais de ensino tardaram e foram sempre insuficientes) o que de maneira alguma desmerece o profundo alcance da iniciativa porque a "Escola" é indispensável à criança sabendo-se que pauta, física, intelectual e moralmente a sua conduta futura como cidadão no mundo quando o sentido da sua orientação se baseia em sãos princípios. Todavia nem sempre as boas intenções são frutuo-

Sessão de esclarecimento da Oposição Democrática.

sas e, devemos confessar que a primitiva "Escola do Ginásio" funcionou mais como recolhimento para as crianças, durante as horas em que os pais trabalhavam nas fábricas o que fazia com que aquelas se saturassem do "ensino" prejudicando grandemente a sua adaptação futura à escola oficial.

Sessão da Oposição Democrática, 1969.

Além disso a quantidade de alunos de ambos os sexos e a diversidade etária destes que ía dos 5 aos 14 anos (nada aconselhável pedagogicamente) em nada abonava o seu valor.

Contudo teve a virtude de evitar a muitas crianças o contacto permanente com o ambiente pernicioso de rua. Depois salvou a sua melhor imagem o seu primeiro regente de ensino, um indivíduo de nome Ricardo Tavares dotado duma boa cultura e, sobretudo, muito educado a quem a desfortuna negara uma formação universitária que ainda encetara e foi só graças à sua competência e ao proficiente trabalho que ali desenvolveu que algumas crianças, arrancadas por si ao puro analfabetismo, aprenderam a ler, a escrever, as quatro operações, geografia e a História Pátria, chegando a levar, com o maior êxito, algumas delas ao exame de instrução primário oficial.

Em face disto, a escola de crianças do Ginásio poderá considerar-se, para aquela época, um valor positivo!

Com a criação de escolas primárias na Baixa da Banheira a do Ginásio transverteu-se em ensino Pré-Primário sem contudo se conseguir desassociar da velha característica de "recolhimento de crianças" durante as horas em que as mães

Equipa de Futebol 5 do GAC, nos Jogos Juvenis da Moita.

trabalhadoras estavam ausentes de casa!

Também poderemos afirmar que uma das virtudes desta "velha" escola foi inculcar nos seus alunos o amor por esta colectividade, onde passavam mais horas do que em sua casa. Este amor viria a revelar-se, mais tarde, sob vários aspectos e até então entre eles alguns dos seus mais diligentes directores de há mais de vinte anos a esta parte. Por curiosidade registaremos aqui que um dos alunos daquela "escola", Carlos Alberto Beato foi, em 1969, professor dum Curso Liceal aqui organizado de que falaremos na devida altura.

Por tudo isto consideramos este "ensino de crianças" a primeira manivelada para o surto de actividades culturais que mais tarde se viriam a desenvolver nas instala-

A eauipa Campeã Nacional de Luta Livre Olímpica, feminina.

ções do Ginásio Atlético Clube.

De notar que esta escola se mantém, funcionando em métodos pedagógicos oficiais muito mais adaptados às exigências do ensino pré-primário e primário actuais. O "O Ginasinho" – Jardim de Infância, Pré-Primária e ATL, conta actualmente com cerca de 80 crianças, entre os 2 e os 10 anos de idade, que usufruem de acompanhamento escolar, ginástica, natação, visitas de estudo, idas à praia, etc.

A Dancing Orquestra-Jazz

Por altura da fundação do Ginásio estava muito em voga as Orquestras-jazz.

Estas criavam-se nas colectividade de recreio e ali actuavam graciosamente e até algumas, de maior projecção, possuíam ,mais do que um destes agrupamentos musicais. No Barreiro, os "Franceses" contavam com a "Orquestra Ritmo" e a "Francês-Jazz" e os "Penicheiros" com a "Orquestra Royal" e a "Orquestra SIRB" e depois o "ABC da Folia". Era pois de

Equipa feminina de Futebol 11 do GAC, 1966.

absoluta necessidade a criação duma orquestra dentro do Ginásio Atlético Clube para que os indispensáveis bailes fossem assegurados. Contudo ter-se-ía que adquirir os respectivos instrumentos musicais.

Feitas as consultas, para uma compra a crédito, verificou-se que quem melhores condições oferecia era a firma "Custódio Cardoso Pereira" de Lisboa. No entanto era necessário uma garantia de pagamento e o Ginásio não possuía quaisquer bens para hipotecar. Então José "Sândalo" não hesitou em pôr como fiança a casita que erguera nesta terra com incalculáveis sacrifícios e, só assim, os instrumentos foram adquiridos!

Criou-se então a "Dancing Orquestra-Jazz" composta por: Manuel Homem, trompete e seu director; José da Conceição Nunes, saxofone alto; João Eugénio Couto, saxofone tenor; Ricardo Tavares, violino; Egas Moniz Trindade, banjo de acorde e vocalista e António dos Santos Marques, baterista. Pouco tempo depois foi adquirido ainda um trombone de vara de que foi seu executante Francisco Duarte.

Esta orquestra era composta por excelentes executantes e, por isso, cedo se creditou como uma das melhores dos arredores. Muitas vezes ainda se juntaram a ela Joaquim Simões, um dos mais brilhantes saxofonistas do seu tempo e Joaquim Correia e serviram-na, mais tarde, com igual dedicação Mário de Oliveira, Eduardo Lourinho, Joaquim Cavaco, José Rosa Figueiredo e Eduardo Silva.

Exceptuando as festas carnavalescas, única altura do ano em que os músicos,

Equipa de ciclismo da Volta a Portugal.

destes agrupamentos amadores, aproveitavam para auferir remuneração do seu trabalho, a "Dancing" abrilhantou, durante alguns anos, dois bailes semanais no Ginásio (sábados e domingos) absolutamente gratuitos.

Estávamos então ainda no primeiro lustre da década quarenta e o Ginásio, ainda na primeira infância, enfrentava grandes problemas financeiros. Então é digno de ser registado aqui o louvável comportamento de alguns executantes da já moribunda "Dancing Orquestra-Jazz" que, sempre que lhes era possível, davam uma "achega" gratuita nos bailes do Ginásio com relevo para José da Conceição Nunes, tocando saxofone alto acompanhado apenas por um baterista!

Desta maneira o Ginásio viu-se forçado a pagar também a agrupamentos musicais (muitas vezes de duvidoso valor artístico) e a reduzir o número de bailes.

Anos mais tarde os instrumentos, que inúteis se iam deteriorando em qualquer canto, foram vendidos.

A marcha popular

Em 1939, com vista aos festejos populares de Santo António, S. Pedro e S. Joaõ, a exemplo do que acontecia nos bairros típicos de Lisboa, o GAC organizou uma "marcha popular" que muito viria a contribuir para a divulgação da Baixa da Banheira na altura.

Sobre este evento reproduziremos o que a seu propósito, foi escrito no número

Equipa de Ciclismo.

de "O Banheirense", saído em Maio de 1958.

A Baixa da Banheira ensaiava ainda os seus primeiros passos como povoação, pois pouco mais de dois anos teria de existência. Com ela alvorecia o Ginásio Atlético Clube,... única colectividade, reunia toda a gente do burgo que manifestava já enorme capacidade e merecimento. Presidia à direcção o "velho" militante da causa associativa, José Pedro Nunes que, coadjuvado por Alberto Mendonça, António de Jesus, Renato Marques, Jaime Godinho, Maxcimo Silva e tantos outros, concebeu a organização duma "marcha popular", na qual participou toda a mocidade local.

Os versos, hino à terra que despontava, foram da autoria de José Rosa Figueiredo, a música, do falecido compositor Joaquim Simões e a coreografia ficou a cargo do também saudoso amador dramático Porfírio Ferreira. Foi escolhida a Sociedade Filarmónica Recreio e União Alhosvedrense, onde graciosamente foi feita a sua primeira aparição.

A Marcha, lá seguiu para aquela Vila, arrastando consigo quase toda a Baixa da Banheira. No Salão de Festas da "Velhinha", literalmente cheio,... foi um êxito absoluto. Depois foram proferidas palavras

Equipa de Luta.

amáveis e estimulantes que constituíram a mais valorosa compensação para tantas horas de trabalho. Evento que representava o primeiro triunfo do Ginásio ou, para melhor, da Baixa da Banheira.

Nos Olivais, no Barreiro, quer na festa de Nª Srª do Rosário, quer no campo do Grupo Desportivo da CUF ou noutros locais onde a "Marcha" se exibiu, pronunciava-se já o nome do GAC e desta terra com respeitosa admiração.

Faziam parte dos componentes desta marcha que cantavam o refrão a solo, Egas Moniz Trindade que viria a ser um dos mais destacados valores da nossa "canção" e Gracinda Ramos que incrivelmente jamais quis tirar partido da sua maravilhosa voz.

Reproduziremos a seguir os versos da "Marcha" pois fazem parte absoluta do património artístico-cultural do Ginásio e da própria Baixa da Banheira.

Nota: deve-se aqui esclarecer que Porfírio Ferreira, acima citado, ensaiador desta "Marcha Popular", caldeireiro na CUF do Barreiro e natural de Lisboa, nada tinha a ver com um outro que foi presidente da Direcção do GAC.

Marcha cantada nas ruas

A marcha alegra passa
Venham pois à janela
E p´ra lhe dar mais graça
A noite está bela

À luz deste luar
Flutuam balões
Venham ver-nos passar
Ouçam nossas canções

1º refrão
O nosso bairro
Não tem solares importantes
É modesto na verdade
No nosso bairro
Todos os seus habitantes
Se estimam com lealdade
O nosso bairro
É habitado somente
Por gente laboriosa
É um bairro onde a gente
Vive contente e ditosa

É pobre, é verdade
Do nada foi formado
Mas com fé e vontade
Pode ser elevado

É filho da pobreza
Por pobres construído
E um dia, com certeza,
Por nós será erguido

2º refrão
o nosso bairro
é um bairro encantador
de graça infinda sem par
o nosso bairro
é um bafejo de amor
que não se pode igualar
o nosso bairro
é tão lindo na verdade
que quem p´ra lá vai morar
nunca mais lhe dá vontade
deste bairro se afastar

E fica situado
Humilde a um cantinho
Como que envergonhado
De ser tão pobrezinho

É um burgo tão lindo
De beleza sagrada
Que parece sorrindo
A quem passa p´la estrada

3º refrão
O nosso bairro
É um bairro popular
Onde não há pretensões
O nosso bairro há-de inda concretizar
O que hoje são ilusões
O nosso bairro todo ele habitado
Só por gente hospitaleira
Pois este bairro encantado
É a Baixa da Banheira

Este berço de amores
Comparemo-lo assim
As casas são flores
E o bairro é um jardim

E nas manhãs calmosas
Desabrocham botões
E transformam-se as rosas
Em alegres canções

E ainda este poema dedicado ao trabalho, também musicado por Joaquim Simões:

Rapazes
Ao apitar da buzina
Soa a hora matutina
De abandonarmos o lar
E a caminho do lâbor
Nós lá vamos com vigor
Mais um dia labutar

Raparigas
E também nós tecedeiras
Modestas trabalhadeiras
Convosco vamos então
Pois todas nós trabalhamos
E honradamente ganhamos
Com suor o nosso pão

Refrão
No nosso lar
É modesta a nossa mesa
Somos filhos da pobreza
Mas ser pobre que importa?
No nosso lar
Apesar de pobrezinho
Também existe um cantinho
Para quem bater à porta

Rapazes
Nosso pão e agasalho
É o fruto do trabalho
Nossa constante labuta
Cada qual, p´la sua mão
Sabe quanto custa o pão
Que dia a dia disputa

Raparigas
E na hora da saída
Deixamos a nossa lida
Regressando então ao lar
A bata vem mascarrada
Mas nenhuma envergonhada
Porque há honra em trabalhar

Refrão
No nosso lar
É modesta a nossa mesa
Somos filhos da pobreza
Mas ser pobre que importa?
No nosso lar
Apesar de pobrezinho
Também existe um cantinho
Para quem bater à porta

Festa de Carnaval.

Escola de Música

Em 1939, José Pedro Nunes "Sândalo", que fora executante da então já extinta Filarmónica da Sociedade Democrática União Barreirense (Os Franceses) e sabia, sem qualquer dificuldade, solfejar todas as claves musicais, criou uma Escola de Música no "Ginásio" de que foi seu professor gracioso.

Nesta "Escola de Música" (a única que conhecemos até hoje no "Ginásio"), inscreveram-se cerca de 20 alunos entre os 16 e os 18 anos e a maioria aprendeu o solfejo. Porém o Ginásio não possuía condições económicas que lhe permitisse comprar instrumentos musicais para os alunos daquelas "Escolas" e então o esforço do Sândalo" viria a perder-se salvo naqueles que tinham possibilidade de os comprar...

Entretanto ainda foram executantes: Joaquim Cavaco, saxofone; Orlando Cavaco, violino; Fernando Damásio, trompete e José Rosa Figueiredo que, por não existir na colectividade um trombone de pistons ou um piano, foi, durante alguns anos, útil ao "Ginásio", como baterista.

Apenas estes quatro compensaram o insano trabalho de José Sândalo que teria

Equipa de Halterofilismo.

visto esfumado o seu sonho de criar uma banda de música no Clube que ajudara a fundar e, consequentemente, esta Terra!

O teatro amador

Com o nascimentos do Ginásio Atlético Clube quase nasceu também um "Grupo Cénico". Este teve inicio em 1939 e foi seu criador o velho amador dramático Agripino José Botelho.

A sala não possuía palco, mas foram os que colaboravam com o Agripino que improvisaram um pequeníssimo palco desmontável e desde aí, através de vários anos e algumas gerações, foram inúmeros aqueles que pisaram o palco do GAC e alguns revelaram até invulgares qualidades para a "Arte de Talma".

Nem sempre as peças representadas foram de boa qualidade o que era natural porque a censura era bastante exigente para com o teatro, duma maneira geral, poderemos considerar a sua acção bastante positiva principalmente sob o aspecto recreativo.

Desfilaram pelo palco do "Ginásio" verdadeiras dedicações à colectividade e simultaneamente ao teatro entre os quais se demarcaram, para além do seu criador, Porfírio Ferreira, António de Jesus, Manuel

Mira Barreiros, José António Júnior, José Vicente, João dos Santos, José da Conceição Nunes, JR Figueiredo, Renato Marques, Leandro dos Santos, Mário Andrade Gonçalves, António Henriques dos Santos, Manuel Ferreira, José Ferreira, Manuel Taré, Rogério Trindade, Raul Cândido, Natália Mendes, Jaime Vieira, Alberto Pousada, Maria Emília, Felismina Ramos, Mafalda Glória, Odília Tomás Trindade, Otília Rosa Correia, Isaura Rosa Correia, Cesaltina Coelho, Aurora Coelho, Regina Coelho, Fernando Fernandes, José Carlos Teixeira, José Carvalhinho, Agripino Gonçalves Botelho, Ivone Borges Moreno, Maria Augusta Botelho e Elvira Costa.

O Ciclismo

Influenciados por alguns jovens que, em bicicletas, esperavam, na estrada, os ciclistas participantes da Volta a Portugal e foram atrás deles até à próxima etapa mantendo razoavelmente a distância que os separava aquando da partida, alguns ginastas introduziam no GAC o ciclismo.

De principio a modalidade era praticada quase "em família" mas, entretanto, surgiu uma oportunidade para se praticar o ciclismo mais a sério.

O comerciante local Jaime da Silva (já falecido) organizou o "1º circuito da Baixa da Banheira" a que a Associação de Ciclismo do Sul deu o seu apoio. Foram inúmeras as colectividades que se inscreveram para o disputar e o GAC fez-se representar com uma equipa em que participaram António Penas Aiveca, Arménio Augusto e Ilídio Cabrita que alcançaram, respectivamente, os 1º, 2º e 7º lugares entre três dezenas de concorrentes.

O entusiasmo redobrou e então seguiu-se um rosário de participações dos ciclistas do Ginásio em provas oficiais e particulares e os êxitos dos jovens atletas Ginastas foram-se acumulando de maneira tão surpreendente que o clube da Baixa da Banheira, em 1962, resolveu participar na 25 ª Volta a Portugal em Bicicleta.

Uma aventura desta natureza, levada a efeito por uma colectividade ignorada e integrada na mais jovem terra do País, disposta a medir forças com outras da maior projecção, deixava os mais cépticos verdadeiramente perplexos.

Outros, que jamais tinham ouvido falar em tal colectividade e até da terra de que era oriunda, interrogavam-se...

A propósito disto, o jornalista Guita Júnior, escreveu em o "Mundo Desportivo" de 17 de Agosto de 1962, aquilo que abaixo reproduzimos na íntegra:

"Onde é a Baixa da Banheira?

Por toda a parte onde temos passado tem causado certa curiosidade, entre o público, a presença na "Volta" da equipa

do Ginásio Atlético Clube da Baixa da Banheira.

Quando se tem dado o caso de passar à frente por qualquer localidade um corredor da Baixa da Banheira, e isso tem acontecido inúmeras vezes, é hábito ouvir-se esta pergunta: Mas onde é a Baixa da Banheira?

É a seguir ao Barreiro. E lá se ficam com uma expressão de surpresa a pensar como foi possível um clube de tão modestos recursos fazer este milagre de vir à "Volta".

Esta proeza de participar na Volta a Portugal em Bicicleta viria a repetir-se por mais dois anos mas, face aos limitados recursos dos seus patrocinadores (um grupo de sócios) e à incapacidade da colectividade, foi impossível continuar a participar na "Volta". Apesar disso, o Ginásio viu um dos seus atletas distinguido pela internacionalização (Manuel Grosso), pois participou no Brasil, com a camisola de Portugal, nos I Jogos Luso Brasileiros.

Além dos já citados ciclistas, outros foram os jovens que envergaram e honraram a camisola do Ginásio nas estradas do nosso país:

Nelson Matias, José Manuel Caetano, Luis Fialho, António Oliveira, Luis Ramalho, José da Costa, Santinho Mendes, António Laranjinha, Lito Soares, Abilardo Lopes, Arlindo Parreira, Diogo Ferrer Calado, Bartolomeu Miranda, Sérgio Ribeiro, Lúcio Janeiro, Ildefonso Esteves, Manuel Mestre, José da Silva, José Mariano, Domitilio, Vítor Nunes, Francisco Prates (Olhinhos), Orlando Alexandre, Quim Silva, João Santos, Júlio Grande, João Sena, António Cordeiro, António Canastra, Coelho, Pinhão, Imidio, Sonape, Agripino, Cassarinho, Conduto, "António do estuque", e outros que não recordamos.

O primeiro treinador foi Pinto Ribeiro e mais tarde o ex-ciclista Orlando Alexandre que viria posteriormente a ser o seleccionador nacional de ciclismo.

Os massagistas foram o Magno e o Alfredo Salvador "Tarelho". Os mecânicos, o Eduardo Lobo, o Sousa e o Manuel de Alhos Vedros.

Serviram de motorista do carro de apoio, o António Pinho, o Foitinho, o Sândalo, O Manuel Soares e o Francisco Romba.

Os dedicados obreiros desta aventura ciclista foram: Camilo de Jesus, António Foitinho, Dioniso Leitão, Arsénio Inácio, Francisco Adelino Pinheiro, José Mestre, Tarugo, Salvador Arsénio, Celestino de Oliveira, Luís Gaudêncio, Manuel Marques, Ilidio Matias, Carlos Augusto dos Santos, António da Conceição Coelho, Sândalo da Veiga Nunes, António Latas, Jaime da Silva "das bicicletas".

"O Ginásio Atlético Clube e a construção da sua sede social".

Alguma coisa se tem escrito sobre o nosso historial nas áreas da cultura, do desporto e do social e, muito pouco ou nada sobre a nossa maior realização física.

A construção da nossa casa

"Amável colaboração de Fernando da Veiga Nunes"

Estamos em 1998, ano em que comemorámos os 6º anos da existência do Ginásio, e sem grande margem de erro, podemos afirmar, que o pensamento inicial dos fundadores da nossa colectividade apontava já, como principal e grande objectivo a construção desta Casa. Presentemente são decorridos 43 anos sobre o lançamento da 1ª pedra e com apenas 17 anos de existência – 1955 –, facto que constitui, motivo do maior orgulho, para quantos colaboraram e ou viveram este grande momento.

O espaço – com apenas 10 anos, em 1948, é adquirido o 1º talhão de terreno, operação que é repetida em 1950, 1955, 1956 e 1967, tendo sido esta última aquisição apoiada em títulos de empréstimo de 100$00, como certamente muitos dos nosso associados ainda se recordarão. É assim, quase palmo a palmo e com os dinheiros apenas dos nossos associados, que conseguimos um notável património próximo dos 2.000m2.

Os projectos – conseguidos os terrenos a fase seguinte foi a dos projectos porque de mais que um se tratou, e essas alterações implicaram de imediato a necessidade de novos espaços, como adiante referiremos.

Em 1955 é mandado elaborar um 1º projecto para a nossa sede. Esta seria construída no actual espaço desportivo (esplanada), e a área de construção situar-se-ia entre os 350m2 e 400m2 em edifício de 1 só piso, a área do Salão de Festas não atingiria os 200m2. A esplanada era quase na totalidade absorvida pela construção, pelo que as nossas actividades de ar livre especialmente os bailes de Verão, ficaram desde logo prejudicados. Ao tempo existia na nossa Colectividade um forte núcleo de jovens de idades compreendidas entre os 20 e os 30 e poucos anos que se tinham distinguido na compra da 1ª aparelhagem sonora, do nosso recinto, assim lhe chamávamos, mostrou-se desde logo, contrário a este projecto, porque no seu entendimento faltava-lhe ambição, a Baixa da Banheira já dava fortes indicações de crescimento acelerado, além de que o futuro do Ginásio não podia ser apenas a 20 anos, mas bem mais além. A área descoberta deixava de existir e para além dos bailes de Verão, ficava igualmente comprometido o futuro desportivo e esta área era e é

Prova de Luta.

ponto de honra nos nossos Estatutos.

Argumentava a Direcção (José António, Joaquim Viegas, José Dias e outros) os velhos, assim eram vistos pelos jovens, que por agora já era bom, que não podíamos deitar fora 1.700$00, que tinha sido o custo do projecto e que as possibilidades presentes da colectividade não davam para mais. Contra argumentaram os novos que era preferível sacrificar o presente e pensar num Ginásio a longo prazo, porque aquilo que não fosse pensado e realizado naquele momento, jamais seria possível realizar. Por isso, propunham que se adquirisse o gaveto ainda livre de construções, confinante com as hoje ruas do Ginásio e José Vicente, isto é, o local onde o Ginásio está implantado. Mais acrescentou esse grupo

Equipa de Luta Greco-Romana.

Ginástica.

de jovens que se a direcção assim concordasse, se constituiriam em nova comissão para a angariação de fundos para a compra de um dos talhões, ficando o outro a encargo da direcção, dado que o gaveto era constituído por duas partes autónomas. A controvérsia que se tinha instalado foi acesa, mas benéfica, tendo por fim imperado o bom senso, porque, acima de tudo, foi dado o grande passo, para que o Ginásio seja hoje o que realmente é.

Fez-se o projecto, que foi da autoria do José Pedro Nunes (Sândalo), e em 1955 arrancam as obras de construção e também os célebres "Comboios de Pedra", que de acordo com o seu grande dinamizador o Manuel Garcia Ferreira, foram utilizadas 98 camionetas, que entre 1955 e 58, levaram a efeito 5 comboios. Muitos(as) ainda se lembrarão destas grandiosas jornadas de voluntarismo popular e fervor clubista, com entusiasmo e alegria a rodos. Só quem viveu estes grandes dias, tem a noção exacta do inquebrantável querer de quantos/as colaboraram no arranque da construção da sua sociedade, que ao tempo era assim porque era conhecido o Ginásio.

Estávamos em Abril do ano acima referido, quando foi o lançamento da primeira pedra, destacando-se Joaquim Viegas, ao tempo o sócio nº 1, o João Preguiça (contínuo), o José Barbinhas e ainda o António Ruivo. Os trabalhos eram morosos, as paredes são em pedra rija do

Zambujal de Sesimbra, até um pouco acima das vergas das portas do salão. Entretanto, esgotaram-se os dinheiros e a obra prossegue, embora mais lentamente, mercê do trabalho voluntário de alguns novos associados, que depois dos seus afazeres profissionais ainda vêm dar uma ajuda. Porém, é solicitado o auxilio do Estado através do então Governador Civil do Distrito de Setúbal, Dr. Miguel Rodrigues Bastos. A obra é apoiada e em resultado dessa intervenção o projecto inicial é reformulado, o que obriga à suspensão dos trabalhos, que só viriam a ser reiniciados em Abril de 1959, com um novo projecto, e agora comparticipado pelo Estado, através do então Fundo de Desemprego. Esta intervenção do Estado tinha como contrapartida a nossa concordância ao novo projecto, circunstância que obrigou a algumas demolições, que a muito custo foram aceites. Não tínhamos alternativa. Foi determinante neste caso, a opinião do consócio José Sândalo, que como autor do projecto anulado, reconhecia que a obra ficava muito mais valorizada com o projecto apresentado pelos serviços do Estado, embora lhe custasse também ver demolir a obra que tanto nos tinha custado erguer.

Entretanto, com o decorrer dos trabalhos e quando se preparava a confrage da viga da ribalta do palco, é levantada a dúvida das dimensões do fundo deste. De acordo com o consócio Fernando V. Nunes, o palco ficaria somente com um fundo de 4 a 4,5 m e o salão com cerca de 16,5m de extensão. Ora tendo este 15m de largo, ficaria quase quadrado e o palco com muito pouco de fundo. Pelo que sugeria à Direcção da colectividade que se comprassem mais 7m, estes exclusivamente para um palco aceitável, e ficando o salão com entre 20/21x15m, o que lhe daria uma configuração mais rectangular, logo, mais conforme com uma sala de espectáculos, em vez do quadrado acima referido. Ao tempo ainda era possível fazer-se a aquisição referida , porquanto a partir da nova parede, limite da nossa propriedade estendia-se ainda terrenos de cultivo, logo livres de construção o que simplificaria a transação. A polémica instala-se de novo, mas os mais novos a favor da sugestão do referido consócio, outros contra, tendo à cabeça José António, grande ginasista e impulsionador da construção da Casa com o velho argumento de que por agora já chegava. Então o consócio Veiga Nunes, propôs que se perguntasse ao Sr. Cerqueira, o fiscal do Estado, que nos visitava regularmente, e que se lhe pedisse opinião. Esta foi favorável à compra. Mais uma vez o bom senso prevaleceu e dessa resolução muito veio a beneficiar a nossa colectividade. Ficámos com um palco aceitável e o

Sarau de Ginástica.

salão razoavelmente bem dimensionado, e passado cerca de 40 anos sobre os acontecimentos atrás descritos continuamos a usufruir de instalações com áreas aceitáveis, embora o acréscimo de actividade justifiquem a criação de mais espaços.

A obra foi orçamentada em cerca de 1.500 contos a preços de 1959, e por carência de informação desconhece-se o valor recebido da comparticipação. Os trabalhos arrastaram-se no tempo. As exigências financeiras eram cada vez maiores. Os acabamentos de instalações eram indispensáveis para que nelas se começasse a actuar. As instalações de águas e esgotos, sanitários e balneários, instalação eléctrica; são trabalhos caros e urgentes. Parte dos materiais são oferecidos e por vezes já usados (material eléctrico, madeira para portas, tacos para o salão), neste caso foi determinante as ajudas vindas da CUF, e por acção do seu administrador Dr. Jorge de Melo, a que não foi estranha a influência do nosso Presidente da Direcção, nos anos agitados da construção da casa – 1959 a 1961 –, Gabriel Fernandes de Sousa, que com o José António (Zé Mau), este presidente da

Classe de Ginástica.

Comissão Pró-casa, foram os dois grandes mentores do processo de construção.

O início da década de 60 é marcado pela transferência dos serviços e actividades da sede velhinha para a nova, mas a título precário. Taipais em madeira da obra serviam de portas e janelas. O pagamento do trabalho absorve grande parte do orçamento. Mas as obras continuaram conforme as nossas limitadas possibilidades, não conseguindo respeitar prazos para a execução das várias fases da obra e a intervenção estatal acabou também por se extinguir.

Há que registar a importância que tiveram no curso da construção, as campanhas para o cimento, para o tijolo, para a telha, para a cadeira e ainda a Comissão que comprou parte do terreno onde está construída a nossa sede, para falar em nomes socorremo-nos da acta da Assembleia Geral Extraordinária de Maio/63.

A obra foi-se concluindo aos poucos e poucos, mas nunca totalmente. A inauguração oficial do edifício ainda está por fazer.

Ainda assim, em Fevereiro de 61, demos o 1º baile (Bailes de Carnaval), ainda sem pintura nem tecto falso e cremos, que também sem tacos no chão. Em 1962, conclui-se a dependência da Escola Pré-Primária, esta sim já com pintura e tacos de parquet no pavimento.

Em 1963, é ano da comemoração do 25º aniversário do Ginásio, e assim, são inauguradas as instalações da Direcção, bar

e biblioteca, esta para além das obras de construção civil (pintura e tacos) é também apetrechada com respectiva mobília, voltando a estar à disposição dos nossos associados. Ficou a ser ao tempo, a nossa menina bonita.

Em 1964 e 65, é a vez de se meterem janelas e portas na fachada de rés do chão e 1º andar e no foyer, bem como, os trabalhos de acabamento do salão e jogos com mesas de bilhar e snooker, inaugurado em Janeiro de 1966, e os trabalhos continuaram em anos seguintes.

Com o andar dos anos, foram as nossas actividades, tanto as administrativas, sociais e as culturais como as desportivas, a ditar as necessidades de adaptar ou simplesmente transferir e alterar instalações. Por exemplo, no anos 60/70 os cursos liceais nocturnos obrigaram a que se tivesse de criar novas instalações para aulas, sobre o terraço do foyer. A criação de sanitários no rés do chão obrigou a transferir o bar para onde actualmente se encontra e esta necessidade ditou a exclusão do salão de jogos. Também as necessidades administrativas ditaram o encerramento da biblioteca, que de momento

Sérgio Pires, Jonas Pacheco e Paulo Pires.

Karaté.

Karaté.

pensamos em reactivá-la, assim como o salão de jogos.

Uma colectividade não pode ser estática, daí, que cada Direcção procure em função das actividades que pensa implementar, fazer as adaptações que lhe pareçam mais correctas.

A comemoração do 25º aniversário da fundação do Ginásio Atlético Clube

Entenderam os corpos gerentes em exercício em 1963, homenagear as individualidades e os nossos associados que mais se haviam distinguido e ou concorrido para o êxito da construção da nossa sede social.

O ano em que comemorávamos o quarto de século, e a proximidade das obras que se tinham levado a efeito, tal justificavam.

Assim, em 6 de Maio de 1963 é convocada uma Assembleia Geral Extraordinária, de cuja ordem de trabalhos, como ponto único – a concessão de títulos honoríficos.

Foram distinguidos como o título de sócios honorários:
Exmº Senhor Dr. Miguel Rodrigues Bastos (Governador Civil)
Exmº Senhor Dr. José de Melo (Administrador da Companhia União Fabril)
Exmº Senhor Alfredo Oliveira (Agente Técnico de Engenharia)
Sócio Benemérito:

Exmº Senhor Dr. Augusto César Coelho (Médico)
Sócios de Mérito:
Exmº Senhor Joaquim Viegas
Exmº Senhor José Pedro Nunes (Sândalo)
Exmº Senhor Manuel Garcia Ferreira
Exmº Senhor José Dias
Exmº Senhor José António Oliveira
Exmº Senhor Gabriel Fernandes de Sousa
Exmº Senhor José Campante Ortiz
Exmº Senhor Fernando Francisco Beato (Damásio)
Exmº Senhor Joaquim de Sousa
Exmº Senhor José Vicente
Sócio Cooperador
Exmº Senhor José Gonçalves Pássaro

Estes foram, portanto, as individualidades e os nosso consócios que mereceram da Assembleia atrás referida, as distinções citadas, como reconhecimento do Ginásio Atlético Clube.

A intervenção do Sr. Governador Civil do nosso Distrito, foi determinante na obtenção da comparticipação da obra, por parte do Estado e do acompanhamento dos trabalhos (projecto e assistência técnica), pelos então Serviços de Urbanização de Setúbal.

O Sr. Dr. Jorge de Melo foi importante para a nossa colectividade, na área económica, oferecendo muitos materiais (fio eléctrico, madeiras para portas e mobiliário, os primeiros tacos de madeira para o pavimento do salão, entre outros).

O Sr. Alfredo de Oliveira, ao tempo, também responsável pelos Serviços Técnicos de Urbanização da Câmara da Moita, disponibilizou-se, sem quaisquer contrapartidas remuneratórias a dar toda a assistência técnica à nossa obra.

Quanto aos outros nossos associados igualmente referenciados, à excepção do Sr. Dr. César Coelho e do sempre nosso José Vicente, o primeiro pela sua acção desinteressada no acompanhamento médico, inspecções dos nossos atletas ciclistas e o segundo pela sua contribuição na área cultural quer a nível da pintura de cenários, quer ainda, da poesia e do teatro, prestações também muito relevantes no contexto da nossa colectividade. Os restantes nove galardoados foram pessoas sempre muito ligadas aos problemas da obra. Nesse sentido constituíram naquele período de 1955-1963, um verdadeiro núcleo duro da construção da Casa, onde passaram na maioria dos casos as grandes decisões sobre a mesma.

É evidente que muitos outros e outras foram, embora não tendo atingido a relevância daqueles, muito contribuíram igualmente, tanto na acção directa na construção (trabalho voluntário) como ainda participando nas variadas iniciativas levadas a cabo (comissões para angariação de

fundos, festas e em todas as acções expontâneas) e uma dedicação infinita, contributos incomensuráveis para o grande êxito da nossa Obra.

À distância de cerca de 40 anos, e sem registos em que nos possamos apoiar, uns em parte desaparecidos ou mesmo inexistentes, porquanto, não constituía para os dirigentes daquele tempo, a mínima preocupação em registar os nomes das muitas participações, quer de associados(as) quer de amigos(as), quer ainda de agentes económicos, o importante era o contributo valiosíssimo das prestações directas e indirectas e concretas, no acrescentar algo mais no dia-a-dia dessa que foi a nossa grande vitória.

Fazermos hoje referência a alguns nomes, deixando no anonimato outros, só porque deles não nos ocorre no momento presente os seus nomes, seria correr um sério risco, que o bom senso aconselha não seja tomado, mas votá-los ao esquecimento, é que não.

Pretendemos ainda, no âmbito das obras, levar ao conhecimento da comunidade, nossos associados ou não, dos trabalhos que temos vindo a realizar.

De início de 1996 a Junho de 1998, procederam-se a vários trabalhos de recuperação de novos espaços (cozinha e esplanada coberta), substituição total de telhados (salão, palco e anexos), renovação total do salão de festas e foyer, novas instalações eléctricas no salão, palco, foyer, cozinha e esplanada, nova instalação fixa do gás, cortinados no palco e portas do salão, novos pavimentos no salão de festas, no foyer, halls do palco e balcão, refeitório do Jardim de Infância e muitos outros trabalhos que nos importaram numa despesa calculada em 21.190 contos.

Pela sua valiosa contribuição, temos que agradecer ao Governo (Direcção Geral do Ordenamento do Território) à Câmara Municipal da Moita, à Junta de Freguesia e aos associados que aqui trabalharam graciosamente: aos pintores, montadores, pedreiros, electricistas, etc. e à comissão de senhoras que angariou grande parte dos fundos para a compra do pano para o palco e da sua confecção, pois tratou-se de um apoio imprescindível e sem ele muito difícil seria apresentar tanto trabalho.

Resta-nos agora prestar a devida atenção a outras indispensáveis obras, como são o caso do esgoto e da rede de água, instalações sanitárias, instalações escolares e desportivas a precisarem de urgentes melhoramentos. Por fim, devemos recordar que, em 1992, pelo aniversário, os Corpos Gerentes de então, entenderam homenagear todos os intervenientes na construção da nossa sede, descerrando-lhes uma lápide com a seguinte inscrição:

"À memória dos que ajudaram a erguer

este edifício". É neste sentido que aqui deixamos expresso na e para a nossa história colectiva.

A resistência ao fascismo no GAC

Os mentores da vigência salazarista pressentiam bem o perigo que para eles representava o Ginásio Atlético Clube, único polo aglutinador da população operária da Baixa da Banheira e não perderam o seu tempo, conforme se confirma num artigo inscrito no "Século" a 22 de Fevereiro de 1961, sob o título "Solução Nacional para a Baixa da Banheira" onde o articulista refere algumas infiltrações no meio operário através das colectividades.

Foi talvez com essa intenção que, por alturas do final da Grandes Guerra, o Ginásio esteve a ser presidido por pessoas de confiança política do governo de então e desde logo os sócios do GAC se viram impedidos de ouvir as notícias na rádio (BBC de Londres) sobre o avanço das tropas aliadas contra o nazismo, de organizar conferências, chegando até à expulsão de alguns sócios considerados indesejáveis.

Entretanto a luta ia continuando sempre, surda e sorrateira, ao longo dos anos com um entusiasmo acrescido nas campa-

Encontro com Vasco Gonçalves.

nhas do General Norton de Matos, Humberto Delgado e para a Assembleia Nacional em 1969 e 1973.

Durante todo este tempo a PIDE/DGS ia de onde em onde fazendo surtidas ao Ginásio, incomodando os seus directores e muito particularmente a biblioteca onde "retirava" sempre os livros que entendia por "perigosos".

Actuava também sistematicamente em todas as manifestações de canto e poesia chegando mesmo a prender o declamador Armando Caldas, na estrada nacional, após um espectáculo.

Por esta altura, muitas foram as figuras da Cultura Portuguesa que aqui vieram trazer um pouco mais de conhecimento e alimentar a chama da oposição aos governos de Salazar e Caetano: Manuel Freire, Teresa Paula Brito, Francisco Fanhais, Francisco Naia, José Jorge Letria, José Manuel Osório, Armando Caldas, Odete Santos, Lopes Graça, e o Coro da Academia dos Amadores de Música de Lisboa, a Tuna Académica da Faculdade de Direito de Lisboa, Teatro Experimental de Cascais, Centro Cultural das Caldas da Rainha, Ciclo Cultural de Setúbal, Vieira da Silva, Adriano Correia de Oliveira, José Afonso, Rui Pato, Armando Ventura Ferreira, Alves Redol, Assis Esperança, Carlos de Oliveira, António Borga, Manuel da Fonseca, Romeu Correia, Eduardo Gageiro, Nuno Rebocho, Gastão Cruz, Mário Elias, Etelvina Lopes de Almeida, Maria Eugénia Varela Gomes, Cecília Areosa Feio, Alice Sena, António Rocio, Maria Manuel Montenegro, Carlos Pinho, Pedro Sagres, Sérgio Ribeiros, Urbano Tavares Rodrigues, Carlos Pires, José Cardoso Pires, Moita Macedo, António Reis, Sotto Maior Cardia, Tavares da Cruz, João Hogan, Lima de Freitas, Levy Batista, Arnaldo Pereira, Mário Castrim, António Borges Coelho, Carlos Loures, Isabel do Carmo, Modesto Navarro, Manuel Cabanas, Maria Teresa Horta, José Barata Moura, e muitas organizações e personalidades agora impossível de reter sem uma pesquisa aprofundada entre os ex-directores, seccionistas e associados do GAC.

Também a escola do Ginásio (Cursos Liceais) contribuiu bastante para manter bem acesa a chama da liberdade e da democracia através da instrução e da cultura.

Foi a escola que promoveu várias excursões culturais e visitas aos teatros de Lisboa onde se exibiam as peças "A Forja" de Alves Redol e "As Mãos de Abraão Zacut" de Luís Stau Monteiro onde os ginasistas depois de uma alegre manifestação da Baixa da Banheira até ao teatro culminaram a sua acção oferecendo aos artistas muitas flores vermelhas, ante o delírio da plateia.

Foi também na escola do Ginásio que um grupo de alunos e professores; José

Espectáculo musical.

Manuel Marques Figueiredo, Albino Lopes, António Andrade, Guilhermino Garcia, José Nicolau Presumido, João Baião Marques, Carmona Carreto, António Sequeira Martins e outros, criaram o Núcleo da Baixa da Banheira da Comissão Nacional de Socorro aos Presos Políticos.

Criou ainda a secção responsável pela escola liceal um boletim "Intervalo" que era ao mesmo tempo informativo e formativo, cultural e político, que veio a acabar pelo receio manifestado pela direcção de então.

Foi, pois, através do Ginásio que passaram quase todas as acções e iniciativas de combate ao Fascismo e à Guerra Colonial, na Baixa da Banheira.

Os cursos liceais

Estes cursos que ficaram conhecidos simplesmente por "Escola do Ginásio" simbolizaram a época áurea desta colectividade e representaram, indubitavelmente, a mais sublime realização das suas actividades culturais.

A sua criação partiu de Francisco Varela (já falecido), João Mouzinho e José Rosa Figueiredo, que os organizaram com a aquiescência da Direcção do Ginásio.

Principiou a funcionar no ano lectivo

de 1966/67 com o 1º Ciclo dos Liceus (Ciclo Preparatório) que foi leccionado por José Marques Vicente, francês; Rui Petinha, matemática; Manuel Carlos Miranda, desenho e António da Conceição Coelho, ciências e português.

Aos alunos apenas se lhes exigia serem associados do Ginásio sem que lhes fosse condicionada a data da admissão e os explicadores, se bem que lhes não fosse exigida aquela condição, eram também seus associados.

A frequência à Escola era gratuita e os que a leccionavam também não auferiam qualquer provento do seu trabalho.

A "Escola" foi um autêntico êxito em aproveitamento! Oitenta por cento dos explicandos tiveram um comportamento extraordinário e muitos dispensaram as provas orais! Este sucesso repetiu-se no ano seguinte com o 2º Ciclo (5º ano do liceu). Os trabalhadores-estudantes do "Ginásio" conseguiram fazer tão bom ou melhor que aqueles que apenas estudavam graças à bolsa dos pais, podemos até afirmar que, em história, foram os alunos ginasistas que mais altas notas alcançaram de quantos, naquele ano foram a exame no Liceu Nacional de Setúbal.

A "árvore" plantada dentro do "Ginásio" tinha finalmente dado saboroso fruto sazonado apenas três escassos anos e mais de pasmar ainda porque algumas das "lições" não eram propriamente com vista ao exame mas sim de formação pessoal pois era lema da "escola" que importava era saber. Não importava o diploma mas sim a Lição, a lição que o GAC lhes dava, a lição de quantos trabalhavam desinteressadamente para o Ginásio e a lição que lhes dava o próprio explicador! Importava, sobretudo, criar uma consciência independente e fraterna. Todavia o útil andou a par do agradável!

Tinha então aderido à "Escola" uma plêiade de explicadores que muito mais a valorizavam ainda cujos nomes não poderemos deixar de registar: Elizabete de Oliveira, Engº José António Carruna, José Bofill Milheiro, Engº Carlos Alberto Beato, Engº João Nené Bicho, Gilberto Guerreiro Gomes, Albino Anjos Lopes, Engº José Ventura Mestre, Maria Odete Pires, António Guerra Monteiro, Helder Viegas e Eduardo Pires.

A certa altura, juntaram-se ainda a estes, a maioria daqueles que tinham concluído o 5º Ano os quais leccionaram o 1º Ciclo que, na realidade, tinham interpretado o verdadeiro espírito da iniciativa; dar ao "Ginásio" parte daquilo que nele haviam recebido e, muitos destes, passaram a frequentar algumas disciplinas do 7º Ano do Liceu que então entraram em funcionamento.

Nesta emotiva contextura há ainda a

realçar que foram os alunos que adaptaram a sala de aulas certas instalações que não tinham sido concebidas para isso, electrificando-as e pintando-lhe as paredes. Foram eles que repararam velhas carteiras que tinham sido oferecidas, que faziam a limpeza das salas e que até construíram algum material didáctico.

A "Escola" criou um boletim "Intervalo", policopiado, aberto à colaboração de explicandos e de explicadores que representavam uma ligação fraterna entre todos. Tudo nela funcionava dentro dum espírito comunitário onde se moldavam consciências e se forjava uma mentalidade de igualdade para com o seu semelhante. Foi uma obra invulgar de promoção e de solidariedade humana que transcendeu, de longe, a sua época, que glorificou o Ginásio e foi uma lição tão bem aproveitada por alguns que nos obriga a transcrever aqui um "trabalho" de caracter epistolar que o "Intervalo" nº4 de Março de 1970 publicou de uma das alunas da "Escola": «Depois de ter feito o 4º ano (antigo Curso do Liceu) passei, como é lógico, para o 5º. Acontece que já lá vão três longos anos continuo... no 5º ano, havia para tudo isto, muitas culpas a atribuir. A mim, a professores, a métodos de aprender e de ensinar. É verdade que no 3º e no 4º anos não estudei muito, mas também é certo que a preparação no Liceu não era das melhores.

Bem. Uma vez no 5º ano resolvi tentar as duas secções com as quais fiquei também... para o ano imediato. Depois desse último ano de trabalho exaustivo, em que estudei a sério e com vontade, passei apenas numas das secções (Letras), o que foi para mim um rude golpe pois tinha colegas no Liceu que tinham levado o ano inteiro a cabular (e passaram), logo, por direito, eu, que passara o ano estudando, privando-me de festas e festinhas, merecia, por certo, passar. Infelizmente não sou filha ou afilhada de nenhum senhor "Cunha" e as coisas ficaram assim, como vos digo, como não poderia deixar de ser.

Desesperada, com tudo e todos, resolvi desistir. Mais tarde (mais lúcida) pensei: Então depois de 7 anos no Liceu e já com a Secção de Letras, ía desistir? Não! E foi então que entrei para o Ginásio.

O meu interesse imediato era tirar a Secção de Ciências "aproveitando" as facilidades dadas. Pois se há tantos anos os meus pais pagavam mais de 200$00 escudos mensais, porque não aproveitar as aulas gratuitas do Ginásio?

Esta foi uma ideia egoísta inicial, se lhe quiserem chamar, porque o era. Porém passado algum tempo de frequência às aulas do GAC verifiquei que o interesse da obra não era somente o de ali aprender gratuitamente os 1º, 2º e 3º ciclos liceais mas também pelo aliciante de através dum

Baile da Pinha.

convívio humano e sincero e onde todos tentam resolver os problemas de todos, dar algo mais. E verdade é que comecei a sentir-me como que deslocada e ao mesmo tempo envergonhada. Como remediar?

Só mudando o propósito! Eu tinha entrado com a ideia fixa de tirar a Secção e "dar o fora", assim como quem diz: "desopilar". Diga-se também que eu não sabia ao certo que no GAC se tentava ensinar e aprender algo mais do que a matéria dos livros.

Por isso, eu tentarei dar o meu pequeno auxílio sempre que possível e necessário para esse trabalho porque já completamente de parte a ideia de tirar as Ciências e "dar o fora".

A maioria dos estudantes do GAC são trabalhadores e, alguns deles, chefes de família. Quer isso dizer que o tempo de que dispõem para dedicar ao estudo é muito limitado. Além disso, as preocupações materiais e outras dificuldades familiares abundam. Segundo a minha opinião, entra-se para o GAC (quase todos os que vêm de novo) com a ideia do Curso que lhes permitirá ganhar um pouco mais (materialmente) mas, acaba-se por ficar e aproveitar "qualquer coisa" que nos falta a todos e que tanto nos ajuda moral e espiritualmente, que bastante útil será para aqueles que olham o futuro. É preciso pois

Equipa de Futebol.

ter confiança em nós próprios e saber o que somos, ou não, capazes de realizar. É preciso termos uma consciência formada e um moral forte para criarmos e educarmos aqueles que devem ser, mais tarde, homens válidos. Contribuiremos assim para um Mundo melhor, um Mundo mais são, mais feliz e mais livre.

Pois será este o pensamento de todos (ou quase todos) que hoje fazem parte da Escola do Ginásio!»

Maria de Lurdes

Na realidade era assim aquela escola!

A participação do Ginásio nos Jogos Juvenis do Barreiro e da Moita

O GAC teve larga participação nos Jogos Juvenis quer, primeiramente, nos do Barreiro quer, depois, nos da Moita que se iniciaram em 1971.

É curioso o facto de que a ideia dos J. J. da Moita ter nascido dentro do Ginásio e depois organizado pela sua gente!

Quem ler o boletim "O Ginásio" nº 4 de Setembro de 1970 encontrará, na segunda página, uma notícia local, da autoria de J. R. Figueiredo, com o título "Porque não os Jogos Juvenis na Baixa da Banheira?" onde o autor afirma que fizera já o mesmo apelo no ano anterior, na

Ténis-de-Mesa.

grande imprensa e só o ginasista Carlos dos Santos o "escutara" e por isso tudo se teria gorado.

Em "Nota de Redacção", aquele trabalho, a Direcção do GAC apoia a sugestão do seu sócio e põe-se à disposição dos banheirenses que se venham a interessar por ela.

No entanto foram mesmo os ginasistas Carlos dos Santos, Mário Alecrim Carvalheira, Carlos Alberto da Fonseca Pereira, José Manuel Marques Figueiredo e Sândalo da Veiga Nunes que os viriam a organizar alargando-os ao Concelho e por isso os denominaram "Jogos Juvenis da Moita". Porém Mário Alecrim e José Manuel, por poderosíssimas razões (se bem que diferentes) viram-se forçados a deixar a "Comissão de Jogos" sendo, portanto, aos restantes três que se ficou devendo a maior responsabilidade no trabalho.

O Ginásio teve um excelente comportamento em qualquer daqueles "Jogos" que, não obstante o carácter participativo de que se revestiam, eram também competitivos... e só por esta razão registaremos aqui o nome de alguns dos participantes juvenis ginasistas e os mais significantes troféus alcançados nas duas organizações.

Naturalmente que os Jogos Juvenis da Moita, ao serem organizados por gente ligada ao Ginásio, este não podia deixar de participar em força e não deixar escapar uma série inumerável de títulos e prémios.

No caso dos Jogos Juvenis do Barreiro, podemos dizer o seguinte: A Baixa da Banheira foi quem com mais atletas participou nas suas edições a seguir, logicamente, ao Barreiro, pois apresentou 792 atletas, dos quais 439 foram do GAC.

Também nas instalações do GAC se realizaram provas do calendário dos jogos: xadrez, badmington, voleibol, mini-basquet e andebol, além de alguns colóquios dirigidos pelo professor José Esteves.

As modalidades onde o GAC mais se distinguiu foram: futebol de 9 (três vezes campeão), ciclismo, através dos jovens José Silva, Vitor Manuel Nunes e André Aiveca, natação pelos jovens Florival e Vladimiro Tavares, corrida de patins onde se distinguiram José Rafael, António Soares e Rogério Costa, no xadrez onde Arnaldo Pereira foi finalista e no badmington em vários escalões:

Gracinda Costa, Maria Otilia Mestre e Maria da Silva, com 1º, 2º e 3º lugar respectivamente. Maria Eduarda Neto e Aurélia Gonçalves, também com o 1º e 2º lugar.

Dina Alfaia e Maria da Silva também 1º e 2º.

No sector masculino obtiveram os melhores lugares os jovens ginasistas, Jorge Matias e João Sousa. Todavia, os prémios que mais distinguiram os atletas do GAC "Mérito Desportivo", foram atribuídos aos jovens António Guerreiro e Jordão Chora, que se viria a revelar um excelente jogador e treinador de futebol.

Em termos de participação global podemos dizer que o GAC foi das colectividades que em mais modalidades participou, quer nos Jogos Juvenis do Barreiro, quer nos Jogos Juvenis da Moita.

A imprensa

O Ginásio deu também o seu contributo para o desenvolvimento da imprensa na nossa vila. Dentro de si foram feitos nada menos que seis tentativas para a existência duma publicaçãozita das quais saíram a público 17 números que, por compreensíveis razões, não foram mais além. A primeira publicação data de 1963 a qual teve o título de "O Ginásio" e foi da responsabilidade do presidente da Direcção em exercício, Joaquim Campante Ortiz, não indicando ninguém em ficha técnica.

Três anos depois, por ocasião do seu 28º aniversário, "O Ginásio" voltou a ser publicado sob a direcção de José Rosa Figueiredo, tendo por editor António da Conceição Coelho, chefe de redacção Joaquim Gonçalves Soares e administrador Carlos Augusto dos Santos.

Os alunos dos "Cursos Liceais", em Janeiro de 1970 voltaram a fazer uma nova publicação ginasista, inteiramente da sua

responsabilidade, a que deram o título de "Intervalo" do qual saíram cinco números, extinguindo-se por determinação da Direcção do Ginásio e a este sucedeu novamente o "O Ginásio" agora da responsabilidade da Direcção do Clube o qual publicou durante sete meses com regularidade mensal.

Entretanto, em Outubro de 1974, "O Ginásio" reapareceu prometendo na primeira página que continuaria o que não aconteceu. Tinha por director José Rosa Figueiredo, administrador Carlos Augusto dos Santos e director-técnico António José de Almeida.

Em Janeiro de 1979 "O Ginásio" voltou a aparecer e a prometer continuidade, agora sob a direcção de Joaquim Soares e sem mais elementos na sua ficha técnica. Contudo apenas se publicou duas vezes.

Por altura do seu 49º aniversário o Ginásio publicou um valioso suplemento no jornal "A Voz da Vila" ilustrando-o de fotografias e artigos, verdadeiros documentos da sua existência.

Lutas amadoras e halterofilismo

As secções culturais e desportivas do Ginásio tinham, por volta de 1966, uma intensa e importante actividade que propulsaram o GAC para os maiores lugares, do escalão nacional, entre as colectividades congéneres.

No caso específico da secção desportiva, a sua actividade era coordenada por Carlos Agusto dos Santos apoiado pelos jovens José Manuel Marques Figueiredo, Armando Fernandes e Castro, António dos Santos Sequeira Martins e Carlos Alberto Fonseca Pereira. A estes vieram juntar-se, por ocasião dos Jogos Juvenis do Barreiro, José Alberto de Jesus e Carlos Garcia.

A convite de alguns elementos desta secção, alguns atletas banheirenses que praticavam luta greco-romana no Barreiro, assim como o seu treinador, iniciaram a prática daquela modalidade no Ginásio. Assim, dirigida por Mário Alecrim Carvalheira, (que viria a ser seleccionador nacional) a equipa de juvenis do Ginásio conquistou, em 1967, o título de Campeão Nacional, que iria manter até 1971.

Igual êxito também a equipa de juniores que conseguiu a proeza de serem campeões nacionais de 1967 a 1970, arrecadando, além desse título, igualmente a Taça de Portugal, naqueles mesmos anos assim com outros valiosos torneios.

Devido a isso, vários foram os atletas seleccionados para representar Portugal em provas oficiais, campeonatos da Europa, do Mundo e sendo até um dos seus atletas, José Marques (Garrincha) terceiro no Europeu e nono no Mundo o que lhe valeu a presença nos Jogos Olímpicos de Seul, maior feito de todos os desportistas do GAC.

Assim, recordamos alguns dos atletas internacionais: Pinto Gomes (júnior e sénior), José Marques (júnior, sénior e olímpico), Fernando João (júnior), Vítor Gonçalves (júnior), João Coelho (júnior) Amandino Santos (júnior), Carlos Oliveira (Bóia) (sénior), João Rosa (sénior) e José Rosa (sénior).

Estes três últimos atletas foram várias vezes campeões nacionais individuais, nesta como em outras modalidades.

Realçamos ainda que um jovem ginasista, Acácio Morais, trocou a competição pela arbitragem vindo a tornar-se num dos melhores árbitros internacionais da modalidade. Outros atletas se distinguiram também, quer em resultados individuais, quer como em elementos da equipa que serviam, como foi o caso de Manuel Angelo de Almeida, várias vezes campeão nacional em juvenis e juniores, viria a ser internacional pelos Galitos FC e treinador da equipa feminina do Ginásio que em luta olímpica se sagrou várias vezes campeã nacional.

A este atleta juntamos os nomes de Fernando Beatriz, João Portela, António Guinapo, Jorge Piquete, José Matias, Silverio Cabrita, António Beato, Baldo Cardoso, José Albertino, Luís Fonseca, João rebolo, João Fernando, Rodolfo Carvalho, Virgolino Cunha, Francisco Cunha, Francisco Cartaxo, Alfredo Sá, José Lopes.

Na época de 1986/87, o Ginásio Atlético Clube sagrou-se mais uma vez campeão nacional de juniores em luta greco-romana com os seguintes atletas: Nuno Broega, Augusto Fernandes, Manuel Almeida, Paulo Ramalho, Lourenço Afonso, Constantino José, Alexandre Miranda, José Marques, Paulo Anjos, Vitor Conde, José Zorro, António Zorro. Continuando ainda hoje com esta actividade, agora nos escalões mais jovens, verifica com satisfação a certeza da boa continuidade dos pergaminhos do clube.

Sob a direcção de Manuel Angelo de Almeida, também na época de 1991/92, o Ginásio foi campeão nacional de luta livre olimpica, equipas femininas, com Silvia Figueira, Manuela Figueira, Sandra Moreira, Gisela Trindade, Carla Trindade, Susana Alegria, Susana Carvalho, Tute Melo, Elia Santos, Maria José Santos, Isabel Bastos e Ana Luisa Rodrigues.

Silvia Figueira, foi campeã distrital, regional e nacional oito vezes consecutivas, de 1991 a 1998.

Foi três vezes campeã infantil e também de cadetes. Foi duas vezes na categoria de juniores. Participou, por Portugal, no Torneio Internacional de Lile, 3ª numa serie de outras provas em Portugal, com Sandra Moreira e Maria José Santos (estas campeãs nacionais individuais) foram

"Escolinha" do GAC.

representantes de Portugal no campeonato do mundo.

De assinalar que já na época de 1995/96, Andrea Godinho tinha sido considerada a melhor atleta da época e por isso homenageada pela Federação Portuguesa de Lutas Amadoras em 29 de Novembro de 1996.

Halterofilismo

A secção de halterofilismo foi ao longo dos anos, desde a sua criação "1970", até à presente data, responsável pelo aparecimento de muitos levantadores de grande categoria.

Na impossibilidade de mencionar todos quantos passaram pelo ginásio, no período entre 1970 e 1998, iremos destacar apenas aqueles que mais se notabilizaram tanto no país, como no estrangeiro, masculinos e femininos.

Devemos mencionar que o halterofilismo feminino foi pela primeira vez lançado no GAC, no ano de 1989, pela mão do actual treinador Silvestre Fonseca.

A secção foi aberta pelos irmão João e José Rosa, que por sua vez se transferiram do Luso do Barreiro, onde iniciaram anos antes.

Com eles estiveram Armando Con-

Ida à praia.

tente, António Gama, Francisco Piquete (também recordistas nacionais), Vitor Silva, Alberto Soeiro, Eliseu Silva, Fernando Biatriz, Pinto Gomes, Francisco Neto, Américo Freitas, Vitor Duarte e outros que venceram em 1970 o Torneio de Encerramento e em 1973, a Taça Humberto Caldas.

Em homens, após o abandono dos irmão Rosa, foram os irmão Novelo, o João e o António, os responsáveis pela secção mantendo simultaneamente as funções de levantadores.

O António Novelo aos 15 anos era seleccionado pelo treinador de então do Luso Futebol Clube, também seleccionador/treinador da selecção nacional de juvenis, e actual treinador do Ginásio, para o I Campeonato Europeu de Juvenis (não oficial a nível internacional), onde prestou excelente prova.

O João Novelo foi também chamado à Selecção de Seniores a competir na Grécia e para além de ser inúmeras vezes Campeão Nacional Absoluto, foi responsável, tal como o irmão, pela formação de grandes levantadores tais como o Gil, o Manecas (já falecido), O Guilherme destacado levantador, o António Duarte igualmente Campeão Nacional e Interna-

Aulas de Natação.

cional em Espanha numa selecção regional vencedora.

A partir do ano de 1983, o Ginásio teve o seu período de ouro, tanto no capítulo masculino como feminino. Senão vejamos: masculino – no ano de 1989, o Ginásio Atlético Clube, foi Campeão Nacional por Equipas e Vice Campeão Nacional em 1990, com a equipa constituída por João Novelo, Paulo Falé, Paulo Duarte, Helder Faria, Armando Brito, Nélio Pinto, Helder Lampreia, Manuel Duarte, Vitor Vilela e Luis Vilela.

Alguns destes levantadores foram campeões nacionais individuais e regionais por mais de uma vez e considerados os melhores de sempre de Portugal, tendo sido batidos por Paulo Duarte e Paulo Falé recordes nacionais e regionais, no primeiro caso ainda hoje em vigor.

Femininos – desde a criação da secção em 1989, várias levantadoras se notabilizaram tanto no nosso país como no estrangeiro, vamos aos seus nomes: Sónia Duarte – vice campeã da CEE e 4º lugar no Campeonato Europeu, sendo juvenil na altura. Bateu dezenas de recordes nacionais de juvenis, femininos e absolutos, ainda em vigor, 5º lugar por equipas no europeu de 1995. Silvia Ramires – inter-

nacional por várias vezes e também como Sónia e Sara, levantadora com mínimos europeus, como tal subsidiada pela FPH. Silvia Santos – internacional por diversas vezes campeã nacional por equipas e 5º lugar no europeu por equipas em 1995. Ana Félix – internacional juvenil e junior, sendo chamada aos trabalhos da selecção. Recordista nacional de juniores e juvenis, subsidiada pela FPH. Susana Brandão – internacional juvenil e junior, chamada aos trabalhos da selecção nacional feminina, subsidiada pela FPH, dezenas de recordes regionais, nacionais, de juvenis e juniores, e absolutos ainda em vigor. Em 1995, foi considerada pela Federação como a melhor atleta feminiva na categoria de juvenis. Campeãs nacionais por equipas – Sónia Duarte, Sara Duarte, Silvia Ramires, Silvia Santos, Ana Félix e Susana Brandão.

Na época desportiva 2000/2001 foram campeões pelo Ginásio Atlético Clube: Alexandre Constâncio (campeão regional – luta greco-romana; campeão regional e nacional luta livre olímpica), Bruno Oliveira (campeão regional e nacional luta livre olímpica), Angela Fernandes (campeã nacional luta livre olímpica), Nádia Picado (campeã nacional luta livre olímpica), Vitor Barreiros (campeão regional

Carnaval da "Escola".

e vice-campeão nacional individual absoluto-cat. 77kg em halterofilismo e 4º lugar no campeonato europeu da CEE), Susana Brandão (3 medalhas de bronze no campeonato europeu da CEE cat. 48kg em halterofilismo e 1º lugar na Taça Dia Internacional da Mulher).

No ano 2000 o Ginásio arrancou com duas iniciativas que alcançaram sucesso imediato: o festival de canção "Falua de Prata", que em 2001 viria a adoptar a designação "Varino de Prata", e o "Encontro de Tradições". Em Agosto de 2001 o Ginásio organizou a I Mostra Gastronómica do Concelho da Moita. Ainda este ano, após interregno, reiniciaram os treinos de judo, com José Fernandes como treinador principal.

Os actuais corpos gerentes são constituídos por Mário Alecrim Carvalheira (presidente da Mesa da Assembleia Geral), Carlos Alfredo Gomes dos Santos (vice-presidente), Luciano Joaquim Carreira (secretário), Maria Estela Contente Mimoso (1º vogal), António Inácio Pereira Mimoso (2º vogal), Adriano Soares da Encarnação (presidente do Conselho Directivo), Guilhermino Lopes Garcia

"Varino de Prata".

Ventura Faisca, 50 anos de cobrador, no GAC.

(presidente-adjunto), Vitor Simão Duarte (vice-pres. Act. Admt. Financeira), Luis Manuel Coelho Guerreiro (secretário-geral), António Manuel Estróia Santos (tesoureiro), Adamastor Pereira Ramos (vice-pres. Sssuntos Sociais), Cristovão Estevão Pinto Silva (1º vogal), José Patalona Moreira (2º vogal), José Francisco Sousa Conde (vice-pres. Património, Obras e Planeamento), Domingos Figueira Santinhos (1º vogal), Osvaldo Correia Rina (2º vogal), Fernando Manuel Marques (vice-pres. Actividades Recreativas e Culturais), Domingos Figueira Santinhos (1º vogal), Vitor Manuel Atalaia Nunes (2º vogal), Silvestre Carvalho Fonseca (vice-pres. Actividades Desportivas), Armando Brito (1º vogal), José Matias E. Fernandes (2º vogal), Fernando da Veiga Nunes (pres. Conselho Fiscal), Vitor Manuel Rodrigues Barata (secretário) e Arnaldo Pereira da Silva.

Sede.

GRUPO COLUMBÓFILO BANHEIRENSE

A explosão demográfica na Baixa da Banheira, trouxe, como é natural, alguns amantes da columbofilia para o seu seio. Assim, não foi de estranhar que, em 1 de Maio de 1950, fosse aqui fundado o Grupo Columbófilo Banheirense de que foram seus principais admiradores Joaquim Brito da Silva, Manuel Pereira, António Isauro Dionisio, João Augusto da Silva Ricardo, Armando de Sousa Borralho, José Francisco Paulino, Manuel da Silva Caramelo, Artur Dias, António Alfredo Maria, António Nicolau, Adão Cantante, Henrique Silva, Luis Alves e António Amado. Tem como fins: 1º, desenvolver a cultura dos pombos-correio e fazer a sua propaganda; 2º, organizar terinos, concursos, exposições e conferências; 3º Conferir prémios aos associados melhor classificados; ponto único, manter inalteráveis os fins para que esta Colectividade foi fundada, cuja finalidade é o exercício do desporto columbófilo.

A antiga taberna de Joaquim Fernandes Lopes (sócio auxiliar nº1), na antiga rua 29 (rua António Sérgio) foi o berço da primeira sede do Grupo Columbófilo que se filiou na Comissão Columbófila do Distrito de Lisboa. A ligação à Comissão Columbófila do Distrito de Setúbal viria mais tarde por presidência de Joaquim Brito e Manuel Pereira.

Convívio de sócios.

Passou depois para uma casa na rua 21 (rua do Alentejo) e por fim para a rua 13 (rua 1º de Maio) onde funcionou em dois locais diferentes até adquirir, na mesma rua, uma sede própria no nº 67 r/c e cave, em 1977, processo em que foi decisiva a dinâmica de Palmeiro Mendes.

O Grupo Columbófilo Banheirense tem ao longo de toda a sua existência uma importante e constante actividade em ininterruptas campanhas desportivas, contando, por isso, com muitos vencedores entre os seus associados dos quais destacamos: Alexandre Barreiro Gomes, António Alfredo Maria, Laurentino Mateus da Silva, António Dionisio, Adão, Jorge Fernandes, Loução, Carlos Mateus, Santinho, Bicas, Joaquim dos Santos, José Manuel Parreira, Aníbal Diogo, Claudino Vieira, Joaquim Fernandes, Paulo Fernandes, Virgilio, Pimenta, Anacleto, Libaneo, Milheiro e muitos, muitos outros.

Foi fundador da Associação Columbófila do Distrito de Setúbal, através de Joaquim Brito da Silva e Manuel Pereira, seus dirigentes e que muito contribuíram para o prestígio daquela associação distrital.

O Grupo Columbófilo Banheirense está actualmente entre os primeiros a nível nacional e orgulha-se de ter uma situação estável que lhe permite ter a certeza de uma continuidade tranquila, que se deve essencialmente a todos aqueles que entendem que no associativismo mesmo quando adversários uns dos outros, existem formas de criar vivência e camaradagem sã. Cada columbófilo é um adversário de outro columbófilo, cada um procura possuir um pombo mais rápido, mais robusto, mais inteligente, de melhor plumagem, olhos mais vivos, dócil. Reside aí a força da columbofilia. Procurar padrões cada vez mais elevados, com responsabilidade e sentido ético. Mas os columbófilos também têm as suas mágoas, como a chegada dos seus atletas feridos a chumbo por caçadores.

A par dos pombos, são o snocker, o dominó, as cartas e a manutenção dos instrumentos que utilizam, o entretenimento dos seus associados na sede social para além da comemoração dos seus aniversários e das exposições que amiúde promove dentro e fora de portas.

Actualmente, possui 228 sócios, entre os quais 134 criadores que concorrem nas

Entrega de troféus.

provas da Associação Columbófila do Distrito de Setúbal e no campeonato interno. Receitas para as actividades da colectividade provêm da exploração do bar, subsídios das autarquias e leilão de borrachos. A nível competitivo o Grupo Columbófilo Banheirense já conseguiu inscrever o seu nome nos lugares de prestígio através da vitória no Campeonato Nacional, Classe Sport Absoluta, com um pombo do criador José Joaquim da Silva. O mesmo criador representou Portugal na ABSA 2001 Pigeon Olympiad – Cape Town, África do Sul.

No corrente ano a Câmara Municipal da Moita cedeu um terreno, em direito de superfície, para implantação e construção da aldeia columbófila, no Vale da Amoreira.

Os corpos gerentes para os anos 2000/2001 são constituídos por: Jorge Manuel dos Santos Fernandes (pres. Mesa Assembleia Geral), Carlos Alberto Marques R. Cortiço (secretário), Vitor Manuel Gonçalves Branco (pres. Direcção), José Alberto Ferreira Valente (secretário), José Miguel Machado (tesoureiro), José Joaquim Silva (pres. Conselho Técnico), António José Viegas Quaresma (vice-pres.), Fernando Parreira, José Narciso Santos Martins, Francisco Piquete, Luis Manuel Rosário Almeida e Carlos Fernandes (vogais).

Equipa Feminina de Futebol Salão.

GRUPO DESPORTIVO QUINTA DO FACHO

O Grupo Desportivo da Quinta do Facho foi fundado em 20 de Fevereiro de 1997, embora a colectividade tenha iniciado as suas actividades em 1996, no campo de futebol do SC Vinhense.

No artigo 2º dos estatutos define os seus objectivos: "... tem como objecto principal, o fomento e a prática do futebol, nas suas diferentes categorias e escalões, e ainda o desenvolvimento das diferentes modalidades desportivas, bem como proporcionar aos seus associados meio de convívio desportivo, social, cultural e recreativo.".

Os primeiros corpos gerentes, eleitos em Assembleia Geral, em 20 de Outubro de 1997, tiveram a seguinte constituição: Victor Manuel Suspiro Caetano (presidente da Mesa da Assembleia Geral), António Manuel Rosado Rodrigues (vice-presidente), José Manuel Martins Condesso (secretário), Luís Manuel Santos Silva (presidente do Conselho Directivo), João Aires Moreno Oliveira (vice-presidente), Daniel Jorge Santos Saraiva Matos (vice-presidente), Fernando Manuel Carvalho Nunes (secretário), Carlos Alberto Rodrigues Macedo (tesoureiro), Luís Miguel Miranda Lopes (1º vogal), Zoraima Clemente Cruz (2º vogal), João Manuel Bernardes (presidente do Conselho Fiscal), Luís Alexandre Ferreira Silva (vice-presi-

Convívio com as desportistas.

dente) e Sónia da Assunção Martins Jóia (secretário).

O futebol de Salão escalão feminino é a única modalidade desportiva inscrita em competição, participando o Grupo Desportivo da Quinta do Facho nas provas e campeonatos organizados pela Federação Portuguesa de Futebol de Salão. Disputam, em seniores femininos, o Campeonato Nacional (divisão única), Taça de Honra Nacional, Taça de Portugal, além de outros torneios como é o caso do Atlético de Stª Maria. Organizam, desde há três anos, por altura das comemorações do 25 de Abril, um torneio de futebol de salão, que conta com o apoio de várias entidades. Em competição, são 16 atletas. Na outra equipa entretanto criada, vocacionada para a formação, são cerca de 12 miúdas, com idades até aos 14 anos. Semelhante preferência prende-se com a necessidade atrair jovens para a modalidade. Mas os inícios do futebol no Grupo Desportivo da Quinta do Facho não foram marcados pela opção dos escalões femininos, mas masculinos, os quais, no entanto, não tiveram consequência em termos de enquadramento planificado do clube. Apresenta-se, então, em 1997, no ringue do parque uma equipa feminina, proveniente da zona Sul, que chega a entendimento sobre a sua inclusão no grupo. Acabaria por motivar a legalização oficial do Grupo Desportivo da Quinta do Facho, exigência a cumprir

Dia de Jogo.

com vista à inscrição nos campeonatos de futebol salão oficiais. Grande parte dos jogos, na qualidade de visitado, são disputados no Beira-Mar do Lavradio.

Entre as actividades dinamizadas pelo Grupo Desportivo da Quinta do Facho encontra-se também a natação, cujas aulas, sob a orientação de um instrutor, decorrem nas instalações do Corpo de Fuzileiros de Vale de Zebro. Ao todo, são perto de 38 pessoas (30 adultos 8 crianças) a usufruir da natação, no período de Setembro a Maio. A natação no Grupo Desportivo Quinta do Facho é uma actividade tão antiga quanto o futebol e nasceu com o objectivo de proporcionar aos sócios um fim-de-semana livre de stress.

Possui 125 sócios.

A sede provisória do Grupo Desportivo da Quinta do Facho situa-se na Praceta Mário Pinto de Andrade, lote 4 – loja 3, Baixa da Banheira.

As actuais corpos gerentes são constituídos por Luís Manuel dos Santos Silva (presidente da Direcção), Luís Alexandre Ferreira Silva (vice-presidente), José Manuel Maninha (secretário), Ana Isabel Caeiro Vargas (tesoureiro), Manuel Lopes Carrilho (presidente do Concelho Fiscal), Célia M. Ferreira Vicente Afoito (secretário), Henrique Manuel de Sousa Moura (presidente da Mesa da Assembleia Geral), Manuel António Farias Mateus (secretário).

Excursão ao Alentejo.

GRUPO DE FUTEBOL AZUL E OIRO

A ideia da criação desta colectividade, manda a verdade dizer-se, foi de Paulo Jorge Ventura Russo. Assim, em 15 de Dezembro de 1993, nascia o Grupo de Futebol Azul e Oiro, que não se filiou em qualquer associação.

Pratica apenas futebol de onze e de salão, puramente amador, e como não podia deixar de ser, não possui instalações desportivas, treina uma vez por semana no Pavilhão da Escola Mouzinho da Silveira, no Parque Estrela Vermelha ou na zona ribeirinha.

Quando é necessário utilizar um campo de futebol, recorre muitas vezes ao do Vinhense, pagando pela sua utilização.

Possui poucos associados e parte destes são também seus atletas e dirigentes. A sua direcção reunia no "café Marujo" na rua de Moçambique mas pretende ser uma colectividade de futuro na Baixa da Banheira pois foi com esse objectivo que fez publicar os seus estatutos e participou na 6ª Assembleia dos Organismos Populares da Baixa da Banheira. Actualmente reúne no "café Becas".

Em meados de Setembro de 1996 reuniram numa garagem os srs. Paulo Russo, Manuel Almeida, João, Virgílio e José Henriques, com a intenção de criar uma comissão para gerir o clube. Durante este ano foram feitos vários jogos com

Equipa de Veteranos, 2001.

alguns clubes do Concelho, o que permitiu consolidar a estrutura humana do Grupo de Futebol Azul e Oiro. Em Dezembro, organizaram o aniversário com a presença de cerca de 50 pessoas, num almoço nas instalações de um associado, o sr. Adriano Antunes. Em 1997 começa, então, a funcionar a primeira comissão do clube, composta por Paulo Russo, João, Manuel Almeida, José Henriques, o "alentejano", Mário Rui, Orlando Almeida e Adelino Botas. Neste ano participaram pela primeira vez no torneio de futebol de veteranos organizado pela Junta de Freguesia da Baixa da Banheira e cooperam com a Comissão de Moradores da Baixa da Banheira na realização de várias iniciativas integradas nas comemorações do 25 de Abril, entre as quais três torneios de futebol de salão, divididos em vários escalões. A prova senior foi vencida pelo Grupo de Futebol Azul e Oiro. Por esta altura adquirem o segundo equipamento da equipa, com recurso a colecta entre os jogadores e patrocínios. Descerraram uma lápide em honra de José Manuel Figueiredo, vereador do Desporto e Cultura da Câmara Municipal da Moita, entre 1994/97, na presença dos responsáveis do pelouro do Desporto da Junta de Freguesia da Baixa da Banheira. Neste ano, além da excursão/jogo a Elvas, defrontam a equipa

de futebol de "A Bola", com resultado a favor dos jornalistas (2-1). Surge, a ideia de o Grupo de Futebol Azul e Oiro vir a disputar o campeonato distrital do INATEL.

O ano de 1998 foi de continuidade no trabalho até à data realizado, projectando-se a legalização do clube e a inscrição no INATEL. No cartório Notarial da Baixa da Banheira registam o Grupo de Futebol Azul e Oiro, comparecendo no acto, pela colectividade, Orlando Almeida e Paulo Russo. Surge, entretanto, um movimento de secessão no seio do clube que vem a culminar no abandono de Paulo Russo, passando a colectividade a ser gerida por Manuel Almeida, Orlando Almeida, Adelino Botas e Carlos Piçarra. O futebol continua, a colectividade continua. Em Dezembro organizam mais um aniversário, nas instalações do União Banheirense, que teve como programa um almoço convívio seguido de uma sessão solene com a presença de várias colectividades e um representante da Junta Freguesia da Baixa da Banheira, e a finalizar uma sessão de fados com os fadistas Fernanda Duarte, Vitor Barranha, Florentino Duarte, dois elementos do fado vadio e à guitarra Adelino Carvalho e à viola António Serra. Actuou também o banheirense Fernando Manuel. Em 1999 o Grupo de Futebol Azul

Seniores 2000.

Comemoração do Aniversário 1996, no salão do União Banheirense.

Jogo entre Veteranos e Seniores, 2000.

e oiro participa pela primeira vez no campeonato distrital de futebol do INATEL. Foram, a nível da disciplina a 2ª melhor equipa da série. Nos jogos em que foram anfitriões jogaram em vários campos do Concelho, com os respectivos treinos a decorrerem no Grupo Desportivo do Bairro do Esteval do Montijo. Neste ano foi oferecido por Manuel Almeida e Carlos Piçarra um equipamento completo ao clube, para a equipa de futebol. Em 2000 participam no torneio quadrangular da Gambia, que venceram, no torneio de veteranos da Junta de Freguesia da Baixa da Banheira, e, pela segunda vez, no campeonato do INATEL. Os jogos são realizados no campo do Sporting Clube Vinhense. Adquiriram 21 fatos de treino e outro material desportivo.

Os actuais corpos gerentes são constituídos por: Pedro Jorge Matos Gonçalves (presidente da Mesa da Assembleia Geral), João Luís Vaz Chaves (vice-presidente), Francisco Manuel Santos Valente (secretário), Adelino Manuel Godinho Botas (presidente da Direcção), Manuel Fernandes D' Almeida (vice-presidente), Nuno Miguel Casquinha (secretário), Orlando Manuel Pires D'Almeida (tesoureiro), Alexandre Dias Godinho (secretário-geral), Carlos Manuel Sobral Piçarra, Carlos Alberto Guimarães, Sandro Miguel Figueiredo Saraiva (vogais), Eduardo Rodrigues Duarte (presidente do Conselho Fiscal), Valter Miguel Jesus Gomes (1º secretário) e Hugo Alexandre Balcior Candeias (2º secretário).

Sede.

JUVENTUDE FUTEBOL CLUBE

O Juventude, como o seu nome indica, foi fundado por um punhado de jovens, em 6 de Junho de 1966, que se propunha praticar futebol. No entanto, a legalização oficial da colectividade só aconteceria em 1976, com os primeiros corpos gerentes a serem constituídos por João Monteiro (presidente do Conselho Directivo), António Guerreiro (tesoureiro), Luís Carlos (1º secr.), José Silva (2º secr.), Joaquim Manuel Rebelo, João Silva, Fernando Dionísio, Alberto Trindade, António Joaquim da Conceição Silva, Leonel Borges Pais Esteves (Comissão de Gestão), Mário Trindade, Manuel Alexandre Russo, José da Silva Dias e José Manuel Sequeira (Actividades Desportivas). No art. 2º do Regulamento Interno define o seguinte objecto: "A Colectividade, sem caracter partidário e ou religioso, tem como principais fins a promoção e desenvolvimento de todos os desportos amadores, a promoção de festas culturais, recreativas e ainda a promoção de cursos de índole cultural.".

Na génese da colectividade encontra-se o futebol, praticado em terrenos baldios, por jovens entre os 15 e os 16 anos. A primeira bola oficial do Juventude Futebol Clube foi "conquistada" em 1966, à CUF. A mesma saltou a vedação durante um treino e foi logo apropriada pela rapaziada. Ainda neste ano têm lugar as primeiras

reuniões, em pé, no quintal de um sócio, que também servia de local de armazenamento do equipamento desportivo. Compram o 1º equipamento, camisola branca com lista preta, em segunda mão, a uma equipa da Quinta da Lomba. Em 1968/69 passam a ter como ponto de encontro o "Café Portugal", pertença de um sócio fundador, espaço que hoje é o bar do clube, em situação de aluguer, pois ficaram apenas com o trespasse. Foram 170 contos que tiveram de despender, quando só tinham 14 em caixa, mas parte dos associados adiantaram o restante. Ao fim de 11 meses os sócios beneméritos haviam sido reembolsados dos seus préstimos. Corria então o ano de 1976. Por via de uma sede própria iniciam um período de intensa actividade cultural e desportiva, muito para além do futebol a que tinham já habituado os sócios. Neste ano venceram um torneio de futebol salão no Barreiro e trazem à sede o distinto comentador desportivo Wilson Brasil, para conferência sobre futebol. Foi em torneios populares que o Juventude Futebol Clube iniciou a sua histórica futebolística. No futebol de salão, no qual foram federados, participaram na III divisão regional (94/95), em que atingiram o 2º lugar e as meias-finais da Taça de Portugal. Em 1996/97, por falta de financiamento desistem da divisão nacional e

Uma das primeiras equipas do Juventude.

Equipa de Futebol Salão, Infantis.

ingressam na II. Em 1998 desistem definitivamente dos campeonatos federados, mantendo alguma actividade em torneios particulares. Saliente-se que os jogos do Juventude Futebol Clube, na situação de anfitrião, eram disputados no pavilhão da escola D. João I, Vinha das Pedras.

Mas de outras modalidades também se fez a história do Juventude, como a malha, jogada na Fonte das Ratas, Barreiro. Actualmente mantém a malha nas comemorações do aniversário, com recinto na Quinta dos Fidalguinhos. Acções pontuais para os mais pequenos também são um facto, destacando-se as festas de Natal, concurso de desenho e pintura (1988), projecção de filmes de animação na sede, passeios diversos. Em 1977/78 iniciam-se no atletismo de rua, organizando e participando em provas populares. O cicloturismo marcou presença entre 1985 e 1989, com uma média de 14 cicloturistas, que se deslocavam em carros próprios. Mas é a pesca desportiva que hoje em dia confere ao clube maior destaque, através da organização do seu Concurso de Pesca Nacional, que já vai na IV edição e decorre habitualmente na Avenida da Praia, no Barreiro. Torneios de damas, dominó, xadrez são, entre outras, algumas das iniciativas do Juventude Futebol Clube.

Desde 1994 possuem transporte pró-

Cinema para jovens.

prio, tendo para o efeito adquirido uma carrinha.

Em 2000 o Juventude Futebol Clube vê o seu património acrescido com a aquisição de um edifício sito na rua Alexandre Herculano, nº 16, com o objectivo de construir uma sala de reuniões, arquivo, salão multiusos. Para o efeito contraíram um empréstimo a 5 anos. A 1ª fase de remodelação do imóvel já está concluída e contou com o trabalho voluntário dos sócios. A 2ª fase espera aprovação do projecto e disponibilidade da direcção bem como a captação do financiamento.

Tem a sua sede social instalada num prédio na rua do Trabalhador, nº8, Baixa da Banheira. e a sua actividade para além do futebol passou também pelo xadrez, cicloturismo.

Possui cerca de 500 associados.

Os actuais corpos gerentes são constituídos por Luís Carlos (pres. Mesa da Assembleia Geral), Arlindo Machado (vice-pres.), Humberto Libório (secr.), Rogério Corvo (pres. Direcção), Pedro Sousa (vice-pres.), Reinaldo Pereira (tesoureiro), José Santos (1.º secr.), José Corvo (2.º secr.), Ricardo Corvo (1.º

Equipa de Pesca Desportiva.

vogal), Luís Costa (2º vogal), Carlos Silva (3º vogal), Artur Álvaro (pres. Conselho Fiscal), Ulisses Cardoso (relator), António Fonseca (secretário) e José Santos (actividades desportivas).

Prova de ciclismo.

NÚCLEO DE CICLISMO DA BAIXA DA BANHEIRA

O Núcleo de Ciclismo da Baixa da Banheira foi fundado 20 de Janeiro de 1998, em consequência da predisposição de antigos ciclistas banheirenses em manter vivo o ciclismo naquela localidade. Compareceram no 2º Cartório Notarial do Barreiro, afim de registar a colectividade: Agostinho Manuel Baião Valadas, Luís Jorge Salvador Sequeira e Eme Luís Pereira. No artº2 dos estatutos define os seus fins: "Tem por fim a promoção velocipédica, através da educação cultural, física e desportiva e acção recreativa, visando a formação humana integral daqueles que a praticam, encontrando-se aberta a pessoas de ambos os sexos.". Tem sede na rua Rodrigues Lapa, nº31 e apesar da sua recente criação, já participou em inúmeras provas desportivas tendo ganho duas delas individualmente e duas colectivamente por equipas. Pretende este Núcleo de Ciclismo, continuar a tradição banheirense nos valores do ciclismo em Portugal.

Os seus primeiros corpos gerentes ficaram assim constituídos: Agostinho Valadas (presidente), Pedro Dias (tesoureiro), Luís Sequeira, Luís Pereira, Celestino Jesus e Sérgio Russo (directores desportivos).

O Núcleo de Ciclismo da Baixa da Banheira iniciou-se na organização de

provas velocipédicas em 15 de Maio de 1995, por altura da inauguração da loja "Ciclomarca", evento que contou com a colaboração da Câmara Municipal da Moita e Junta de Freguesia da Baixa da Banheira.

As elevadas despesas inerentes à modalidade são sustentadas com receitas próprias geradas pela associação através da organização do denominado Grande Prémio de Ciclismo da Baixa da Banheira por ocasião das Festas Populares, iniciativa que conta com o apoio das autarquias, do comércio e indústria local, além do apoio técnico prestado pela Associação de Ciclismo de Setúbal. Desde 1999 atribuem a cada ciclista um subsídio de participação. As deslocações das equipas de ciclismo são feitas em transporte dos próprios atletas ou dos directores.

Actualmente o clube dinamiza uma secção de ciclismo na vertente BTT, bicicleta todo o terreno, organizando, também para divulgação da modalidade, passeios e convívios de fim-de-semana.

O Núcleo de Ciclismo da Baixa da Banheira tem sede na Rua Professor Rui Luís Gomes, 52, Baixa da Banheira. O Núcleo de Ciclismo da Baixa da Banheira é filiado na Federação Velocipédica Portuguesa e Federação Portuguesa de Ciclismo, área geográfica da Associação

Partida frente à Ciclomarca.

Passagem pela meta.

de Ciclismo do Distrito de Setúbal.

Os actuais corpos gerentes são constituídos por Agostinho Valadas (presidente da Direcção), Celestino Jesus (secretário), Luis Sequeira (tesoureiro), Pedro Dias (presidente Assembleia Geral), E. Luís Pereira (vice-presidente), Pedro Guilherme (secretário), Armindo Pereira (director desportivo), Diogo Calado (treinador), Luís Sequeira (mecânico) e Sérgio Russo (massagista).

Uma das primeiras equipas de Futebol de Salão do Núcleo Sportinguista Banheirense.

NÚCLEO SPORTINGUISTA BANHEIRENSE

À mesa do café que ordinariamente frequentava, um grupo de adeptos do Sporting Clube de Portugal, resolveu criar na nossa terra, um núcleo sportinguista onde se pudesse aumentar, muito mais, a mística na Baixa da Banheira, pelo Sporting Clube de Portugal.

Assim, após os devidos contactos com este clube, na altura presidido por Sousa Cintra, foi oficialmente inaugurado o Núcleo Sportinguista Banheirense, em 29 de Maio de 1992, cuja sede passou a funcionar na Rua Francisco de Assis, nº 10-c, a qual segundo uma placa exposta na parede, foi visitada por aquele dirigente em 8 de Maio de 1993. A escritura da associação foi realizada em 4 de Julho de 1995, no Cartório Notarial da Baixa da Banheira, tendo comparecido, pelo Núcleo Sportinguista Banheirense, Manuel Francisco da Silva Nunes e Adalberto Dinis Campos Carrilho. A associação foi fundada com os seguintes fins, segundo o art. 2º dos estatutos: "...visa contribuir para o engrandecimento do ideal sportinguista, nomeadamente: 1º , concorrer para um amplo apoio aos Sporting Clube Portugal; 2º, contribuir para o desenvolvimento e fortalecimento da amizade e união clubista entre todos os sportinguistas; 3º, promover e estimular as actividades de caracter recreativo, desportivo e cultural entre os seus associados

Emtrega de troféus.

através das diversas realizações a levar a efeito pelos orgãos sociais do Núcleo...". Apesar de algumas tentativas no sentido de dinamizar desportivamente os associados, os projectos foram ficando pelo caminho. O futebol de salão foi a única modalidade experimentada, suspensa pouco tempo depois, pois a quotização e as explorações de um bar e de um snooker não geram receitas que permitam grandes aspirações. No entanto, para acompanhar os jogos do Sporting Clube de Portugal, a mobilização é geral, bem participada, tal como acontece na comemoração do aniversário do Núcleo.

O Núcleo Sportinguista Banheirense tem vida própria pois possui sócios cuja quotização e lucro de um pequeno bar o mantém. Contudo os seus corpos gerentes estão sujeitos à homologação da Direcção do Sporting Clube de Portugal. Possui uma sala de convívio muito frequentada onde os seus associados podem passar as suas horas de lazer, jogando bilhar, damas ou dominó, enfeitada com recordações sportinguistas.

Convívio de sócios.

Nem sempre é fácil encontrar massa dirigente para levar para a frente as colectividades e o Núcleo Sportinguista Banheirense veio a sofrer, também, dessa situação. Para o biénio 2001-2002, à falta de vontade directiva, foi eleita uma comissão de gestão até novas eleições, composta por Manuel Francisco da Silva Nunes, Francisco Augusto Beira Barreto e Arcílio do Carmo Pinto.

Não pratica qualquer modalidade desportiva.

Sede.

SOCIEDADE RECREATIVA BAIXA DA SERRA

Em 1966 a Baixa da Banheira ainda não estava propriamente ligada à Baixa da Banheira em virtude dos muitos espaços ainda por urbanizar. A Sociedade Recreativa da Baixa da Serra foi fundada em 10 de Maio de 1966, data em foram aprovados os estatutos em Assembleia Geral, dirigida por Eduardo Gonçalves Martins, António Gomes e Francisco Manuel Chaveiro. No artigo 2º dos estatutos refere o seu âmbito: "Os seus fins são promover o recreio dos seus associados por meio de récitas, festas recreativas, saraus, bailes, jogos lícitos, teatro amador e grupo folclórico.". É o rancho folclórico que encontramos na génese da sociedade. Por sua vez, foram os cortejos de oferendas, no princípio dos anos 60, que despertaram a ideia de criar um agrupamento de danças e cantares. Mas a ideia só vinga já em meados dos anos sessenta, quando alguns dos seus moradores "brincaram" ao carnaval, organizando umas marchas e não obstante o caracter pontual, foi uma brincadeira que agradou em cheio e logo uma ideia ficou a germinar: Porque não um rancho a sério neste lugar? Um dos grandes entusiastas desta ideia foi José Nobre, um dos mais antigos moradores na Baixa da Banheira que, de parceria com outros moradores da Baixa da Banheira o organizou.

O primeiro rancho da Baixa da Serra.

Como não havia casa em condições para os ensaios, o rancho folclórico passou a ensaiar na cave da Igreja de Nª Sª de Fátima desta vila, mas logo surgiram divergências quanto ao nome e localização do "Rancho" pois alguns queriam que ele fosse da Baixa da Banheira embora a maioria dos seus componentes residisse na Baixa da Serra.

Então José Nobre e Eduardo Martins, numa reunião em que participou a maioria dos interessados, sugeriram a criação duma colectividade na Baixa da Serra onde o "Rancho" ficasse agregado e foi assim que, em Maio de 1966, se fundou a Sociedade Recreativa da Baixa da Serra de que o "Rancho" ficaria a fazer parte, se bem com certa autonomia e passou a denomi-

nar-se "Rancho Folclórico Corações Unidos da Baixa da Serra", com o objectivo de defender o folclore da região em que se insere, região caramela, tendo para esse efeito recolhido das pessoas mais idosas da região não só as danças e cantares, mas também os usos e costumes, trajes populares, tradições, instrumentos musicais e artesanato. Nas suas características é de realçar diversos trajes regionais entre os quais se salientam os noivos, lavrador rico, lavrador médio, traje de ir à missa, peixeira, pescador do Barreiro e Seixal, pescador de Alhos Vedros, salineiro, fazendeiro e trajes de trabalho.

O Rancho Folclórico Corações Unidos da Baixa da Serra é filiado na Federação do Folclore Português. No capítulo exibicional é de destacar a participação no Festival Nacional de Folclore, Algarve, em representação da região da Estremadura, e a estreia internacional, em Plaisir, Paris, a convite da Associação de Geminação da Baixa da Banheira, corria o ano de 1992. De salientar que o mérito cultural do rancho levou-o a beneficiar do Protocolo de Valorização Artística, realizado entre a Câmara Municipal e a colectividade. O

Dança.

Rancho da Sociedade Recreativa da Baixa da Serra.

rancho organiza habitualmente o seu festival de folclore, na data de aniversário da colectividade, e os festivais de folclore das Festas da Baixa da Banheira, da Festa da Moita e do Parque Zeca Afonso.

O terreno onde se encontra a colectividade foi comprado em 1965, por 20 contos, e só acabou de ser pago em 1974. Logo no espaço adquirido se colocou uma vedação feita de canas, um mastro, ao meio, e palco, onde decorriam os ensaios. Um poço que havia na zona abastecia a colectividade de água. As edificações em alvenaria foram todas clandestinas e feitas voluntariamente pelos sócios, tendo sido erguido primeiramente o salão.

De principio foi erguido um barracão de madeira, pouco a pouco, a Sociedade Recreativa da Baixa da Serra foi construída, em alvenaria, de razoáveis instalações que hoje já se servem de um milhar de associados e por isso se tornam já naturalmente pequenas.

A Câmara Municipal da Moita ofereceu-lhe recentemente mais terreno em espaço anexo e a SRBS tem já projecto para modernização das suas instalações.

Sendo o folclore a sua principal actividade, desde praticamente o seu início se encontra filiada no organismo nacional

competente, tem muitas outras importantes actividades de caracter recreativo, desportivo e social, que se realizam desde 1987: ginástica, teatro, música. Funciona, também, um atelier de tapeçaria, apoiado pelo Ministério da Educação, desde 1990, e cursos de alfabetização, desde 1994. Têm um intercâmbio com a escola primária nº8 da Baixa da Banheira de cedência do salão para realização de festas de Natal e outras. Mantém a Sociedade Recreativa da Baixa da Serra um ATL, desde 1990, com o objectivo de ministrar aos filhos dos sócios, até aos dez anos, a ocupação dos tempos livres e acompanhamento escolar. São cerca de 40 crianças que beneficiam desta intervenção mais social da colectividade, que proporciona passeios, actividades lúdicas, auxílio nos trabalhos escolares. O taeckwondo, é uma das modalidades mais importantes da colectividade, pelos registos competitivos, nacionais e internacionais, dos atletas. Foi introduzida pelo mestre Leite (treinador nacional), em 1990, e funciona como escola de formação da Associação de Taeckwondo da Estremadura. Todos os atletas são federados na federação Portuguesa de

Cozendo pão.

Matança do porco.

Taeckwondo. Outra das modalidades que tem cativado a atenção dos associados da Sociedade Recreativa da Baixa da Serra é o chinquilho, mantendo a colectividade 20 atletas em competição no campeonato inter-concelhio, prova que venceu várias vezes.

A Sociedade Recreativa da Baixa da Serra é filiada na Federação Portuguesa das Colectividades de Cultura e Recreio, desde 30 de Março de 1971. Em 1993, foi-lhe reconhecido o estatuto de Instituição de Utilidade Pública.

Os actuais corpos gerentes são constituídos por: Joaquim José Guerlixa Martins (presidente da Assembleia Geral), Gabriel Fernando Marques Mendes (vice-presidente), Luis Gonzaga Nunes Madeiras (1º secretário), Abílio Manuel Nascimento Lopes (2º secretário), Francisco de Jesus Magalhães (presidente da Direcção), José Silvério Correia Nunes (vice-presidente), João Fernandes Gonçalves (tesoureiro), Manuel João Campos de Oliveira (1º secretário), Fernando Manuel Angelo Gonçalves Rocha (2º secretário), (António Manuel Palmeiro Anacleto (3º secretário), João Manuel da Costa Lúcio, José

Atelier de pintura.

Joaquim de Sousa, Mário Filipe da Silva Correia, Vitor Manuel da Costa Pereira, Francisco Costa Lascas (vogais), Flamínio José Murcela Carvoeiro, Virgílio de Jesus Ramos Santos (suplentes), Artur Cardoso de Paiva Teixeira (presidente do Conselho Fiscal), Manuel Delgado Martins (secretário) e Fernando Manuel José Casinhas (relator).

Sede.

SOCIEDADE RECREATIVA E CULTURAL UNIÃO ALENTEJANA

Desde o sempre que existem alentejanos na Baixa da Banheira, porém a partir da última metade dos anos 50, com a criação da Lisnave, Siderurgia e Setenave, assistiu-se uma migração enorme de gente vinda do Alentejo que ali facilmente arranjava trabalho e então muitos trabalhadores vieram procurar a nossa Vila, mercê da maior acessibilidade de rendas de casa e pela facilidade dos transportes, nomeadamente para o Seixal que, na altura, eram relativamente baratos. As penosas condições de vida dos trabalhadores nos latifúndios alentejanos, a natureza repressiva e persecutória do regime salazarista trazia, todos os dias, cada vez mais gente proveniente do Alentejo, à nossa zona procurando melhores condições de subsistência.

Os pilares da fundação da Sociedade Recreativa e Cultural União Alentejana, assentam nos finais da década de 50. A comunidade Alentejana que à época já era a maior da Baixa da Banheira, veio a ter um acelerado crescimento no decorrer dos anos 60, exercendo inegável influência social, associativa, política e cultural.

Assim não foi surpresa para ninguém que os alentejanos para aqui vindos, ressumbrando saudades pela sua província distante, se reunissem onde calhava, espraiando os seus nostálgicos cantares

Grupo de Fundadores: Álvaro Madeira, José Lourenço, Eugénio Pereira de Brito, José Camões, José F. Gonçalves e Hermenegildo Ramires.

alentejanos em encontros de convívio, em tabernas locais – lugares de encontro. E foi assim que acabaram por criar um grupo coral alentejano o qual, em 1960, ficou instalado em casa alugada, em condições precárias, na Estrada Nacional. Muda-se depois, no final desse mesmo ano para outra casa alugada onde é hoje a Rua Luís de Camões, junto ao chamado Pátio do Feijão, onde permaneceu alguns, poucos meses.

Aliás, alguns anos antes existira na rua de Moçambique, nº 70, num café, o Grupo Coral Saudade do Alentejo que não obstante as suas promissoras exibições acabaria por se extinguir prematuramente. A notável colectividade jamais deixou de divulgar o folclore daquela vasta província.

Começaram a encarar a possibilidade de se legalizar, transformando o Grupo Coral em Associação, aberta a todos os alentejanos. Já em 1961 mudam-se para a casa onde hoje é a actual Sede e onde dão continuação às demarches para a legalização da Sociedade.

O Alvará e os Estatutos vêm a ter autorização do Governo Civil em 29.04.1961. Contudo, a data de fundação foi sempre considerada a de 12.11.1960.

Apresentação da 1.ª Semana Alentejana.

O primeiro livro com registo de sócios tem data de 1961.Tinha nascido, assim, a Sociedade Recreativa União Alentejana, como desde a sua fundação foi designada.

O Grupo Coral, cujos elementos e fundadores virão a dispersar-se pelas tarefas directivas da nova associação, vem a ter curta existência, vindo a desagregar-se a curto prazo. Por actas da Direcção, sabe-se que já não existia no ano de 1963. A colectividade vai estar sem Grupo cerca de 20 anos.

É em 1981, já muito depois do 25 de Abril que, no decorrer da I SEMANA CULTURAL ALENTEJANA que por sugestão do então Presidente da Câmara Municipal da Moita, José António Apolónia, se vem a dinamizar junto dos associados a criação de um novo grupo coral de canto tradicional alentejano, que vem a ser criado em 10.06.1982. Realizou com a Câmara um protocolo de valorização artística para o Grupo Coral de Cantares Alentejanos, tendo actuado várias vezes no exterior e é hoje um dos mais cotados agrupamentos corais de tantos quantos existem

fora do Alentejo, actuando em quase todo o país e até no estrangeiro.

Das suas actividade, a que merece mais relevo e que muito tem erigido a União Alentejana e dignificado a Baixa da Banheira, é sem dúvida a denominada Semana Cultural Alentejana, manifestação recreativa e cultural que promove anualmente desde 1981, louvável empreendimento que proporciona a esta vila uma das maiores manifestações de folclore alentejano realizadas nesta região, reunindo das mais gradas figuras alentejanas nas artes e letras, inclusive no mundo do teatro como Eunice Munoz, Manuel da Fonseca, Eduardo Olimpio e tantos outros. Também gratas têm sido diversas personalidades como Vitor Paquete – homenageado em 1999, durante a e Salgueiro Maia, notáveis alentejanos que por aqui passaram aquando da Semana Alentejana que acompanham o programa e o desfile do cortejo etnográfico nas ruas da Baixa da Banheira, verdadeira expressão do povo alentejano. Os apoios são diversos, desde a Casa do Alentejo a câmara municipais do Alentejo, Junta local e Câmara Municipal da Moita. Este ano realizou-se a 21ª edição (2001).

Para além dessa grande actividade, os "Alentejanos" têm promovido trabalho

1.ª Semana Alentejana.

Desfile do Grupo Coral.

intenso no campo cultural com a organização de vários espectáculos de teatro e muitas exposições de artesanato, artes plásticas e fotografias, excursões, colóquios, saraus musicais, promovendo a apresentação pública de livros de escritores alentejanos além dos tradicionais bailes. As sua iniciativas vão desde a manutenção dos espaços de convívio e festas abertas aos sócios (é a única colectividade local que mantém vivo de actividades a sua esplanada de ar livre – única que localmente sobreviveu até hoje – com os tradicionais bailes de mastros, jogos populares, malha corrida e de banco e a promoção de festas e encontros de corais alentejanos e outros – como as comemorações anuais do 25 de Abril) verdadeira praça pública de convívio entre os sócios e população.

A malha corrida e de banco são modalidades com bastante enraizamento nos sócios e simpatizantes da Sociedade Recreativa e Cultural União Alentejana, organizando habitualmente a colectividade torneios por ocasião das comemorações do 25 de Abril, Semana Cultural Alentejana e aniversário da colectividade.

Desde há 5 ou 6 anos organizam a "Noite Alentejana", incorporada na Festas Populares da Baixa da Banheira.

No campo desportivo, "Os Alentejanos" também se evidenciaram meritoriamente na organização de provas despor-

Desfile do Grupo Coral.

tivas nomeadamente nos torneios de malha e sobretudo na prova de atletismo denominada "Meia Maratona de Atletismo da Margem Sul do Tejo" que constitui uma admirável ocorrência desportiva aqui realizada, motivo de satisfação e de orgulho para quantos amam o progresso desta urbe, pois nela conseguiram reunir os melhores atletas da especialidade e a representação dos clubes chamados grandes do nosso país, organização que primou por uma execução impecável.

Mais recentemente (1998) um grupo de mais de 20 jovens associados cria uma Secção de Futebol de Salão, que tem vindo a participar no Campeonato Regionaldo Vale do Tejo/Federação Portuguesa de Futebol de Salão, com assinalável êxito. Em 1999 a equipa de futebol salão obtém um 3º lugar, o que permitiu a subida à II Divisão Nacional, escalão senior.

A Sociedade "União Alentejana", além do seu Grupo Coral, mantém em exercício há muitos anos consecutivos uma escola pré-primária nas suas instalações e de actividades de tempos livres para crianças (sócios e não sócios) e por tudo isso, se considera que a SRCUA é um dos grandes baluartes do associativismo banheirense.

A Sociedade Recreativa e Cultural União Alentejana é filiada na Federação das Colectividades de Cultura e Recreio e possui razoáveis instalações cedidas em contrato de comodato pela Câmara Municipal, sendo uma das sedes das colectividades mais frequentadas desta Vila, pois soube cativar os seus associados com divertimentos comuns ao povo alentejano, onde muitos passam as suas horas de lazer.

Única colectividade de carácter regionalista da nossa terra, tem vindo sucessivamente a melhorar as suas instalações, a criar novas modalidades e pólos de interesse para os associados que actualmente são cerca de 1000.

As receitas provêm do bar, rifas, sorteios, aluguer do salão para festas e apoio das autarquias.

Para melhor poder perspectivar o seu futuro os dirigentes reivindicaram desde há muitos anos junto da Autarquia Municipal a cedência do terreno onde se encontra em direito de superfície.

A Câmara Municipal, em 09.06.1992, permuta as instalações com a senhoria do prédio, sendo a Câmara a partir dessa data a proprietária e locadora do imóvel.

Em 06.03.1993 é assinado um Contrato de Comodato entre a CMM e a Direcção da colectividade.

Entre 1996 e 1998 é reivindicado junto

Grupo Coral dos Alentejanos, anos 80.

Equipa de Futebol Salão.

da Autarquia a cedência em direito de superfície.

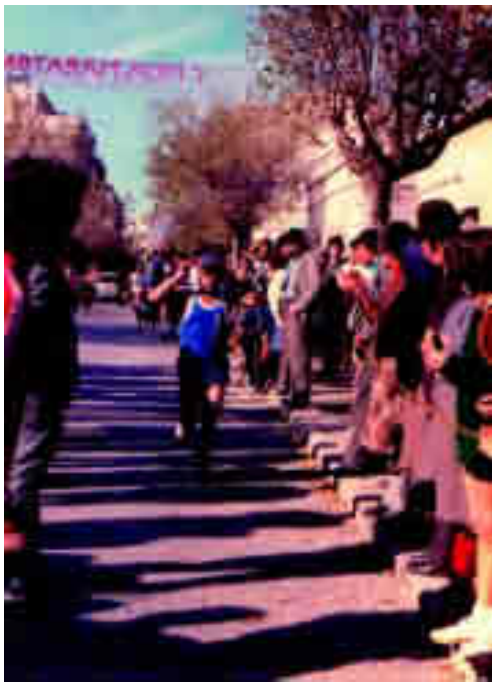
Em 1998 os Corpos Gerentes decidem mandar executar projecto de Arquitectura (da execução do qual dependia a cedência em direito de superfície, por parte da CMM) para novas instalações e é apresentado à Câmara ainda em 1998.

Em reunião de 10.11.99, a Câmara Municipal da Moita delibera aprovar o pedido da Colectividade e decide constituir a seu favor o direito de superfície sobre o prédio.

Em 01.04.2000 é assinada, em cerimónia na colectividade, a escritura de cedência, entre a Câmara Municipal e os Corpos Gerentes da Colectividade.

O projecto de obras teve aprovação Municipal em DEZ 2000 e foi entregue processo para candidatura a financiamento de obras nos competentes serviços do Estado.

Os actuais corpos gerentes da Sociedade Recreativa e Cultural União Alentejana são constituídos por Adriano Manuel Soares da Encarnação (presidente da Mesa da Assembleia Geral); António Narciso Cascalheira Afonso (vice-presidente), Olímpio Marcelo Rosa (1º secretário), Américo Sabóia Mestre (2º secretário), Júlio Manuel Lampreia Neves Pinto (presidente da Direcção), Marcelo Pereira



Prova de Atletismo.

da Cruz (vice-presidente), Gregório Manuel da Palma Destapado (tesoureiro), Francisco Manuel Pereira Garcia Martins (1º secretário), Joaquim Manuel Pica Ferrador (2º secretário), Albino José Casquinha, Francisco Inácio Pereira Carvalho, Manuel António Saiote, Eugénio Bráz Mestre Palma, Custódio Manuel Mateus Neto, André Dionísio Palma Matos, José Luís D´Ascenção Barbacinhas, Manuel António Cassapo, Manuel José Aguamel Ganço, Franklin dos Santos Melo, João Carlos Gonçalves Afonso (vogais), José Gil Biló Cavaco (presidente do Conselho Fiscal), Teodoro, Guerreiro Loução (secretário) e Ezequiel dos Santos Pardal (relator).

Sede.

SPORTING CLUBE BANHEIRENSE

Malograda a primeira tentativa para a criação dum Sporting Clube na Baixa da Banheira, um grupo de frequentadores do café Martins, situado na praceta das forças armadas, no qual se contavam José Dias Ferreira, Diamantino Palheira, Cristóvão Pinto da Silva, Nelson Matias, José Bernardino Carraças, José Manuel Calado e Helder da Rocha Jacob, resolveu recreá-lo.

O novo Sporting Banheirense teve a sua primeira sede numa cave de um prédio na Rua de Goa, nº20, tendo-se transferido para um rés-do-chão da rua de Moçambique, nº77, e muito mais tarde, para razoáveis instalações, de propriedade sua, na Rua da Juventude, nºs 8 e 12. O prédio actual foi comprado em 1984, por 5.000 contos, e acabou de ser pago em 1989. Referência a José Maria Carvalho, José Manuel Conceição Santos, Fernando Rodrigues Matos, sócios que se distinguiram neste processo.

Então, em 1 de Junho de 1970, oficializou-se com Joaquim Ferreira como seu primeiro presidente e alguns anos mais tarde, filiou-se no Sporting Clube de Portugal, sendo a filial nº 164 . Tem como fins "A promoção e desenvolvimento de todos os desportos, a promoção de festas culturais, recreativas e desportivas e ainda, a promoção de cursos de índole cultural.". No ponto 1 acentua a sua vertente social:

Uma das primeiras equipas do Sporting Banheirense.

Equipa de Futebol, final dos anos 70.

"A colectividade tem como fins secundários a acção de segurança social para os associados e compreendendo entre outras as actividades de tempos livres.".

Logo após a sua fundação oficial propôs-se a voos muito mais altos do que as suas congéneres na nossa Vila, arrancando com o futebol nos escalões junior e iniciado. Os jogos eram no campo do Zé Torres. O futebol, no entanto, não alcançou os desejados resultados, apostando depois o Sporting Clube Banheirense no atletismo, onde muito se distinguiu, dignificando e honrando sobremaneira o nome da Baixa da Banheira, numa ascensão admirável, foi-se guinando de ano para ano a um elevado nível no atletismo distrital e nacional.

Na época de 1989/90, o seu atleta Carlos Leitão, foi campeão e recordista nacional em marcha atlética em juniores, tendo também atingido a internacionalização nessa modalidade.

Na época de 1991/92, Cristina Falé foi campeã nacional de salto.

Manuel Araújo em juniores e Ricardo Santos em juvenis, foram também internacionais representando Portugal. Além desses, Adriano Gomes e José Faustino foram igualmente atletas que se distinguiram no atletismo.

Porém, teria sido a época de 1993/1994 a de maior significado desportivo no âmbito do atletismo para o Sporting Banheirense, pois creditou-se entre os três melhores clubes da Associação de Setúbal, tendo sido vice campeão regional de pista (infantil masculino), 3º classificado no campeonato regional de pista (juvenis masculinos).

Três atletas seus representaram a selecção de Setúbal por 15 vezes e oito bateram recordes regionais, quatro em provas oficiais e quatro em provas não oficiais.

Durante vários anos consecutivos, o Sporting Banheirense organizou na Baixa da Banheira uma prova de marcha atlética que atingiu muito bom nível técnico e de participação, já que os melhores atletas internacionais e olímpicos nela sempre participaram, conseguindo a prova a internacionalização através de atletas espanhóis. A par disto, o Sporting Banheirense também pratica futebol de salão com muito mérito, tendo sido nas épocas 1991/92 2 1992/93, campeão regional e distrital em infantis e iniciados. Foram vencedores da Taça de Honra em infantis, em 1994/95.

Equipa Infantil de Futebol Salão, 1984.

Foi igualmente campeão nacional duas vezes em infantis e uma vez em iniciados. Nesta modalidade, o seu atleta Adriano Gomes foi, internacional no escalão junior.

Também na pesca desportiva o Sporting Banheirense formou campeões regionais, em seniores.

Muito embora esta colectividade seja filial do Sporting Clube de Portugal, na altura da sua legalização este nome surgiu por sugestão de alguns directores sem essa intenção e só mais tarde admitiram essa probabilidade.

Com cerca de 400 associados, o Sporting Banheirense, nestes decorridos 31 anos de existência, tem sido um verdadeiro alfobre de atletas, alguns dos quais alcançaram o maior relevo nas provas em que participaram.

Acresce aos três títulos nacionais de futebol de salão aos muitos títulos individuais em atletismo onde também conseguiram vários títulos regionais de cortamato e muitos títulos e recordes.

O Sporting Banheirense sempre colaborou na organização dos 10.000 metros em atletismo por ocasião da Festa da Baixa da Banheira e em muitas outras actividades desportivas e culturais promovidas pela autarquia, pelo que a Junta de Freguesia lhe atribui o prémio de Actividade Desportiva. Em 2000, foram contemplados pela Câmara com o Mérito Cultural, devi-

Equipas de Atletismo do Sporting Banheirense na época 1989/90.

Futebol de Salão Infantis.
Campeão Distrital e Nacional 93/94.

do aos seus mais de 25 anos ao serviço da cultura e desporto.

A dinâmica do Sporting Clube Banheirense reflecte uma orientação vincadamente social, para além do desporto para os jovens, designadamente ao nível da manutenção física dos mais idosos, tendo o clube adquirido aparelhos de ginástica próprios para esse fim, com acesso gratuito a todos os sócios. Funciona, também, dirigido aos mais pequeninos um ATL, três dias por semana. O ATL é gratuito, para sócios e não sócios, podendo as crianças jogar, desenhar, pintar ou fazer os trabalhos escolares. Os princípios de actuação do clube, neste campo, decorrem da percepção de a zona envolvente compreender focos de alguma preocupação social.

Actualmente pratica futebol de salão, de cinco e veteranos, pesca, snooker, damas e cartas, além de promover um sem número de actividades culturais e recreativas nomeadamente aquando do seu aniversário. No futebol, escalão veteranos, participam em jogos e torneios populares. No futebol de salão, têm inscrito mais de 50 atletas, nos escalões infantis, iniciados e juvenis. Os treinos e jogos de competição são disputados no ringue do Parque Infantil Estrela Vermelha. Apoiam activamente as comemorações do 25 de Abril, organizando provas desportivas. O torneio de Pesca do Sporting Clueb Banheirense

Animação para crianças.

realiza-se junto à muralha da Avenida da Praia, Barreiro. Este ano organizaram a iniciativa "peddy paper", que contou com a presença de 30 equipas.

No âmbito estritamente cultural organizam, assiduamente, bailes, sessões de fados, música, concursos e máscaras para os mais jovens, por altura do Carnaval, entre outros.

A subsistência do Clube depende, em muito, da quotização, receitas provenientes da exploração do bar e diversos subsídios.

Os actuais corpos gerentes são constituídos por: José Maria Carvalho (presidente da Mesa da Assembleia Geral), João do Carmo Rodrigues (vice-presidente), João Maria (secretário), Vitor Manuel de

Futebol Salão Infantis.
Campeão Distrital e Nacional 91/92.

Sousa (presidente da Direcção), José Vieira Leitão Ralo (vice-pres. p/act. Adm.), Armando Carvoeira (vice-pres. P/act. desp.), Miguel Calafate (secretário), Augusto Morais (tesoureiro), Isabel Fernandes, Maria Conceição Vaz, Carlos Nelson, Adelino Almeida, Francisco Fernandes, Rui Manuel Pires, Carlos Quintas, Élio Amarelinho, Joaquim Mesquita (vogais), Jorge Ferreira (pres. Conselho fiscal), Domingos Costa (vice-pres.) Bento José Veiga Soeiro (secretário), Narciso Duarte Nunes (relator).

Sede.

UNIÃO DESPORTIVA E CULTURAL BANHEIRENSE

Na Baixa da Banheira existiam diversas colectividades a praticar futebol. Contudo, as que o disputavam oficialmente eram o Futebol Clube "Os Leais", o Grupo Desportivo Banheirense "Racing" e a Sociedade Desportiva Banheirense "O Real" que faziam os maiores esforços para se manterem em actividade porque as dificuldades, que enfrentavam, eram enormes, reduzindo o poder da sua intervenção desportiva e social. Era triste e desolador ver partir a juventude para outros clubes fora da terra por falta de condições.

A partir da "recomendação" da I Assembleia dos Organismos Populares da Baixa da Banheira, realizada em Fevereiro de 1984 para fundir os três clubes de futebol, a ideia ganhou adeptos e entabularam as primeiras negociações que culminaram em 18 de Agosto de 1986 com a legalização do novo clube, que teve como primeiro presidente Alfredo Manuel Paiva Floriano.

Futebol Clube "Os Leais"

Em 16 de Maio de 1964, um grupo de amantes do futebol, entre os quais se contava Adriano Pinto de Aguiar e António Armando, criou mais uma associação desportiva na nossa vila, certamente devido às rivalidades futebolísticas que nessa altura a Baixa da Banheira era fértil, fili-

Equipa do União Banheirense.

ando-a imediatamente na respectiva Associação de Setúbal a cuja I Divisão Distrital viria a ascender, tal o entusiasmo com que os seus dirigentes e atletas ao Clube se dedicaram.

Os Leais instalaram-se numa sede de ocasião mudando-se depois para um prédio de aluguer na Rua da Liberdade, nº 63, onde hoje funciona a secretaria da União Desportiva e Cultural Banheirense.

Mesmo apesar de cedo ter atingido a soma de 500 associados, Os Leais foram arrefecendo o entusiasmo que os galvanizou de princípio e ante as dificuldades que cercam o futebol de competição e embora tivessem sobrevivido a dois longos anos, com altos e baixos, resolveram em Assembleia Geral, aderir à fusão com o "Racing" e o "Real", que viria a dar lugar, em 18 de Agosto de 1986, ao nascimento da União Desportiva e Cultural Banheirense, dotando a Baixa da Banheira com um Clube mais forte e de maior projecção.

Grupo Desportivo Banheirense (Racing)

A explosão demográfica da Baixa da Banheira e a sua consequente dilatação urbanística, estiveram na origem da criação de várias colectividades de rua a que a rivalidade do futebol não foi estranha.

Assim, em 1 de Junho de 1961, nasceu na nossa vila o Grupo Desportivo Banheirense, Clube essencialmente dedicado ao futebol que, em réplica ao designativo de "Real" aposto a um outro Clube da vila, foi apelidado por "Racing" outra grande estrela do firmamento futebolístico.

Torneio de Ténis-de-Mesa.

Esta nova colectividade instalou a sua Sede Social na Rua do Minho, nº 16 e filiou-se na Associação de Futebol de Setúbal e, para gáudio do seu meio milhar de associados, deu sempre razoável conta de si nos campeonatos em que participou, dignificando e honrando a Baixa da Banheira.

Curiosamente aquando da sua extinção, motivada pela fusão que fez como "Real" e Os Leais, em 18 de Agosto de 1986, que deu aso à fundação da União Desportiva e Cultural Banheirense, o Grupo Desportivo Banheirense era, dos três fusionados o melhor classificado.

Sociedade Desportiva "O Real"

Criado em 1957 por um grupo de admiradores do Real Sociedade de Espanha baptizaram-no de Real Sociedade Banheirense e praticou futebol durante dois anos em torneios particulares e só em 1959, um grupo de sócios mais dinâmico, de que fazia parte Norberto França, José Gabriel e Fernando marques pretendeu dar-lhe vida oficial que não foi aceite com o nome de real. Mas já com o nome de Sociedade Desportiva Banheirense, a quem a maioria dos seus adeptos nunca deixaria de apelidar de real, nasci a nova colectividade que se instalou na rua João

Angelo e mais tarde, embora ficando a ocupar estas instalações, transferiu a sua sede para a rua padre José Feliciano, nº13A.

Dedicando-se desde sempre ao futebol, o Real teve uma carreira fulgurante e, na época de 1969/1970, foi campeão Regional da 2ª Divisão de Setúbal pelo que ascendeu à primeira divisão deste distrito. Praticou também ténis de mesa e é justo que seja considerada uma colectividade que prestigiou a nossa Vila já que também tinha uma excelente equipa de atletismo que percorreu quase todo o país trazendo para a Baixa da Banheira muitas vitórias. Organizou, durante muitos anos uma prova de atletismo nas ruas da nossa Vila, que atingiu um apreciável nível técnico e de participação.

Entretanto, em 18 de Agosto de 1986, por decisão da sua Assembleia Geral, fez uma fusão com dois clubes banheirenses de que resultou o União Desportiva e Cultural Banheirense.

A nova sede

As sedes das três instituições desportivas, "O Real", na Rua João Angelo e Rua Padre José Feliciano, "O Racing", na Rua do Minho e "Os Leais" na Rua da Liberdade, não reuniam condições para o novo clube que se pretendia de grande projecção. Então, foi necessário comprar o

Trabalho voluntário na construção da Sede.

Assinatura de Protocolo com a Câmara Municipal.

"Cinema POP", com pedido de empréstimo à Caixa Geral de Depósitos, que depois de devidamente remodelado e adaptado foi respondendo à notável colectividade.

As sedes do "Racing" e dos "Leais" foram aproveitadas: a primeira para lavandaria e posto clínico e a segunda para secretaria e sala de troféus. O emblema foi desenhado a pensar nos três anteriores clubes . A "estrela" era o símbolo do Real, a "cruz" o símbolo dos "Leais" e as "argolas" o símbolo do "Racing".

Iniciando a sua actividade desportiva, época de 1986/87, o União Banheirense participou no Campeonato Distrital da I Divisão de Setúbal, que era ocupado pelos "Leais", o melhor classificado dos três clubes, e na época seguinte, alcançou o 1º lugar pelo que ascendeu à III Divisão Nacional de Futebol. As actividades desportivas dinamizadas pelo União Banheirense no início da sua formação eram, além do futebol de onze: ginástica de manutenção, karaté, lutas amadoras, pesca desportiva e futebol de salão.

Viveram-se, dentro e fora da União Desportiva, momentos de maior euforia mas tudo viria a ser sol de pouca dura pois voltou logo aos regionais dado os insuportáveis encargos que o futebol acarretava.

Mais tarde viu-se obrigado a deixar de participar com a sua equipa de seniores nos campeonatos oficiais, mantendo, contudo,

Inauguração da Sede Social.

mais de cem praticantes nas escolas e escalões jovens, além de uma equipa de veteranos, sempre activa, participando em muitos torneios, nomeadamente no promovido todos os anos pela Junta de Freguesia da Baixa da Banheira.

O grande problema do União é o facto de ter de partilhar o campo de futebol municipal do Vale da Amoreira com outros clubes o que lhe dá pouca possibilidade de manobra e o retrai no investimento. No início da formação da colectividade as modalidades dinamizadas, além do futebol, eram as seguintes: ginástica de manutenção, karaté, lutas amadoras, pesca desportiva e futebol de salão.

Em 1990 a Câmara Municipal da Moita cedeu um terreno com a área de 25000m2, sito na zona das marinhas do sal da Baixa da Banheira, junto ao parque da Zona Ribeirinha (Parque Zeca Afonso) para o clube construir o seu estádio. Neste momento o terreno já se encontra aterrado e pronto a receber a edificação da obra, que consta de dois campos de futebol, um relvado e outro de terra batida, bancadas para 5000 lugares, balneários, casa do guarda, jardim, bar, restaurante e parque de estacionamento, equipamento digno que a União Banheirense bem merece já pelo seu esforço. A arrancar simultaneamente com o campo de futebol o clube projectou a "Escola de Futebol Jorge Martins", que pretende instruir os miúdos em diversas componentes do futebol: prática do futebol, conhecer e aprender as

Encontro/convívio da União Desportiva e Cultural Banheirense.

regras de futebol, conhecimento dos espaços da prática de futebol, noções de higiene individual e de grupo, noções de leituras tácticas para a prática do futebol, disciplina e ordem desportiva e cultura geral sobre futebol.

Outro marco importante foi a construção da actual sede social, cujas obras demoraram cerca de um ano. Foi, na altura, derrubado o antigo cinema "Pop" e edificado um belo edifício, com todas as condições. Os custos orçaram em 50.000 contos, que foram suportados pela DGOTDU (11.760c.), Câmara Municipal da Moita (2.940c.), José Inácvio Batista Viegas (13.000) e União Banheirense (22.300c.), através da venda do imóvel ex-Racing. A inauguração da sede ocorreu em 11 de Março de 2000.

A União Desportiva e Cultural Banheirense não se tem dedicado exclusivamente à prática de futebol, pois outras modalidades têm sido muito queridas dos seus adeptos e até com alguns assinaláveis êxitos. Está neste caso o atletismo, modalidade praticada a nível popular mas que conseguiu ter uma campeã nacional de juvenis, Cristina Falé.

A pesca desportiva foi outra modalidade que sempre interessou e animou os unionistas assim como a ginástica e em certa medida as artes marciais amadoras.

Equipa de Juniores.

A ginástica de manutenção, a aeróbica, o ténis de mesa, o chinquilho (malha pequena) o futebol de salão são modalidades que sempre se praticaram no clube.
Já possuiu uma boa equipa de futebol feminino e nos escalões de veteranos já passaram bons nomes do futebol como: Jorge Martins, Frederico Rosa, Raúl Parro, Diogo Pombinho e muitos outros.

Prepara-se agora o clube para encetar as modalidades de pavilhão como o são o andebol e o mini-basquetebol que as actuais instalações permitem.

Actualmente o União Banheirense dinamiza o Karaté Shotokan e Luta Greco Romana, cuja equipa técnica é constituída por Alberto Covas e Silvia Figueira. Nas traseiras do pavilhão gimnodesportivo dinamizam o chinquilho, modalidade popular mas que colhe grande adesão junto dos sócios.

Em 2001, pelo 25 de Abril, o União Banheirense inaugurou a biblioteca, que já se tornou um verdadeiro pólo de cultura, disponibilizando aos sócios mais de 5000 títulos, e pasando aos sábados e domingos filmes para as crianças. De recordar que a biblioteca foi implementada com a bem conseguida campanha "Um livro para o Banheirense", tendo sido oferecidos livros pela Câmara da Moita, sócios, particulares e outras colectividades.

Os actuais corpos gerentes são constituídos por: José Candeias Lourenço Jacob (presidente da Assembleia Geral), Lourenço António Conceição Pacheco Casca-

Actual equipa Senior.

lheira (vice-presidente), António Manuel Martins Ribeiro (1º secretário), José Manuel Martins Dias (2º secretário), António Amandio Pereira Esteves (presidente da Direcção), António Isidro das Neves Oliveira (vice-presidente), José Jacinto Graça Rocha (vice-presidente administrativo), José Mestre Vieira (vice-presidente cultural), Manuel dos Reis Guerreiro (vice presidente desportivo), Helena Cristina dos Santos Mira (tesoureiro), Eurico Guerreiro Embuça (1º secretário), Elisabete Santinho Luís (2º secretário), Herminia Cristina Duarte Parro (3º secretário), Artur Gonçalves Pauleta, José Francisco Andrade Pereira, José Manuel Sousa Pereira, António Correia Martins, António Augusto Gatinho Guerreiro, António Manuel Ribeiro do Nascimento Silva, António Armando, Joaquim Augusto da Graça Rocha, José Francisco Carreço Pereira, Fernando Dias Pauleta, João Rosa Pardal (vogais), Marcos Manuel Carminho Cordeiro (presidente do Conselho Fiscal), Manuel Luís Conceição Capelo (relator) José Luís Lampreia C. Palma (1º secretário) e Marcos Filipe Marques Cordeiro (2º secretário).

Sede.

VELHA GUARDA BANHEIRENSE

Fundada em 1 de Janeiro de 1981, por um grupo de saudosistas, praticantes de futebol, frequentadores do café Ribatejano (hoje café Sequeira) situado no Largo João de Deus.

De há muito tempo que a ideia de formar um clube existia em muitos ex-jogadores, afastados dos campos de futebol em virtude da sua idade e foi durante um almoço de confraternização e de amizade que decidiram criar um clubezito que baptizaram por "Velha Guarda Banheirense" cuja primeira direcção foi composta por Saramago, Cardoso, Branco, Rendeiro, Venâncio e outros companheiros.

Ficou então assente que, a partir desta altura, (1 de Janeiro de 1981) os seus associados, então trinta indivíduos, pagariam uma quantia de vinte escudos mensalmente e proceder-se-ia ao sorteio de diversos objectos cujo lucro seria a compra dos indispensáveis equipamentos e o mais que fosse necessário.

Assim e sem pretensões vitoriosas, a Velha Guarda vem participando, de há anos, em jogos de futebol de convívio humano e de entretenimento, muito particularmente nos torneios do 25 de Abril, desde a primeira hora nos torneios de veteranos organizados pela Junta de Freguesia e em todos para que é convidado.

Exemplos disso são os encontros em

Uma festa convívio por ocasião de mais um aniversário.

Merceana (Alenquer), Cabeça Gorga, Neves, Santiago do Cacém (Alentejo), Pedra Moirinha e Silves (Algarve), Costa da Caparica, Seixal, Alcochete, Montijo e muitos mais.

Esta associação de "Velhas Relíquias" possui presentemente uma centena de associados que lhe são dedicadissímos (quase todos praticantes) e até entre os emigrantes banheirenses.

Como nota digna de registo, a "Velhinha Guarda Banheirense", todos os anos, no mês de Janeiro, comemora o seu aniversário, através de uma grande almoço-convívio dos seus dirigentes, associados, atletas e seus familiares, em restaurantes dos arredores e que chega a juntar cerca de trezentos convivas, procedido de um jogo de futebol, inter-sócios, onde predomina sempre a alegria e uma harmoniosa confraternização.

Embora não possua sede social, a "Velha Guarda" é uma colectividade razoavelmente estruturada sempre colaboradora dos vários programas desportivos promovidos pelas autarquias e sempre participantes nas Assembleias dos Organismos Populares da Vila.

Uma equipa da Velha Guarda.

Pela "Velha Guarda" passaram já excelentes jogadores de futebol, alguns de craveira internacional: Dani, Lé, José Miguel, Palheira, Rendeiro, Chora, Vicente, Jorge Martins e muitos outros.

Actualmente continua a funcionar no nº2 do Largo João de Deus (Café Sequeira) utilizando as instalações da Quinta de José Miguel Fradinho para os seus plenários assembleias.

Freguesia
de
Vale da Amoreira

Treino.

ASSOCIAÇÃO INTER-CULTURAL DO VALE DA AMOREIRA E BAIXA DA BANHEIRA

O PICVA – Projecto de Intervenção Comunitária do Vale da Amoreira surge em 1991 como uma das acções do Comissariado de Luta Contra a Pobreza para a zona Sul implementado através do Centro Social e Paroquial da Baixa da Banheira.

Uma das valências desse projecto tinha como finalidade ser uma resposta social às carências detectadas ao nível desportivo, social e recreativo, em especial, da população Jovem do Vale da Amoreira e Baixa da Banheira.

A integração e a prevenção de situações de risco foram a pedra angular do trabalho realizado ao longo de 4 anos, envolvendo centenas de jovens que praticavam gratuitamente a sua modalidade favorita – o basquetebol.

Com o fim do projecto, um grupo de pais e encarregados de educação acompanhados por alguns técnicos viu a necessidade de continuar e aprofundar um trabalho, que o Centro Paroquial, por diversas razões, não podia fazer evoluir, cessando aí o vínculo a essa instituição.

Se uma criança ou jovem deve encontrar no meio escolar a educação física e a iniciação desportiva que lhe são fundamentais na formação da sua individualidade e à educação motora, enquanto ser em evolução, a necessidade de encontrar um espaço fora da escola, onde jovens e

Convívio na Tróia.

crianças possam praticar voluntariamente o desporto correspondente às suas motivações, um espaço que se poderá chamar de "tempos livres" ou de "ocupação de tempos livres" por demais importante. Não é um espaço pequeno.

É neste espaço que se movimenta o novo PICVA – Associação Inter-Cultural do Vale da Amoreira e Baixa da Banheira, oferecendo meios para colmatar algumas carências existentes, procurando ser uma resposta social a essas necessidades, uma forma de privilegiar o desenvolvimento do desporto infantil e juvenil como um meio ao serviço da educação e formação de crianças e jovens.

A escritura da Associação Inter-Cultural do Vale da Amoreira e Baixa da Banheira, aconteceu no Cartório Notarial da Baixa da Banheira, com as presença de Luís Fonseca e Laura Martins.

No art. 2º dos estatutos define os seguintes fins: "O PICVA é uma pessoa colectiva de direito privado que tem como objectivo principal promover e orientar a generalização da prática desportiva como factor cultural indispensável na formação plena da pessoa humana e no desenvolvi-

Recebendo instruções.

mento da sociedade e que se constitui sob forma associativa e sem intuitos lucrativos, nos termos gerais do direito.". No art. 3º: "O PICVA tem como fim a promoção desportiva, cultural e recreativa junto da população local do Vale da Amoreira e Baixa da Banheira.".

O PICVA vem desenvolvendo uma actividade contínua da modalidade de basquetebol que envolveu cerca de 750 jovens nos últimos dez anos. Tem dificuldades financeiras, de meios materiais, de meios humanos. Não tem instalações próprias, não tem o espaço necessário para a prática desportiva para todos os jovens que pretendem participar no desporto, não tem meios de transporte próprios, e até há bem pouco tempo não tinha sequer a certeza de poder continuar, condicionantes que não obstaram ao aparecimentos de resultados práticos, designadamente no basquetebol. A dinamização da modalidade teve início em 1991. Passados escassos três anos conquistaram o campeonato regional.

O PICVA como estrutura está enquadrado naquilo a que se poderá chamar de

"Clube de Bairro", entidades que pela sua especificidade surgem de necessidades sentidas pela população e que vêm na formação destes pequenos clubes a possibilidade de resolverem algumas carências que os afligem. A falta de meios indispensáveis com que a maioria destes "clubes de bairro" se defronta dificultam sistematicamente o desenvolvimento normal das suas acções.

Quando estas entidades dispuserem dos apoios necessários para o desempenho das suas funções, serão capazes de fazer frente à crise vivida no presente, a partir do ponto de vista que estruturam uma rede de solidariedade social, preenchendo uma função de serviço público insubstituível, quer em termos de democratização da prática desportiva – Desporto para Todos – quer como factores de sociabilização, difusão da cultura desportiva e da integração social.

Vem o PICVA, ao longo destes anos, apostando num tipo de acções que visam essencialmente a aplicação dessa política de "Desporto para Todos", através de uma prática desportiva saudável e equilibrada, que permite a integração adequada de jovens de ambos os sexos, ocupando os seus tempos livres e criando as oportunidades necessárias para que estes desenvolvam as suas capacidades físicas e formas positivas de se socializarem com os outros e com o meio que os rodeia.

Colóquio Fair Play no Desporto.

Equipa de Basquetebol do PICVA.

Sempre foram estes os objectivos primeiros que desde o início nortearam o nosso trabalho e assim continuará a ser.

Os actuais corpos gerentes são constituídos por João Ferro (presidente da Mesa da Assembleia Geral), Maraia Jesus Garcês (1º secretário), Constância Silva (2º secretário), Luís Fonseca (presidente da Direcção), António Cardoso (tesoureiro), Álvaro Gustavo (secretário) Laura Martins (vogal), Ermelinda Ferro (vogal), Vitor Pereira (presidente do Conselho Fiscal), Alice Vicente e Mário Pinto (vogais).

Sede.

CENTRO DE ATLETISMO DO VALE DA AMOREIRA "CAVA"

Já noutro local deste volume nos referimos à explosão demográfica que a descolonização das ex-colónias obrigou o lugar do Vale da Amoreira, hoje freguesia da Vila da Baixa da Banheira, a aumentar substancialmente a população, foi portanto natural a proliferação do associativismo na localidade.

O Centro de Atletismo do Vale da Amoreira "CAVA" foi fundado em 13 de Setembro de 1987, tendo sido eleitos para os primeiros corpos gerentes: Álvaro Silva (presidente da Mesa da Assembleia Geral), Luís Sequeira, Eduardo Nunes, Fernando Sequeira, Luís Costa (presidente da Direcção), Carlos Pereira (vice-presidente), Amandio Calado (tesoureiro), José Alberto (1º secretário), José Ferreira (2º secretário), António Machado, Francisco Guimarães, Sérgio Silva, Manuel Barbosa (vogais), Fernando Simas (presidente do Conselho Fiscal), Raul Fernandes (vice-presidente), Paulo Costa (relator) e Ernesto Martins. No entanto, a legalização oficial do clube só aconteceu em 10 de Março de 1992, no Cartório Notarial do Barreiro, tendo comparecido no acto, pelo CAVA, José Teixeira, José Alberto Jesus e Carlos Perner Junior. No art. 2º dos estatutos define os seus objectivos: "Tem por fim a promoção cultural dos sócios através da educação física e desportiva e acção

Prova infantil.

recreativa, visando a formação humana e integral, encontrando-se aberta a pessoas de ambos os sexos.".

O Centro de Atletismo do Vale da Amoreira "CAVA" teve a sua génese no reconhecimento da necessidade de proporcionar à juventude local a ocupação dos tempos livres, designadamente através da dinamização desportiva. A modalidade eleita foi o atletismo, com a organização de provas, funcionava o CAVA, na altura, no mesmo espaço que detêm actualmente como sede mas em co-habitação com a Comissão de Moradores. Os êxitos alcançados permitiram almejar outros horizontes, encetando o CAVA um trabalho rigoroso e meritório no campo desportivo e social. E foi assim que nasceu o Centro de Atletismo do Vale da Amoreira que imediatamente se filiou na Associação de Atletismo de Setúbal onde inscreveu oitenta e cinco atletas de ambos os sexos e vários escalões etários.

Ali se revelaram atletas de grande craveira como: Neura Casaca, Ana Frechaut, Pedro Soares, Tatiana Pataco, José Ferreira, Daniel Gonçalves, Renato Gomes (campeão regional infantil em lançamento de peso), Telma Costa (campeã regional infantil nos 1000 metros), Sandra de Jesus

(vice-campeã regional absoluta nos 500 metros) e José Faustino (campeão regional no arremesso de bola).

A equipa feminina do CAVA foi também recordista na prova "Santos Populares" em Setúbal.

Possui ainda vários troféus em diversas provas onde tem participado durante a sua ainda curta existência e, a partir de 1988 organiza o corta-mato da Páscoa, prova a nível nacional, que tem alcançado consecutivamente a adesão de centenas de atletas. Prova das mais importantes do Distrito de Setúbal, conta com o apoio técnico da Associação e da Federação da modalidade, além das Autarquias Locais.

O CAVA que no seu alvor teve a dirigi-lo um grupo de entusiastas entre os quais se contava António Luis Costa, Carlos Manuel Pereira, Vicente Calado, José Alberto de Jesus, José Manuel Ferreira, António Machado, Álvaro Jorge Silva e Fernando Simões, revelou-se uma força dinâmica extraordinária, prestigiando imenso a freguesia do Vale da Amoreira e Baixa da Banheira.

A verdade é que mesmo sem possuir instalações adequadas (continua a funcio-

Prova iniciados.

1.º Grande Prémio da Páscoa.

nar na ex-sede da comissão de moradores do Vale da Amoreira) lançou-se a um trabalho ingente, forjando campeões em todas as idades, alguns de nível tal que competem palmo a palmo com os melhores nacionais.

Foi tal a projecção do CAVA que para além dos anteriores êxitos, na época de 1993/1994, se classificou o 2º melhor clube da Associação de Atletismo de Setúbal, tendo-se sagrado Campeão Regional de Corta-Mato, infantis masculinos e juniores masculinos, Vice-Campeão Regional de Corta-Mato em infantis masculinos e seniores masculinos e 3º classificado no campeonato regional de pista, absolutos masculinos. Formaram um campeão nacional de salto em altura e salto em comprimento, Carlos Lopes (escalão juvenil), que alcançou também um título de campeão nacional olímpico jovem.

Foi o terceiro clube a inscrever mais atletas e estes representaram a selecção nacional 21 vezes e em quatro delas bateram recordes (um em prova oficial e três em provas não oficiais). O CAVA participou também no Campeonato Mundial de Corta-Mato realizado na Hungria, através dos seus atletas Augusto Ramos e António Ferreira. Mas o Centro de Atletismo do Vale da Amoreira não é só atletismo, devendo destacar-se o basquetebol, com a

Prova feminina.

dinamização de uma equipa senior, desde há 6 anos, inscrita em competição nos torneios do INATEL. Outra actividades como o jogo da malha ou ginástica aeróbica também são proporcionados aos sócios.

Os actuais corpos gerentes (2000/2002) são constituídos por: Manuel Marques (presidente Assembleia Geral), Adelino Marques (vice-presidente), José Faustino (secretário), Armindo Pataco (presidente da Direcção), Sérgio Ferreira (tesoureiro), Luís Gomes (1º secretário), Anselmo Ferreira (2º secretário), Nuno Conceição e António Fernandes (vogais), Tatiana Pataco (presidente do Conselho Fiscal), Renato Gomes (vice-presidente) e Cláudio Teles (relator).

Sede.

CLUBE RECREATIVO, CULTURAL E DESPORTIVO BREJOS FARIA

O Brejos Faria, pequeno burgo situado no extremo nascente do Vale da Amoreira, a cuja freguesia pertence, logo após o 25 de Abril de 1974, concretamente em 9 de Setembro de 1975 elegeu a sua Comissão de Moradores dirigida pelo Sr. Carlos José Freitas que esteve à sua frente até 1980. Por diversos factores, nomeadamente dificuldade de constituir corpos sociais e inexistência de apoios de entidades competentes, o clube encerrou em 1983. Reabriu em 24 de Fevereiro de 1985, mas tornou a fechar em 5 de Dezembro de 1987, prolongando-se tal situação por seis anos. Em 1992 um grupo de pessoas decidiu alterar o sucedido e marcou-se uma Assembleia Geral de Moradores no dia 30 de Maio de 1993, de modo a constituir-se os corpos sociais, o que sucedeu em 4 de Julho de 1993, por um mandato de dois anos, até ao dia 9 de Setembro de 1995, data em que foram eleitos novos corpos sociais". A legalização do Clube Recreativo Cultural e Desportivo Brejos Faria, através de escritura pública ocorreu no Cartório Notarial da Moita, em 15 de Abril de 1994, tendo comparecido no acto, pelo Clube Recreativo Cultural e Desportivo brejos Faria, José Pedro Pais Pereira, Leal Anastácio de Sousa Borralho, Avelino, da Silva Sousa, Florival da Encarnação Afonso, António Rodrigues Simões,

António Brinca, mestre de Jogo do Pau.

Casimiro Manuel António, Manuel António da Costa, Joaquim Manuel Correia Vieira, João Isabel Virtuoso, Armando de Sousa Borralho, Francisco Soares Nogueira e Henrique Manuel Correia Vieira. No artigo 2º dos estatutos define os seus propósitos: "...tem como fins a formação social e cívica dos seus sócios, através da promoção e desenvolvimento de actividades de caracter recreativo, cultural e desportivo. A publicação no Diário da República sucedeu em 7 de Junho de 1994, e tem o reconhecimento de Utilidade Pública a partir de 31 de Agosto de 2000.

No capítulo da dinâmica cultural e desportiva mantêm uma actividade regular e uma preocupação constante em melhorar as suas instalações, com vista a proporcionar a atletas e sócios espaços de qualidade adequada ao desporto, cultura e convívio, mantendo como linhas de rumo estratégicas a formação, educação e segurança, procurando desenvolver um trabalho participado com as escolas e autarquias. Já teve uma escola de música e um atelier de tapeçaria. Actualmente desenvolvem as seguintes actividades: ginástica (infantil, juvenil e senior), escola de jogo do pau, tiro ao alvo, karate, chinquilho, jogos tradicionais (petanca, jogo do burro), atletismo, escola de teatro, escola de música, tempos livres para crianças dos 3 aos 6 anos (ensino sobre jogos tradicionais e movimento associativo), que contam com a colaboração de algumas entidades como a Câmara Municipal da Moita, Junta de Freguesia de V. Amoreira, INATEL de Setúbal, Instituto do Desporto de Setúbal, Instituto da Juventude de Setúbal. Participam habitualmente nas Festas do Vale da Amoreira, comemorações do 25 de Abril, Semana Cultural do Concelho, e comemoram habitualmente o Dia Internacional da Mulher, Dia Mundial da Criança, Aniversário do Clube, São Martinho, Festa de Natal e passagem do Ano entre outras.

O jogo do pau é a modalidade que tem

Escola de Jogo do Pau.

proporcionado mais notoriedade ao Clube Recreativo Cultural e Desportivo Brejos Faria. Funciona com 14 atletas e tem como instrutor o Mestre Paulo Brinca. A projecção do jogo do pau do clube tem sido alcançada pela qualidade e competência de Mestre e alunos e as 27 demonstrações no último ano, um pouco por todo o país, bem demonstram a sua aceitação. Ao desempenho e condições da Escola do Jogo do Pau não é alheio o protocolo realizado entre o clube e a Câmara Municipal para fomento da modalidade, que é também uma arte portuguesa. Em 1999, nas instalações do clube, realizou-se o 7º Encontro Nacional do Jogo do Pau, com a presença de 13 escolas. No Clube Recreativo, Cultural e Desportivo dos Brejos Faria encontra-se sediada a Federação Portuguesa de Jogo do Pau.

A dinamização dos mais jovens também é uma orientação muito vincada no clube, com a implementação da ginástica, que conta com cerca de 40 atletas e tem como monitora Florbela Teixeira. Foi criada a secção de teatro, que agrupa 12 crianças e é dirigida pela monitora Sheila, e uma escola de música/orgão, orientada por Noélia Costa e que funciona com 8 crianças.

De recente criação o tiro ao alvo é, no entanto, a única modalidade em que o clube participa em competições de âmbito nacional, designadamente o Campeonato Nacional, Distrital e Campeonato do INATEL. A introdução da modalidade no clube teve a cooperação da Câmara Municipal da Moita, que comparticipou as linhas de tiro e da federação da modalidade, que orientou a instalação das carreiras de tiro, tendo esta última estabelecido um protocolo com a colectividade de modo a que todos os interessados no desenvolvimento da modalidade possam treinar e competir.

Em Novembro de 2000 o Clube Recreativo Cultural e Desportivo dos Brejos Faria levou a efeito aquela que se traduziu desde logo numa grande realização: I Grande Prémio de Atletismo. Com a colaboração da Câmara Municipal da Moita, Junta de Freguesia do Vale da Amoreira e Junta de Freguesia de Alhos Vedros, além de empresários locais e nacionais, o Clube Recreativo Cultural e Desportivo dos Brejos Faria montou uma prova bem atractiva que colheu a participação de centenas de atletas, num percurso que incluiu artérias de Alhos Vedros e Vale da Amoreira.

Alfabetização.

Escola de Música.

Para apoio logístico e deslocação de atletas o Clube Recreativo Cultural e Desportivo dos Brejos Faria adquiriu um autocarro de 20 lugares, com o qual o clube organizou ainda excursões a locais de interesse geral e idas à praia.

O Clube Recreativo, Cultural e Desportivo dos Brejos Faria é filiado nas seguintes federações: Federação Portuguesa das Colectividades de Cultura e Recreio, Federação Portuguesa de Jogo do Pau, Federação Portuguesa de Campismo, Federação Portuguesa de Karaté, Federação Portuguesa de Tiro, Federação Portuguesa de Ginástica, Federação Portuguesa de Petanca, Associação de Geminação da Baixa da Banheira.

No horizonte da colectividade encontra-se a melhoria das instalações com vista a criar condições óptimas para funcionamento do teatro, escola de música, chuinquilho, biblioteca e sala de estudos.
A sede da colectividade funciona na Rua de Macau, nº56, Brejos Faria.

Os actuais corpos gerentes, para os anos 2000/2002, são constituídos por Paulo Alexandre Furtado Silva (presidente da Mesa da Assembleia Geral), Joaquim José dos Santos (vice-presidente), Ana Cristina Gomes Silva Santos (1ª secre-

Linha de Tiro.

Classe de Ginástica.

tária), João Francisco Martins dos Santos (2º secretário), José Pedro Pais Pereira (presidente da Direcção), Maria Nazaré Silva Loureiro (vice-presidente), Francisco Marques Pousinho (tesoureiro), Graciano de Almeida Sousa Loureiro (vice-presidente), Sheila Andreia Lopes Lampreia (1º secretário), Walter Pereira Abrantes (2º secretário), Manuel Luís Martins Jesus (3º secretário), José Luís Marcelino Jesus Rosa, Luís José Botas Timóteo, Horário João M. Peralta, Paulo Sérgio Barros Pereira, Pedro Nuno Oliveira Rijo (vogais), Armando Sousa Borralho (presidente do Conselho Fiscal), Celso Manuel Jacinto (1º secretário) e Manuel Martins dos Santos (relator).

Sede.

GRUPO DESPORTIVO E RECREATIVO PORTUGAL

Por circunstâncias de uma descolonização imperfeita, milhares de pessoas foram obrigadas a abandonar as ex-colónias portuguesas, Angola, Cabo Verde, Moçambique, Guiné Bissau e adaptarem-se a outros continentes para que suas vidas e dos seus familiares fossem protegidas e assim se conquistar novamente a sua estabilidade familiar e profissional. Como é óbvio grande parte dessas pessoas optaram por Portugal em virtude de ser o país colonizador e tendo a mesma expressão linguistica, o que se antevia desde logo de melhor adaptação. Assim, foram chegando a Portugal por volta de 1975, e distribuindo-se por todo o país. No Vale da Amoreira, pertencente na altura à freguesia da Baixa da Banheira, encontraram acolhimento numerosos refugiados, que se instalaram, grande parte deles, no Bairro de Fundo Fomento.

A integração dos novos residentes fez-se, também, pelo desporto e pela cultura, através da constituição de colectividades de que é exemplo o Grupo Desportivo e Recreativo Portugal, a qual teve origem numa equipa de futebol denominada "Merengues", que ia participando em torneios particulares. Este precedente fez com que outros criassem um outro grupo, "Os Académicos", e quando as duas equipas se encontravam havia sempre

A primeira Sede.

Biblioteca infantil.

pequenos confrontos, comuns a equipas do mesmo bairro. Coerentemente os dirigentes das duas equipas resolveram reunir esforços para criar uma colectividade de desporto e recreio, com outra dimensão. A primeira reunião teve lugar no armazém do café "O Manel", da qual saiu uma comissão para levar a bom termo o projecto de uma colectividade única. A primeira assembleia geral realizou-se no refeitório de uma empresa que na altura tinha finalizado as suas obras no bairro, onde foi votado o nome e as cores do clube, que por consenso ficou Grupo Desportivo e Recreativo Portugal, cujas as cores são branco e vermelho.

Tudo caminhava a bom ritmo, faltando agora a sua legalização oficial o que aconteceu no dia seis de Janeiro de 1977 data da sua escritura no Cartório Notarial da Moita, sendo publicado no Diário da República, nº77, III série de um de Abril de 1977, e no Governo Civil do Distrito de Setúbal em onze de Agosto de 1977, com a data da sua fundação em catorze de Novembro de 1976. No art. 2º define os seus objectivos: "A colectividade tem por fim proporcionar aos seus membros, distracções e divertimentos, que não sejam ofensivos da moral ou dos bons costumes, designadamente festas, espectáculos, jogos lícitos e a realização de sessões culturais e desportivas, conducentes à melhor preparação física e intelectual dos seus associados.".

Depois de oficializado seguiram-se todos os movimentos no sentido de criar a sua sede social sendo necessário para o efeito recorrer a um peditório no Bairro que foi elaborado pelos primeiros responsáveis pela sua criação. Colocaram mãos à obra sem quaisquer tipo de autorização correndo assim um grande risco, iniciando então a sua construção, aproveitando o espaço de uma das instalações demolidas da empresa, pois aquele espaço já estava cimentado o que era meio caminho andado, atendendo que as dificuldades financeiras eram muitas e portanto só

faltavam as paredes e o tecto.

Como não existia verba para a compra de materiais não restou aos obreiros senão aproveitarem as madeiras que encaixotaram e que conseguiram trazer do Ultramar. Levantaram paredes e cobriram uma área de 500 m2. A reacção das entidades oficiais logo se fez sentir, mandando embargar a construção pois a mesma era ilegal, atitude essa que não desmotivou os responsáveis do Clube, que de imediato se deslocaram à Câmara Municipal da Moita afim de esclarecer o assunto, argumentando estes que o local previsto para a sede não era aquele mas sim outro. Mas a Câmara cedeu, disponibilizando provisoriamente o terreno. Foi necessário recorrer novamente a alguns peditórios juntando-se a este algumas iniciativas da Direcção para se conseguir angariar verbas para a compra de madeiras e pregos, pois os caixotes não davam para tudo.

Depois de construída a sede, esta passou a ser ponto de encontro da maior parte dos habitantes, o que fez com que o número de associados crescesse passando o clube a possuir uma maior autonomia financeira, pois o objectivo era a fomentação das actividades desportivas, culturais e recreativas para as quais sem verbas

1.ª equipa do GDRP.

Festa de Natal.

tornava-se praticamente impossível até porque os apoios oficiais eram poucos ou quase nulos.

Em 1977 iniciam as actividades desportivas com a prática do futebol, participando em alguns torneios particulares no Distrito e no País.

Como os resultados e comportamentos nas referidas participações davam boas perspectivas e atendendo ao desenvolvimento da modalidade, decidiu-se então filiar o Clube na Associação de Futebol de Setúbal, passando este a ser federado na modalidade em Agosto de 1977, afim de poder participar nos Campeonatos Distritais.

O seu 1º campeonato oficial foi disputado na época de 1977/78, na 2ª Divisão Distrital, tendo depois vencido à 3ª Divisão Distrital, onde se veio a sagrar campeão na época de 1983/84. A primeira equipa federada tinha a seguinte constituição: Helder Damião, Jorge Pires, Mikota, Féfé, Mequito, Paulo Teodoro, Bento, Eurico, Neco, Antunes, Luis Filipe, Augusto Amaral, Luís Pereira, Filipe Maia e Raul Ramalhoso (treinador).

Este facto, levou com que os mais jovens fossem influenciados a praticar a modalidade, pelo que houve necessidade de inscrever uma equipa de iniciados (11/12 anos) na época de 1989/90 para que mais uma camada etária fosse contemplada à prática desportiva, tendo esta alcançado

um honroso 2º lugar na série do torneio da DGD. Altos e baixos atravessou o clube. Porém, em 1988, um forte vendaval destrui-a, iniciando-se imediatamente a construção de uma outra em alvenaria em terreno da Câmara Municipal e na qual colaboraram muitos dos seus associados a até alguns dos seus atletas dedicados.

Utilizando o campo municipal daquela freguesia, o Desportivo Portugal chegou a manter uma actividade de mais de 100 futebolistas que disputavam provas em vários escalões etários e, para sua glória, em 1994, foi Campeão Distrital de Setúbal (3ª Divisão) em seniores. Porém, as muitas dificuldades que o futebol acarreta, não tem permitido realizar outros acontecimentos dignos de realce.

Pratica, no entanto, futebol a nível das escolas, ininterruptamente desde a época de 1986/87, nos campeonatos distritais de Setúbal. Pratica ainda futebol de cinco e para veteranos, luta greco-romana, e luta olímpica, possuindo aqui uma escola de inegável valor, recheada de extraordinários atletas.

António Meireles e Paulo Gonçalves foram louvados individualmente pela

Equipa de Futebol GDRP, inicio dos anos 80.

Associação de Lutas Amadoras, pela sua participação no Torneio Internacional "Cidade de Almada".

Angelo Estevão, David Vaz, Alberto Medina, Tiago Ferreira e Ricardo Coelho, foram campeões nacionais individuais.

António Meireles foi 6º classificado no Torneio Internacional de Barcelona onde foi defender as cores nacionais.

Paulo Gonçalves foi 6º e 4º classificado nos torneios Internacionais na Hungria e em Milão, respectivamente.

Ricardo Coelho e Angelo Estevam foram recentemente seleccionados para os Jogos Mundiais da Juventude a realizar em Moscovo.

Muitos outros atletas destas modalidades olímpicas, se destacaram com as suas prestações o que bastante dignifica o Grupo Desportivo e Recreativo Portugal, a Vila da Baixa da Banheira e até Portugal, por isso aqui referimos tantos quantos conseguimos apurar: Carla Amaral, Vanessa Simões, Verónica Correia, Cláudio Silva, Tiago Ferreira, Vitor Pereira, Carlos Andrade, Mauro Oliveira, Débora Ferreira, Sorraia Valente, Liliana Correia, Ariane Centeno, Iderrisse Monteguessel, Emanuela Oliveira, Nelson Estevão, Carlos Rumião, Paulo Gonçalves, Alberto Covas e Sandra Rodrigues.

De realçar que a Federação Portuguesa

Lutas amadoras.

Futebol 2.

de Lutas Amadoras convocou os sete primeiros atletas desta referência para os treinos da selecção nacional em vários escalões etários.

Com a Operação de Revitalização Urbana do Vale da Amoreira, que incluiu intervenções no movimento associativo, o Grupo Desportivo Portugal tem a aguardar conclusão da sua nova sede.

Os actuais corpos gerentes são constituídos por José Pedro Pais Pereira (presidente da Direcção), Américo José Lourenço Salvado Junior (vice-presidente), Rui António Bastos Castanheira (tesoureiro), Cecília do Carmo Vinagre, José Manuel Carita Correia, Verónica Cristina Oliveira Correia, Edilson Dias dos Santos, José Martinho Carlos (presidente da Assembleia Geral) Serafim da Costa Campos e Carlos Alberto da Silva Pereira (Conselho Fiscal).

1.ª equipa de infantis, 1997/98.

JUVENTUDE SÓCIO-CULTURAL E DESPORTIVA DAS FONTAÍNHAS

Fundada em 1 de Julho de 1996 a Juventude Sócio-Cultural das Fontaínhas (Vale da Amoreira), é o resultado do dinamismo e expansão desta freguesia e tem como objectivo a integração do desporto e da cultura na sociedade onde se insere que, segundo os seus criadores, não pode passar sem o desporto e a cultura, indispensáveis à vida dos indivíduos cuja função é ajudar a corrigir as imagens artificiais e deformadas por sociedades agressivas e bem servir os seus sócios e a população do Vale da Amoreira. No artº2 dos estatutos define os seguinte objectivos: "...consiste na promoção Cultural, Desportiva e Recreativa dos seus associados e estende-se a toda a população local.".

Foram fundadores da colectividade: Artur José Mira Fortunato (+) (presidente da Assembleia Geral), António José Respeita Calado (1º secretário), Inácio José Dias Francisco (presidente da Direcção), Manuel Domingos Castelo Rosa (secretário geral), Marina Isabel Pereira dos Santos (1º secretário geral), Sérgio Manuel Laranjeiro Ratinho (vice-presidente), Carla Maria Pinho Teixeira (director financeiro), Francisco José Vaz Bernardo (director das actividades desportivas), Augusto Manuel Pinto do Paço (director das actividades culturais), Fernando Miguel Santos Condenço (secretário das actividades cultu-

Equipa de Iniciados que subiu a Juvenil, 1999/2000.

rais), António Bastos Mendes (director das actividades recreativas), José Carlos Brito Vieira (secretário das actividades recreativas), António José Salgueiro Faustino (director comercial, publicidade e propaganda), António de Sousa Conceição (secretário comercial, publicidade e propaganda), Delicinio Manuel Ferreira Dias (+) (presidente do Conselho Fiscal), Dinis José de Almeida Figueiredo (1º secretário) e João Clara Alves (2º secretário).

Aquando a fundação da Juventude Sócio-Cultural das Fontaínhas já existiam outras colectividades no Vale da Amoreira mas, no entanto, na zona Poente a vida associativa era praticamente nula, sem actividades. É então que o grupo dos fundadores da colectividade decide tomar a iniciativa de dinamizar culturalmente o polidesportivo instalado nas Fontaínhas e que já apresentavam sinais de alguma degradação. Começaram com bailes e espectáculos de variedades, contando com a actuação de renomadas figuras da cena artística nacional. Foram, assim, angariando alguns fundos para patrocinar a parte desportiva, designadamente os escalões de futebol de salão. No futebol de salão a Juventude Sócio-Cultural das Fontaínhas conseguiu importantes resultados nos torneios particulares em que participou, em juniores e juvenis, e assim o futuro

da modalidade na associação prometia ser bem auspicioso. Com o aval da Junta de Freguesia do Vale da Amoreira, dirigentes e simpatizantes metem mãos à obra na recuperação do polidesportivo. Em 1996, no final de uma das "Noites de Verão" é anunciado, perante mais de 300 pessoas, o nome da novel colectividade: Juventude Sócio-Cultural das Fontaínhas. O facto de a maior parcela de atletas, cerca de 70, serem jovens, mas também pela aposta na juventude, os "carolas" assumiram na designação da colectividade a prioridade "Jovens".

A cedência do polidesportivo nunca foi oficializada, mas apesar disso a Juventude Sócio-Cultural continuou a praticar o seu futebol de salão, inscrevendo-se, a nível oficial, nas competições da Federação Portuguesa de Futebol de Salão, o que ocorreu na época 1997/98. Inicia as provas oficiais, na Divisão Nacional, com as equipas de iniciados, juniores e juvenis. Formaram ainda uma equipa feminina, que não chegou a disputar as provas oficiais. Com capacidade financeira muito frágil, o Juventude Sócio-Cultural utiliza para as deslocações fora as viaturas dos treinadores e/ou atletas e simpatizantes e em casa aluga e joga no recinto do Beira-Mar do Lavradio ou, esporadicamente, no pavilhão da Escola Mouzinho da Silveira. Em 1998/99, o "colapso" financeiro afasta o clube das provas oficiais, mantendo, contudo,

1.ª linha – Equipa de Juvenis, 2000/01.
2.ª linha – Equipa de Iniciados, 2000/01.

Equipa de Iniciados, 2000/01 (vermelho).
Em jogo com a equipa do Centro Comunitário da Fonte da Prata.

presença em inúmeros torneios populares. Em 1999/2000 regressam às competições oficiais, entrando pela Divisão Regional, e são campeões regionais com a equipa de iniciados. Nesse ano quedam-se por um 2º lugar na Taça de Portugal. Em 2000/2001, inscrevem iniciados e juvenis no campeonato nacional, alcançando um 5º e um 7º lugar.

A par da actividade intensa no futebol de salão o Juventude Sócio-Cultural das Fontaínhas continuou sempre as suas sessões de "Noites de Verão". Em 1999 faz uma aposta arrojada e traz às Fontaínhas as estrelas da música pop Iran Costa e Santa Maria, iniciativa que não trouxe os benefícios económicos desejados.

Produtora de talentos futebolísticos muitas vezes aproveitados por outros clubes, o projecto do Juventude Sócio-Cultural das Fontaínhas vai para além do futebol e dos bailes, que marcaram o início da colectividade. Neste momento sonham já em concreto com a disponibilidade de um espaço para a futura sede, que comportará, entre outros, salão para festas, ginásio, recinto para a prática de futebol, andebol, basquetebol, ténis, e sala de informática. O projecto já foi oferecido por um amigo da colectividade.

A Juventude Sócio-Cultural e Desportiva das Fontaínhas, tem a sua sede social

Equipa de Juvenis, época 2000/01.

na avenida Alfredo Dinis, lote 70, Centro Comercial das Fontaínhas, loja 12 – Vale da Amoreira. Funciona desde sempre, salvo raras excepções em que utiliza as instalações da Junta de Freguesia do Vale da Amoreira ou as dos Bombeiros Voluntários da Moita, no café "Zig-Zag".

Os actuais corpos gerentes são constituídos por: Jorge Manuel Martins da Graça (presidente Mesa Assembleia geral), Francisco Gama Simão de Matos (vice-presidente), Teresa de Fátima Pinho Teixeira (1º secretário), Inácio José Dias Francisco (presidente da Direcção), Maria Florinda de Jesus Gomes (vice-presidente), Rui Miguel Rosa Bernardo (1º secretário geral), Helder António Ramos Pires Lobo (director financeiro), Carla Maria Pinho Teixeira (directora das actividades desportivas), António José Salgueiro Faustino (director adjunto das actividades desportivas), Augusto Manuel Pinto do Paço (director das actividades culturais), Constantino Gonçalves Cabrita Sequeira (director adjunto das actividades culturais), José Carlos Domingues Ribeiro (director comercial de marketing publicidade e imagem), João Clara Alves (presidente do Conselho Fiscal), Francisco José Vaz Bernardo (1º secretário) e Acácio Russo Andrade (2º secretário).

Nota Final

Não obstante possuir apenas 60 anos de existência, como agregado populacional, a Baixa da Banheira acusa tão grande número de instituições associativas que a poderemos considerar um verdadeiro manancial nesta particularidade!

Para além desta enorme quantidade de colectividades de Cultura, Recreio e Desporto, tem sido também alfobre de associativismo específico, alguns representando o próprio Concelho da Moita e até o Distrito de Setúbal.

Estão neste caso a Associação de Amizade Portugal-Países Socialistas (hoje Yuri Gagarine), Núcleo da Moita; Comissão de Paz e Solidariedade do Concelho da Moita; Jogos Juvenis da Moita (já extinto); Associação de Paraquedistas do Sul e Associação de Lutas Amadoras de Setúbal (hoje sediada em Coina "Barreiro").

Das locais contam-se Associação de Geminação Ville Plaisir (França) e Pinhel (Portugal); três Centros de Reformados; Comissões de Moradores; Cooperativa de Habitação; Cooperativa de Consumo; Associação de Dadores de Sangue; Asso-

ciação de Condomínios, Movimento Democrático de Mulheres; Grupo Nacional de Escutas, Associação Pioneiros de Portugal; Núcleo Jovem do Vale da Amoreira; Comissão de Festas da Baixa da Banheira, Rádio Arremesso; Jornal "Terra de Esperança"; Jornal "A Voz da Vila", suspendeu a sua publicação em 1996 após dez anos de publicação regular e Jornal da Vila.

A Baixa da Banheira teve também várias Comissões de Melhoramentos e o Núcleo Amigos da Baixa da Banheira, fundado em 1959 que se extinguiu em 26 de Janeiro de 1967 aquando da elevação da nossa terra a freguesia.

Desta maneira, em tempo oportuno, temos intenção de vir a apresentar uma outra monografia, do movimento social banheirense, já que neste volume apenas tratámos o campo do Recreio, da Cultura e do Desporto.

Foi tudo isto que, ao longo dos seus mais de 60 anos de existência, fez da Baixa da Banheira uma TERRA SINGULAR E ADMIRÁVEL.

Índice

Preâmbulo 6
Preâmbulo 1.ª Edição 8
Bibliografia do Autor 10
Prólogo 12
• Freguesia de Baixa da Banheira 15
Associação de Paraquedistas do Sul 16
Banheirense Futebol Clube 28
Casa do Benfica da Baixa da Banheira 34
Centro de Atletismo da Baixa da Banheira 40
Clube Náutico da Barra a Barra 48
Clube União Banheirense "O Chinquilho" 52
Ginásio Atlético Clube 70
Grupo Columbófilo Banheirense 120
Grupo Desportivo Quinta do Facho 124
Grupo de Futebol Azul e Oiro 128
Juventude Futebol Clube 134
Núcleo de Ciclismo da Baixa da Banheira 140
Núcleo Sportinguista Banheirense 144
Sociedade Recreativa Baixa da Serra 148
Sociedade Recreativa e Cultural União Alentejana 156
Sporting Clube Banheirense 166
União Desportiva e Cultural Banheirese 172
Velha Guarda Banheirese 182
• Freguesia de Vale da Amoreira 187
Associação Inter-Cultural do Vale da Amoreira e Baixa da Banheira 188
Centro de Atletismo do Vale da Amoreira "CAVA" 194
Clube Recreativo, Cultural e Desportivo Brejos Faria 200
Grupo Desportivo e Recreativo Portugal 208
Juventude Sócio-Cultural e Desportiva das Fontaínhas 216
Nota Final 222